



Universidade do Estado do Pará
Centro de Ciências Sociais e Educação
Programa de Pós-Graduação em Educação
Linha de Pesquisa: Saberes, Cultura e Educação na Amazônia



**Carlos Augusto Valente de Novaes: saberes geográficos
no ensino secundário brasileiro (1892-1923)**

Eugênio Edberson Trindade Júnior

Belém - PA
2023



Universidade do Estado do Pará
Centro de Ciências Sociais e Educação
Programa de Pós-Graduação em Educação
Linha de Pesquisa: Saberes, Cultura e Educação na Amazônia

Eugênio Edberson Trindade Júnior

**Carlos Augusto Valente de Novaes: saberes
geográficos no ensino secundário brasileiro
(1892-1923)**

Belém – PA
2022

Eugênio Edberson Trindade Júnior

**Carlos Augusto Valente de Novaes: saberes
geográficos no ensino secundário brasileiro
(1892-1923)**

Texto apresentado para defesa de dissertação de Mestrado em Educação, da Linha de Pesquisa Saberes Culturais e Educação na Amazônia, do Programa de Pós-Graduação em Educação, do Centro de Ciências Sociais e Educação, da Universidade do Estado do Pará, sob **orientação da Prof^a. Dr^a. Maria do Perpétuo Socorro Gomes de Souza Avelino de França.**

Belém-PA
2022

Eugênio Edberson Trindade Júnior

Carlos Augusto Valente de Novaes: saberes geográficos no ensino secundário brasileiro (1892-1923)

Texto apresentado para defesa de dissertação de Mestrado em Educação, da Linha de Pesquisa Saberes Culturais e Educação na Amazônia, do Programa de Pós-Graduação em Educação, do Centro de Ciências Sociais e Educação, da Universidade do Estado do Pará, sob **orientação da Prof^a. Dr^a. Maria do Perpétuo Socorro Gomes de Souza Avelino de França.**

Data de avaliação: ____ / ____ / ____

Banca Examinadora:

Prof.^a Dr.^a Maria do Perpétuo Socorro Gomes de Souza Avelino de França -UEPA - Orientadora

Prof.^a Dr.^a Ivanilde Apoluceno de Oliveira - UEPA - Membro interno

Prof. Dr. Genylton Odilon Rêgo da Rocha – UFPA - Membro externo

Belém-PA
2022

Dedico essa pesquisa às mais de seiscentas mil
vidas que pereceram em um marco histórico.

AGRADECIMENTOS

Embora a pesquisa seja um trabalho muito solitário, existem pessoas que fazem dele um caminho mais fácil. São essas pessoas que quero agradecer agora. Elas foram fundamentais na realização de sonhos.

Camila Rendeiro, mulher forte e inteligente, esteve ao meu lado, me apoiando e ajudando desde o dia em que decidi fazer o processo seletivo do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado do Pará – UEPA. Sem suas contribuições, leituras e incentivo essa pesquisa não seria possível.

Minha grande amiga, Fabíola Cabral, que começou esse sonho junto comigo e se tornou uma grande incentivadora dele. Nunca me deixou fraquejar, nem desistir. Segurou minha mão e seguiu ao meu lado durante todo o caminho, fazendo de tudo para me ajudar a finalizar essa etapa da minha vida acadêmica, mesmo com todas as adversidades.

Fabíola Castro, outra grande incentivadora desse sonho, sempre ouviu minhas lamentações, frustrações, alegrias e planos para essa pesquisa, sem nunca deixar o meu espírito esmorecer diante das dificuldades, me ajudando a vencer cada obstáculo que apareceu pelo caminho.

Minha gratidão a Ramon Barroso e Cynara Santos que também iniciou esse sonho junto comigo e mesmo com pesquisas tão distintas sempre se dispôs a contribuir com as discussões que faço nesse texto. Esteve sempre com os ouvidos atentos aos meus questionamentos e caminhou comigo na busca pelas respostas.

Minha gratidão a Regiane Britto Por todo carinho, cuidado e amor que me dedica. Sem sua ajuda essa pesquisa não seria possível.

Agradeço a Fernando Simas, que na reta final desse trabalho me deu todo apoio, carinho e incentivo.

Agradeço imensamente à minha Orientadora Maria do Perpétuo Socorro Gomes de Souza Avelino de França, uma das intelectuais mais sensíveis com quem tive o prazer de desenvolver esse estudo. Muito além de uma professora, uma amiga! Sempre disposta a ouvir as minhas dificuldades e a contribuir nas resoluções destas. Esteve comigo em todos os momentos da pesquisa e mesmo o isolamento social não nos permitindo contato, se fez presente.

Agradeço a minha família, que mesmo de longe, esteve ao meu lado em mais essa trajetória.

Por fim, agradeço ao Programa de Pós-graduação em Educação por todos os ensinamentos que recebi dos mestres que fizeram parte dessa etapa. Agradeço ao Grupo de Pesquisa História da Educação na Amazônia – GHEDA, por todo desenvolvimento intelectual que me proporcionou e por todos os amigos que me deu. Agradeço ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq, pelo incentivo financeiro que disponibilizou para que a pesquisa pudesse ser feita com maior dedicação.

Meu muito obrigado a todas essas pessoas e instituições que junto a mim tornaram esse sonho realidade.

“A imaginação não se torna grande, até que os seres humanos, se tiverem a coragem e a força, a usem para criar”.

Maria Montessori

TRINDADE JÚNIOR, Eugênio E. **Carlos Augusto Valente de Novaes: saberes e práticas geográficas no ensino secundário brasileiro (1892-1923)**. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade do Estado do Pará, Belém, 2022.

RESUMO

A pesquisa realizada no Programa de Pós Graduação em Educação da Universidade do Estado do Pará, na Linha Saberes Culturais e Educação na Amazônia, no Grupo de Pesquisa História da Educação na Amazônia, linha Instituições Educativas, Intelectuais e Impressos, de natureza histórico educacional tem por objetivo geral analisar o pensamento do Dr. Carlos Augusto Valente de Novaes sobre o ensino de Geografia na obra "Geographia Secundaria" 4ª edição de 1923. São seus objetivos específicos: traçar a vida pessoal e profissional desse intelectual; analisar a influência do positivismo na construção da obra Geografia secundária e identificar os saberes geográficos e as bases teóricas veiculados na obra. A base teórica desta investigação tem como referência Bobbio (1997), Sirinelle (2003), Moraes (2007), Lacoste (1989) Moreira (1987), Lencione (2009), Rocha (1997, 1996 e 2016), Orlandi (2020, 2013 e 1998), Boligian (2010), Carvalho (2012), Silva (2012), Ângelo (2014), entre outros. A obra de Geografia do Ensino Secundário do Dr. Carlos Augusto é um lugar de memória do seu pensamento sobre saberes e práticas geográficas a serem difundidos aos jovens nas instituições de ensino secundário no País. Homem de letras e ciências, natural de Cametá no Estado do Pará, projetou-se nacionalmente como político, médico, educador e escritor. Influenciado pelo positivismo considerava a Geografia uma ciência "*tão útil, tão instructiva e tão interessante*" para o conhecimento da Terra e de seus habitantes, afirmando que não há ninguém no mundo que não tenha necessidade de conhecê-la. Utilizou-se da linguagem matemática na construção de sua obra, mas lançou mão várias vezes de imagens para tornar o ensino da geografia compreensível aos discentes. Fundamentam-se em físicos, matemáticos, astrônomos, estudiosos dos mares na produção da sua obra, mas, nesse processo, cria conhecimentos novos a partir de suas experiências como professor de Geografia no ensino secundário.

Palavras chaves: Carlos Novaes; Saberes Geográficos; Geographia Secundaria; História da Educação; Estado do Pará

TRINDADE JÚNIOR, Eugênio E. **Carlos Augusto Valente de Novaes**: the work geographia secundaria and geographic knowledge in brazilian secondary education (1892-1923). Dissertation (master in education) – University of the state of Pará, Belém, 2022

ABSTRACT

The study made in the Program of Postgraduate in Education of University of State of Pará, in Culture Knowledges Line and Education at Amazonia, from Group Search Education History at Amazonia, line Educational Institutions, Intellectuals and Prints, of historical educational nature, has a general objective of analyze the thoughts of Dr. Carlos Augusto Valente de Novaes about education of Geography in “Geographia Secundária” 4th edition from 1923. These are the specific objectives: analyze the influence of positivism in the construction of the book Geographia Secundária and identify the geographic knowledges and theories associated to the book. The theoretical bases of this investigation have as reference Bobbio (1997), Sirinelle (2003), Moraes (2007), Lacoste (1989) Moreira (1987), Lencione (2009), Rocha (1997, 1996 and 2016), Orlandi (2020, 2013 and 1998), Boligian (2010), Carvalho (2012), Silva (2012), Ângelo (2014), and others. The work “Geografia do Ensino Secundário” from Dr. Carlos Augusto is a memory place to his thoughts about knowledges and geographic practices to be widespread to young people at high schools in the country. A man of word and science, from Cametá at State of Pará, made himself like a political, a doctor, a teacher and a writer. Affected by positivism considered Geography a science “so useful, so instructive and so interesting” to the knowledge about the Earth and its population, affirming that there’s nobody in the world that shouldn’t know it. He had used a mathematical language to build his work, but had used some images to be accessible to understand to his students. Are based in physicists, mathematicians, astronomers, scholars of the seas, but, in this process, created new knowledges from his experiences like a teacher of Geography in high school.

Key words: Carlos Novaes; Geographic Knowledges; Geographia Secundaria; Education’s History; State of Pará.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Capa do Livro Geographia Secundária do Dr. Carlos Novaes	41
Figura 2 - Busto do Dr. Novaes	47
Figura 3 - Ajuda de custo do governo com os estudos do Dr. Novaes.	53
Figura 4 - Aprovação com êxito de Carlos Novaes no curso de medicina	53
Figura 5 - Aprovação de Carlos Novaes no 3º ano do curso de medicina 1976	54
Figura 6 E 7 - Relação dos alunos que fizeram doutoramento no ano de 1878	55
Figura 8 - Propaganda de uma pílula criada pelo Dr. Novaes	57
Figura 9 - Agradecimento ao Dr. Novaes por seu trabalho como médico	58
Figura 10 - Nomeação do Dr. Novaes para a cadeira de história do Lyceu Paraense	59
Figura 11 - Nomeação do Dr. Novaes para professor de Filosofia do Lyceu Paraense e para o conselho de instrução pública	59
Figura 12 - Nomeação do Dr. Novaes como Professor de Geografia do Lyceu Paraense	60
Figura 13 - Nomeação do Dr. Novaes para o cargo de Delegado de Instrução Pública	61
Figura 14 - Nomeação do Dr. Novaes para a comissão de criação do Lyceu de Artes e Ofícios do Pará	62
Figura 15 - Nomeação do Dr. Novaes para vice-diretor do Lyceu Paraense	63
Figura 16 - Dr. Novaes examinador de escolas	63
Figura 17 - Dr. Novaes presidente do exame de Geografia especial do Brasil	64
Figura 18 - Dr. Novaes examinador da cadeira de história	64
Figura 19 - Dr. Novaes Examinador da Faculdade Livre de Direito	65
Figura 20 - Emenda do Dr. Novaes sobre a manutenção da verba destinada ao Colégio dos Educandos do Pará	66
Figura 21 - Aposentadoria do Dr. Novaes da carreira escolar	66
Figura 22 - Homenagem do Gymnasio Paes de Carvalho ao Dr. Novaes por ocasião de sua morte	68
Figura 23 - Capa do livro de Cruz Costa 1ª edição de 1956	77
Figura 24 - Observação da esfericidade da Terra	86
Figura 25 - Observação da Terra no espaço	87
Figura 26 - Ilustração das feições costeiras, suas classificações e enumerações	90
Figura 27 - Movimento de rotação da Terra a partir da experiência de Jean Foucault	100
Figura 28 - Exemplo da Projeção de Flamsteed	101

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Obras de Carlos Novaes Publicadas entre 1892 e 1912	40
Tabela 2: Capítulos que serão abordados nesta pesquisa	42
Tabela 3: Exames de suficiência do ensino secundário do Dr. Carlos Novaes	51
Tabela 4: Conteúdos programados do programa de ensino dividido por série	108
Tabela 5: Disciplina e número de horas distribuídas nos 6 anos de estudo	111

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	13
1.1 Motivações da pesquisa.....	13
1.2 A construção e a definição de intelectuais	15
1.3 Breve histórico da Geografia como ciência e disciplina	19
1.4 Geografia e o Ensino	23
1.5 Problema e objetivos da pesquisa	27
2 METODOLOGIA DA PESQUISA	29
2.1 Vivenciando a pesquisa	29
2.2 Pesquisa sobre o sujeito estudado	32
2.3 Método e o tipo da pesquisa	36
2.4 Fontes de Pesquisa	39
2.5 Técnica de análise das fontes	42
3. “LEAL DE ANIMO, AFFAVEL DE TRATO, BOM E MODESTO DE NATUREZA”: CARLOS AUGUSTO VALENTE DE NOVAES, TRAÇOS BIOGRÁFICOS	47
4. AS NUANCES DA FILOSOFIA POSITIVISTA NA OBRA DE CARLOS AUGUSTO VALENTE DE NOVAES	71
4.1 As nuances do Positivismo e da Geografia	73
4.2 Positivismo no Brasil	76
4.3 Tendências positivistas na obra Geographia Secundaria do Dr. Carlos Augusto Valente De Novaes	83
5. SABERES GEOGRÁFICOS NA OBRA GEOGRAPHIA SECUNDARIA DE CARLOS AUGUSTO VALENTE DE NOVAES	97
5.1 As bases bibliográficas do compêndio Geographia Secundaria.	97
5.2 O Privilégio dos espaços e dos saberes	102
5.3 O Patriotismo e a Religiosidade temas permanentes no discurso	104
5.4 O compêndio e o programa de ensino escolar.....	107
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	112
FONTE	116
REFERÊNCIAS	116

1 INTRODUÇÃO

1.1 Motivações da pesquisa

Assim como o encontro de Carlos Ginzburg com Domenico Scandella (Menocchio), sujeito da pesquisa que originou o livro “O queijo e os vermes” (1976), se deu por acaso, posso dizer que de forma similar se deu o meu interesse pelo Dr. Carlos Augusto Valente de Novaes.

Ginzburg enquanto realizava uma pesquisa em Udine, Itália, no ano de 1962, no Arquivo da Cúria Episcopal, se deparou com uma sentença muito longa que tratava de um sujeito que sustentava a ideia de que o mundo tinha sua origem na putrefação, e por esse motivo foi julgado e condenado à fogueira, ponto que mais chamou a atenção de Ginzburg.

A história de Domenico Scandella e a de Carlos Augusto Valente de Novaes são completamente distintas, exceto pelo fato de serem dois intelectuais. O que une esses dois trabalhos é a forma despretensiosa como os sujeitos se apresentaram aos pesquisadores. Menocchio era um nome entre tantas anotações feitas pelo pesquisador, que estava à procura de bruxas e curandeiros para um estudo que realizava. Entretanto era um nome que ressurgia sempre em meio a seus papéis, como quem pedia para ser investigado.

O meu contato com o intelectual dessa pesquisa ocorreu em 2018 no Programa de Pós-Graduação Lato Sensu no Ensino de Geografia da Universidade Federal do Pará (UFPA), enquanto realizava o curso de especialização. Naquela ocasião tive acesso a uma curta biografia que apresentava Carlos Augusto Valente de Novaes como produtor de livros didáticos de Geografia.

Nesse programa realizei a investigação intitulada “*A história da disciplina Geografia e seu currículo no Colégio Estadual Paes de Carvalho (1889-1928)*”, com o objetivo de reconstituir a história da disciplina Geografia no Colégio.

Encontrei durante o estudo o documento: “Gymnasio Paes de Carvalho: programas de ensino” (1913, 1914, 1921, 1928, 1929, 1930), onde averigui a existência de obras didáticas produzidas por Carlos Augusto Valente de Novaes, eram elas, Geographia Secundaria (1908) e Geographia Especial ou Chorographia do Brazil (1912), como referências para o ensino secundário.

Com a finalização da especialização me submeti ao processo seletivo do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade do Estado do Pará

(UEPA) em 2019. Obtive êxito, ingressando no Programa para realizar o mestrado em 2020.

A princípio, tinha intenção de dar continuidade à pesquisa sobre a história da disciplina Geografia, no Lyceu Paraense, denominação do Ginásio Paes de Carvalho, na segunda metade do século XIX. As anotações feitas durante a especialização sobre autores de obras didáticas de Geografia utilizadas no curso secundário despertaram o meu interesse pelo intelectual Carlos Augusto Valente de Novaes

Foi daí que o escolhi como sujeito dessa pesquisa e dentre outros fatores, pelas inúmeras funções ocupadas na instrução pública do estado do Pará e por sua vida política.

Conhecido por Dr. Novaes, este autor nasceu no município de Cametá, cidade banhada pelas águas do rio Tocantins. Filho do Tenente do exército João Baptista de Novaes e da dona Rosa Lima Valente de Novaes, não pertencia a uma família abastada, mesmo assim, graças a uma ajuda do governo, formou-se em Medicina pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro (1887).

Após a formatura, retornou ao estado do Pará onde se dedicou à medicina e à magistratura. Como professor trabalhou em instituições de ensino, como o Lyceu Paraense (1886) e a Escola Normal (1886), nas disciplinas Geografia, História e Filosofia. Como escritor produziu obras sobre Geografia e Corografia do Brasil, História Natural, Física e Química. Como político projetou-se nacionalmente dos anos de 1893 a 1905.

Em pesquisas realizadas no Google sobre o Dr. Carlos Augusto Valente de Novaes, encontrei poucas informações sobre sua vida pessoal e profissional. Em um blog organizado por Luís Peres, chamado: “Cametá – Terra dos notáveis”, consta os seguintes dados:

Escritor, educador e político. Nasceu na cidade de Cametá e faleceu na cidade do Rio de Janeiro no dia 7 de novembro de 1915. Era formado em medicina mais abraçou a carreira do magistério exercendo por longos anos a cadeira de Geografia do Colégio Paes de Carvalho em Belém; publicou vários livros didáticos como: História Natural, Física Elementar, Geografia Elementar Especial do Estado do Pará, Geografia Primária, Geografia Secundária e Corografia do Brasil etc.

Foi Sócio Benemérito da Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro, Geógrafo de São Paulo, Member of the National Geografie da Society of the United of Nortyn America, Lente de Geografia na

Faculdade do Rio de Janeiro, Professor de Geografia da Física Normal do Distrito Federal. Afora outros títulos honrosos de seu currículo vitae. Não possuímos a data exata do seu nascimento (PERES, Cametá terra dos notáveis, 2013).

Essas evidências, embora muito gerais, acabaram me direcionando para a busca de fontes em repositórios, bibliotecas e arquivos digitais e físicos para traçar uma biografia de Dr. Carlos Augusto Valente de Novaes e conhecer mais sobre suas obras e ideias.

Quando me deparei com esse intelectual não sabia muito bem como interrogá-lo. Não sabia que perguntas seriam pertinentes fazer para compreender sua história de vida e profissional. A primeira ideia que tive foi construir sua biografia, mas isso não me pareceu suficiente, não por causa do gênero literário, mas porque sabia que poderia ir além.

1.2A construção e a definição de intelectuais

Para Bobbio (1997), os intelectuais existem desde sempre e não apenas no final do século XIX, com o uso do termo “Intelectual” por *Affaire Dreyfus*, primeiro na França e depois por todo o mundo. Ele chama de intelectuais aqueles que em outros tempos foram chamados de sábios, doutos, *Philosophes*, literatos, *gens de lettre*, ou mais simplesmente escritores, e, nas sociedades dominadas por um forte poder religioso, os sacerdotes e clérigos (BOBBIO, 1997).

Estudar a História dos intelectuais ou a história das ideias, como também é conhecida, é fundamental para a compreensão da sociedade e dos seus movimentos que são ocasionados pelas influências destes sobre a comunidade. Colaborando com essa ideia, “Gramsci (1982) afirma que a trajetória do intelectual pode se tornar a monografia de uma época. Para Lucien Febvre (2012) uma biografia do intelectual pode ser apresentada como uma história da sociedade” (WASSERMAN, 2015).

Os intelectuais, associando suas ideologias ao poder político e econômico, exercem sua influência sobre as mentes dos sujeitos pela produção e transmissão de ideias, símbolos, divisões do mundo, ensinamentos práticos e mediante o uso da palavra (o poder ideológico é extremamente dependente da natureza do “ser humano” como animal falante) (BOBBIO, 1997).

Toda sociedade tem os seus detentores do poder ideológico, cuja função muda de sociedade para sociedade, de época para época, cambiantes sendo também as relações, ora de contraposição, ora de aliança, que eles mantêm com os demais poderes (BOBBIO, 1997).

Estudar os intelectuais é uma forma de compreender como o pensamento desses/as homens e mulheres, que ocupavam na sociedade posição privilegiada, na maioria das vezes, influenciaram nos desdobramentos sociais, econômicos, políticos, culturais, religiosos e educacionais das diversas formas de agrupamentos sociais, bem como a forma como esse pensamento chegava as outras camadas da sociedade. Para Bobbio, o estudo do intelectual é:

Habitualmente introduzido quando se pretende falar do problema da incidência das ideias sobre a conduta dos “seres humanos” em sociedade, e em especial dos governantes presentes ou futuros, com particular referência a um sujeito específico ou mais criadores, portadores transmissores de ideias, que desde há um século são normalmente chamados de intelectuais. (BOBBIO, 1997, p. 109).

De acordo com Silva (2003, p.16) a História do intelectual “oscila, por um lado entre a sociologia, uma história e até mesmo uma biografia dos intelectuais, e por outro, entre uma análise das obras e das ideias como, por exemplo, uma possível versão da história da filosofia”.

Para Jean-François Sirinelli, embora a história dos intelectuais tenha ficado, durante muito tempo, num ângulo cego da pesquisa, pode-se apresentá-lo como um tema nascente, que trouxe vigor, novas pistas e instrumentos para a pesquisa historiográfica. A história dos intelectuais tornou-se assim, em poucos anos, um campo histórico autônomo que, longe de se fechar em si mesmo, encontra-se aberto, situado no cruzamento das histórias política, social e cultural (SIRINELLI, 2003).

Nessa perspectiva, trago algumas reflexões sobre o conceito de intelectual com o intuito de deixar claro quem são eles/elas e quais são as suas funções na sociedade.

[...] a partir de um determinado período histórico e em determinadas circunstâncias de tempo e espaço são considerados os sujeitos a quem se atribui de fato ou de direito a tarefa específica de elaborar e transmitir conhecimento, teorias, doutrinas, ideologias, concepções do mundo ou simples opiniões, que acabam por constituir as ideias

ou os sistemas de ideias de uma determinada época e de uma determinada sociedade. (BOBBIO, 1997 p. 110).

Ainda que as pesquisas sobre os intelectuais tenham trazido novos ares, problemas antigos permanecem sem solução, mas com alguns direcionamentos interpretativos, como no caso da definição do termo intelectual. Mesmo sendo muito usado hoje, ele permanece sem uma definição específica de quem seriam esses sujeitos e a que classe ou camada social pertencem. Assim Sirinelli (2003), nos apresenta a existência de uma dicotomia nessa definição que:

[...] pode desembocar em duas acepções de intelectuais, uma ampla e sociocultural, englobando os criadores e os “mediadores” culturais, a outra mais estreita, baseada na noção de engajamento. No primeiro caso, estão abrangidos tanto o jornalista como o escritor, o professor secundário como o erudito. Nos degraus que levam a esse primeiro conjunto postam-se uma parte dos estudantes, criadores ou “mediadores” da cultura (SIRINELLI, 2003, p. 242).

Numa compreensão similar, Bobbio apresenta uma outra dualidade no termo intelectual. De um lado o seu uso como substantivo, que para esse autor é o único que importa e, de outro lado, o uso desse termo como adjetivo, “em expressões como trabalho intelectual, contraposto a trabalho manual, ou profissões intelectuais, contrapostas à atividade do artesão ou à não-profissionalidade do operário de uma fábrica moderna etc.” (BOBBIO, 1997, p. 115).

A dualidade Substantivo/Adjetivo, apresentada por Bobbio (idem), mostra que existem diferenças no uso desses termos e reflete que embora alguns falem sobre o trabalho intelectual como se falasse do sujeito intelectual, existe aí um equívoco na definição das funções e do grupo. O mesmo acontece quando apontam que o sujeito intelectual é aquele que não faz trabalhos manuais. Para ele:

[...] há sempre alguém que, acreditando falar do mesmo assunto, introduz o discurso sobre a divisão entre trabalho manual e trabalho intelectual, sobre a progressiva extensão do segundo com respeito ao primeiro, sobre a desocupação intelectual, sobre a proletarização dos intelectuais, ou de um modo mais correto, sobre a proletarização das camadas médias, e assim por diante. Diga-se de uma vez por toda que qualquer que seja a extensão, maior ou menor, que se atribua ao conceito de intelectual (como substantivo) – Segundo nele se compreendam apenas aqueles que fazem obras de produção artística, literária ou científica, ou também aqueles que transmitem o patrimônio cultural adquirido, ou aplicam invenções e descobertas feitas por outros, os criadores ou os comentadores, ou, para usar a distinção weberiana, os profetas, aqueles que anunciam a

mensagem, ou os sacerdotes, aqueles que a transmitem –, as duas categorias (os intelectuais e os que exercem um trabalho intelectual) não coincidem e, sobretudo, os problemas que a elas dizem respeito, são profundamente diversos. Não coincidem porque, se é verdade que um intelectual desenvolve um trabalho não-manual, é também verdade que nem todos os que desenvolvem trabalho não-manual são intelectuais. O que caracteriza o intelectual não é tanto o tipo de trabalho, mas a função: um operário que também desenvolva obra de propaganda sindical ou política pode ser considerado um intelectual, ou pelo menos os problemas éticos e cognoscitivos da sua obra de agitador são os mesmos que caracterizam o papel do intelectual (BOBBIO, 1997, p. 115-116).

Assim, a definição que o autor apresenta, mas que precisa ser problematizada, é a de que o “o intelectual é alguém que não faz as coisas, mas reflete sobre as coisas”. Acreditar nisso seria desacreditar o trabalho manual de muitos intelectuais, como o que é estudado nessa pesquisa. Isso porque acredito que o trabalho do intelectual, ao mesmo tempo que está em refletir sobre a sociedade e seus movimentos, é também difundir o seu pensamento para a sociedade, que se faz, na maioria das vezes, na produção de livros, jornais, revistas e outros meios de difusão de seus pensamentos.

Da mesma forma, não se pode negar que existe muita atividade intelectual na produção cultural, na dança, na música, etc. Todos os sujeitos que se põem a pensar e executar essas atividades são intelectuais. Para colaborar com essa ideia

É correto afirmar que os intelectuais têm na atitude reflexiva a parte preponderante de suas atividades. Juristas, escritores, professores, jornalistas, cientistas e políticos são sujeitos que elaboram e transmitem conhecimentos, teorias, doutrinas e diagnósticos, projetam soluções para problemas da sociedade, emitem opiniões sobre assuntos variados, constroem complexas concepções do mundo. Porém, também, ao contrário da definição de Bobbio, “fazem coisas”, tais como livros, jornais, textos dos mais variados gêneros, podendo igualmente fazer filmes, teatro, música. Assim, um produtor cultural, um artista, um cientista, um profissional liberal ou um político atua concretamente no ambiente cultural e no processo de elaboração de conhecimentos nas sociedades onde vive. No entanto, para tornar-se um intelectual, na acepção moderna do termo, não basta pensar, elaborar conhecimentos acerca da sociedade e de seus problemas ou produzir objetos culturais concretos. A definição de intelectual, independente da atividade profissional, ou da natureza reflexiva do seu trabalho, está condicionada pela intervenção desses produtos ou elaborações reflexivas nos assuntos públicos. Nesse sentido, a diversidade de atividades e profissões impede que se

observe uma lógica de especialização disciplinar no que se refere à definição do intelectual (WASSERMAN, 2015, p. 64-65).

A definição do termo intelectual não é precisa, de um lado porque as opiniões sobre quem são esses sujeitos são muito diversas, assim como esses sujeitos, por isso, Bobbio (1997, p. 9) afirma que “qualquer generalização no que diz respeito ao estudo dos intelectuais estaria fadada ao erro”.

Numa visão ampliada, considero intelectuais todos aqueles e aquelas que, dentro de suas vivências e independentemente do seu nível de instrução e classe social, culturas, ideologias, filosofias, políticas, gêneros, religiões se colocam a pensar sobre os diversos temas que permeiam a sociedade e, de um modo ou de outro, fazem com que suas reflexões sirvam de base para novas reflexões.

Assim, podemos constatar que o termo intelectual, da mesma forma que outros termos da língua portuguesa, não tem uma definição precisa. Estando esse termo associado aos conceitos de ideias e pensamentos e, diretamente relacionados à diversidade humana, especificar quem são os intelectuais é uma tarefa difícil.

Mesmo que durante muitos anos se tenha tomado o intelectual como um sujeito social privilegiado de classes privilegiadas, nota-se uma mudança nesse cenário devido ao crescente número de pesquisas que se dedicam a escrita da História Vista de Baixo, proposta por Edward Thompson; Jim Sharpe e outros, que se ocupa de revelar outros sujeitos, de outras classes, que influenciaram e influenciam na sociedade micro e macro.

1.3 Breve histórico da Geografia como ciência e disciplina

Para se chegar aos objetivos desta pesquisa e para que se possa compreender o autor e suas produções é necessário, antes de tudo, entender como a Geografia se formou enquanto ciência e disciplina. É esse tema que abordamos nesta seção.

A Geografia é um conhecimento de datas imprecisas! Para pesquisadores como Moreira (2007) seus primeiros indícios apareceram nas comunidades gentílicas, muito embora o nome “Geografia” tenha sido dado à ciência na antiguidade clássica (VIII a.C. – V d.C.) com os gregos. O fato é que desde o

surgimento da humanidade e das primeiras ideias de cunho geográfico a sociedade e o planeta passaram a ser observados sob outras perspectivas.

No período de formação da Geografia, foi assim por muito tempo, ela não tecia uma teia de conhecimentos sólidos, mas sim ideias soltas, dispersas em ciências consagradas como a Filosofia, a História e a Matemática, é o que nos mostra Rocha (1997) na citação a seguir.

Os (as) gregos (as) são considerados (as) os (as) primeiros (as) a registrar de forma sistematizada os conhecimentos geográficos. Os (as) romanos (as), partindo dos conhecimentos herdados dos (as) gregos (as), ampliaram significativamente estes conhecimentos, tornando-se os (as) responsáveis pelas grandes contribuições que passariam a ser, mais tarde, fundamentais no desenvolvimento da Geografia enquanto ciência. [...] Autores como Erastóstenes, Tales de Mileto, Anaximandro, Heródoto, Hipócrates, Hiparco, além de outros, produziram os conhecimentos alicerçadores do que mais tarde seria a Geografia científica (ROCHA, 1997, p. 2).

Alguns desses intelectuais são responsáveis pela formação de algumas correntes do pensamento geográfico que, ainda hoje, são utilizadas em estudos. Segundo Rocha (1997) podemos destacar Estrabão, um dos precursores da Geografia:

Responsável por consolidar uma Geografia descritiva desinteressada na interpretação das observações e que influenciou profundamente no desenvolvimento dessa ciência, e, sobretudo, na forma que ela passou a ser ministrada nas salas de aulas (ROCHA, 1997, p. 5-6).

A forma com Estrabão direcionou a Geografia que pensava, influenciou na ciência e no seu ensino nas escolas, acarretando problemas estruturais como: conteúdo enciclopédico, aulas de memorização de nomes e eventos, enumeração de formas geográficas (Rios, Oceanos, Relevos). Essa foi a Geografia que chegou às escolas brasileiras.

Immanuel Kant, diferente de Estrabão, pensou a Geografia a partir de outra perspectiva. Ele, que é, historicamente, conhecido como o primeiro professor de Geografia, muito contribuiu para o desenvolvimento da ciência e do seu ensino, afirmando que à História e à Geografia tem o papel de captar as estruturas temporais e espaciais reveladas pela nossa experiência (CASSAB, 2009).

A Geografia elaborada por Kant foi resultado das informações e conhecimentos adquiridos dos relatos de viagens e compêndios que sintetizam e organizavam os aspectos fisiográficos de várias partes do planeta. Os dados obtidos eram regionalizados em grandes paisagens da superfície terrestre, essa organização recebeu o nome de Corografia, sendo seus atributos, a relação de apreensão do sensível dos dados do mundo circundante e o olhar corográfico sobre a superfície terrestre (MOREIRA, 2008).

Assim, a Geografia se apresenta como uma ciência de muitas vertentes e por esse motivo tem múltiplas definições. A Geografia Tradicional é a primeira corrente de pensamento que se estabelece, aí é tomada como uma ciência de síntese das outras disciplinas que estudam o espaço e as sociedades. Friedrich Ratzel é sua principal referência.

A Geografia Humanista que se volta a pesquisar as experiências das pessoas ou grupos sociais em sua relação com o espaço a fim de entender o seu comportamento e valores. Seus principais autores são Yi-fu Tuan, Anne Buttimer.

Apresentamos duas definições/vertentes da Geografia, mas existem outras que fazem parte da construção dos seus saberes e da definição do seu objeto, método e preocupações. Para que se compreenda o entendimento de geografia que se toma nessa pesquisa trago o conceito de Moreira (1987) para quem a Geografia é, na essência e no sentido, um modo de ver e relacionar os seres, as coisas e os fatos em função do espaço.

Essa escolha vem do pensamento de que a Geografia é uma ciência que pode avaliar o espaço de forma holística, observando o social (seres humanos/grupos sociais), o físico (Relevo, hidrografia, clima, etc.), e as relações existentes entre eles, levando em consideração como esses grupos se organizam, interferem e sofrem a interferência do espaço.

Entretanto, todas as reflexões que se tem e que ainda se faz hoje da Geografia como conhecimento autônomo e particular, não era possível antes do século XIX, pois esse formato demandava algumas condições históricas que somente nesse século estariam suficientemente maturadas (MOREIRA, 1987).

Moraes (2007) aponta pressupostos que estavam ligados a ausência de um conhecimento efetivo sobre a extensão real do planeta, que só começa a partir das “grandes navegações” (XV - XVII), e as conseqüentes descobertas, efetuadas pelos europeus e outros povos a partir do “quincentismo”.

A carência de repositórios que agrupasse as informações sobre os lugares conhecidos da Terra dificultava a organização desse conhecimento e só foi superado com a expansão do mercantilismo e a formação dos impérios coloniais onde se deu a formação dos primeiros institutos e do que se considerou as primeiras “Sociedade de Geografia” (MORAES, 2007)

A necessidade do aprimoramento das técnicas cartográficas, instrumento por excelência do geógrafo que precisava passar por mudanças com o objetivo de padronizar as representações gráficas produzidas pelos indivíduos, além de ser um condicionante para a expansão do comércio e da navegação. A descoberta das técnicas de impressão, difundiu e popularizou as cartas e os Atlas (MORAES, 2007).

Por fim, utilizar da Geografia para propor uma explicação racional do mundo, implicaria interferir na concepção religiosa que há muito vinha sendo construída e sustentada pela igreja.

Ao início do século XIX, a malha dos pressupostos históricos da sistematização da Geografia já estava suficientemente tecida. A Terra estava toda conhecida. A Europa articulava um espaço de relações econômicas mundializado, o desenvolvimento do comércio punha em contato os lugares mais distantes. O colonizador europeu detinha informações dos pontos mais variados da superfície terrestre. As representações do Globo estavam sendo desenvolvidas e difundidas pelo uso cada vez maior dos mapas, que se multiplicavam. A fé na razão humana, posta pela Filosofia, abria a possibilidade de uma explicação racional para qualquer fenômeno da realidade. As bases da ciência moderna já estavam assentadas. As ciências naturais haviam constituído um cabedal de conceitos e teorias, do qual a Geografia lançaria mão, para formular seu método. E, principalmente, os temas geográficos estavam legitimados como questões relevantes, sobre as quais cabia dirigir indagações científicas (MORAES, 2007, p.14).

Mesmo após essa sistematização dos conhecimentos, no século XIX, para Moreira (1987) alguns dilemas passaram a colocar em xeque a veracidade e a necessidade da Geografia, posso citar a indefinição do seu objeto. A Geografia estuda o ser humano ou o planeta?

Da mesma forma, durante anos, para alguns pensadores, a Geografia é a ciência que trata da descrição da Terra, tendo por missão apresentar para os interessados/educandos uma representação do que vem a ser o espaço e suas dinâmicas, mas que não se interessa em analisar as descrições feitas, herança deixada por Platão (MOREIRA, 1987).

Para Cassab (2009) a Geografia brasileira recebeu uma enorme influência francesa, pautada na obra de Paul Vidal de La Blache, que dominava o cenário geográfico francês entre o final do século XIX e o início do século XX, interferindo nos espaços escolares e universidades de maneira marcante.

A Geografia lablachiana estava pautada em teorias da filosofia positiva e dava ênfase aos estudos regionais. Seus principais trabalhos acadêmicos são a produção de monografias descritivas, repletas de dados específicos que serviam para se apreender o conhecimento geográfico das várias regiões estudadas (CASSAB, 2009).

1.4 A Geografia e o Ensino

O desconhecimento da história da Geografia e sua construção dentro do sistema educacional é um problema em si e o caminho para solucioná-lo está em entender os erros e os acertos que foram feitos ao longo da história, conforme a citação que segue. Genylton Rocha, em sua dissertação de Mestrado em Supervisão e Currículo pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC-SP (1996), com o título: A trajetória da disciplina Geografia no currículo escolar brasileiro (1837-1942). Afirma que:

A história da Geografia escolar brasileira, constatamos, tem sido sistematicamente relegada a segundo plano pela comunidade acadêmica, a mesma comunidade que tem buscado amiúde intervir nos rumos dado ao ensino desta disciplina, com um claro intuito de sanar os problemas por ela apresentados, sem, porém, buscar a fundo desvelar as origens destes problemas. Até mesmo os(as) próprios(as) educadores(as) que atuam com o ensino desta disciplina, pouquíssimo têm se preocupado com essa questão. É como se esta disciplina (bem como as demais) não fosse dotada de história (ROCHA, 1996, p. 02).

É indiscutível que nós, geógrafos(a) e professores(a) de geografia, tentamos há anos solucionar os problemas relacionados aos temas de estudo da ciência geográfica, com definições e redefinições exaustivas do seu objeto e seus métodos de pesquisa, mas esquecemos de compreender como se construiu a história dessa ciência e como ela foi influenciada pelos intelectuais e ideias que a permearam ao longo da história.

Com relação ao ensino, os esforços estão em retirar as características enciclopédicas e memorizadoras ainda vigentes. Contudo, na tentativa de solucionar esses problemas, deixamos de lado a história da ciência e de seu ensino, que são fundamentais para essas resoluções.

É necessário conhecer a história da Geografia como ciência e como disciplina, principalmente no período histórico do século XIX e XX. Nesse período, a Geografia vai fazer parte do programa de ensino, pela primeira vez, nas instituições educativas, bem como começam a circular as primeiras teorias dessa ciência no meio intelectual e social.

Segundo Pereira (1999) a Geografia aparece como disciplina escolar integrante do currículo na Alemanha, no início do século XIX. Alguns anos antes, esse mesmo país havia consumado sua unificação territorial e a existência da Geografia na educação teria um importante papel na consolidação da identidade espacial alemã, bem como a inculcação do patriotismo, uma exigência para qualquer Estado Nacional recém-criado.

Na França, a primeira cátedra em Geografia data de 1809. Contudo, nesse país a formação de professores para as escolas primárias e secundárias se efetiva mais amplamente, apenas nas últimas décadas do século XIX, quando se deu a reforma do ensino, resultante da derrota na guerra franco-prussiana (1870). Ao longo das décadas seguintes ficou evidente a preocupação do governo em valorizar o ensino de Geografia na França, com o objetivo de resgatar o nacionalismo em seus habitantes e não se deixar perder as características pátrias no país (LACOSTE, 1989; MORAES, 2005).

À Geografia escolar cabia os estudos das paisagens naturais e humanizadas, além de métodos pedagógicos que se pautavam na memorização dos lugares e de seus elementos, sendo parte do aprendizado relacionar os fatos naturais e sociais, fazer analogias entre eles e elaborar suas generalizações e sínteses. O propósito era ensinar uma Geografia científica, na época sinônimo de neutra (CASSAB, 2009).

Para Barbosa (1946) o ensino por nomenclatura era dominante, salvo algumas observações frias e sem cor acerca dos aspectos físicos e a indicação dos sistemas de governo, tudo o mais reduzia-se a repetição monótona dos cultos e das famílias humanas por entre as diversas nações, cabendo, porém, quase todo o espaço à enumeração das terras e águas.

Na Geografia Geral, os esforços dos educandos estavam em gravar na memória os nomes de todos os países, mares, golfos, estreitos, lagos, rios, montes, ilhas, penínsulas, cabo, etc. Na Geografia Particular as preocupações estavam em fixar as informações referentes a nação à qual pertenciam, seus estados, capitais, governantes, relevo, rios, lagos e oceanos, clima e outros.

No Brasil, segundo Rocha (1996) o Imperial Colégio Pedro II, em 1837, foi onde a Geografia surgiu como disciplina no currículo escolar brasileiro. Instituição destinada à formação de alunos para o ingresso no ensino superior no Brasil. A Geografia era ministrada tanto no ensino secundário como no superior.

Na segunda metade do século XIX a Geografia tinha por finalidade organizar o conhecimento que se tinha do planeta, no Brasil se tratava, principalmente, de conhecer o seu território. Na primeira metade do regime republicano já trazia uma nova abordagem, mais pautada no discurso cívico, com o objetivo de formar e fomentar uma cidadania brasileira, de fazer as pessoas se reconhecerem nos símbolos pátrios, pertencentes e devotos dela.

No Estado do Pará, conforme Araújo e Rocha (2016), a partir de 1898, por meio do decreto n. 542 de 23 de março, o ensino de Geografia passou a ser cadeira do curso integral de Ciências e Letras do Lyceu/Gymnasio. No *Gymnasio Nacional*, a disciplina já ocupava a quarta cadeira.

Em 1900, a proposta vigente passa por uma modificação e a Geografia passa a ser distribuída ao longo de 6 anos. Nessa nova configuração a Geografia aparece no segundo ano, com 3 horas de aula por semana e no terceiro e no sexto ano com apenas 1 hora de aula por semana.

No ensino da geographia o intuito fundamental seria a descrição methodica e racional da superficie da Terra, por meio de desenhos, na pedra e no papel, copiados mas nunca transfoliados, e de memoria, das cinco partes do mundo, dos países da America, especialmente do Brazil e dos da Europa, com a acentuada preocupação de se evitar minucias, momenclaturas extensas, dados estatísticos exagerados e tudo quanto possa sobrecarregar a memoria do alumno ou não exercital-a com real proveito, quer no estudo da geographia physica, quer no estudo da geographia politica e do ramo economico (REGULAMENTO DO *LYCEU PARAENSE*, 1900).

Como todas as outras disciplinas a Geografia passavam por exames feitos, somente, ao final de cada ano letivo, com a finalidade de avaliar os alunos,

sendo esses de “promoções sucessivas”, para passagem de ano e outro de “madureza”, que avalia se o aluno tinha cultura intelectual suficiente para concluir essa etapa dos estudos. Realizados perante uma comissão de Lentes de cada ano e sob a presidência do que fosse mais antigo (Regulamentos do Lyceu Paraense e Escola Normal: decretos n. 798 e 809 de 25 de janeiro de 1900) e (Programa de ensino do Gymnasio Paes de Carvalho, 1913).

Em suma, considero que o processo histórico é maestro na forma como a disciplina Geografia é ministrada hoje e penso que os problemas da indefinição de seu objeto, dos conteúdos de ensino, da necessidade de estar nas salas de aula e da importância dessa ciência na análise e produção do espaço, só serão entendidos e superados quando compreendermos o processo de construção da disciplina, de seus conteúdos, a formação de seus professores, a confecção e uso de seus materiais didáticos e outros, visto que este tem se perpetuado na história da disciplina.

O processo de construção está muito ligado às obras didáticas destinadas à educação de crianças e jovens, cuja produção no Brasil se iniciou nos anos de 1820. Nessa década se iniciou a produção de manuais editados nas gráficas brasileiras, ocorrendo a maturidade de sua produção entre os anos de 1860 e 1880, com a ampliação do ensino primário no Brasil (BITTENCOURT, 1993).

Mesmo com a produção brasileira, segundo Silva (2012), a educação neste período privilegiava a elite, sendo a Europa a referência de cultura para esse estrato social, especificamente a sociedade francesa; assim, era frequente os livros didáticos aqui utilizados serem importados da França. Ainda de acordo com Silva (2012) a imprensa brasileira não detinha condições e técnicas sofisticadas para a produção e publicação de livros didáticos no século XIX.

Para Bittencourt (2020), as obras didáticas podem ser vistas e analisadas sob diferentes perspectivas, pois ocupa diferentes espaços na cultura escolar, sendo um deles o de mercadoria. As obras didáticas são um bem e possui um valor econômico agregado a ele e com o passar dos anos e o desenvolvimento de novas técnicas de impressão, diagramação, produção, fabricação e comercialização, que seguem a lógica do mercado, esse valor vem ficando cada vez mais alto.

Também pode ser percebido como um depósito de conteúdo escolar, sendo ele um suporte básico e sistematizador dos conteúdos elencados pelas propostas curriculares. Além disso é um instrumento pedagógico que direciona o

ensino e com seus exercícios, questionários e sugestões de trabalho contribuem para o bom desenvolvimento da aula (BITTENCOURT, 2020).

Pode ser tomado ainda como um veículo portador de um sistema de valores, de uma ideologia, de uma cultura, etc., pois seus textos transmitem estereótipos e valores dos grupos dominantes, generalizando temas, como família, criança, etnia, de acordo com os preceitos das sociedades burguesas brancas (BITTENCOURT, 2020).

Assim, o livro didático é dono de uma história muito vasta e que merece atenção, pois a partir dele podem ser construídas muitas histórias sobre as disciplinas, sobre a cultura escolar, sobre as instituições e, sobre os intelectuais que as produziram.

Em meio a esse processo produtivo estava o intelectual paraense Carlos Augusto Valente de Novaes, professor, médico, político produtor de obras didáticas, sujeito desta Investigação. Trata-se de um estudo que busca contribuir com a História da Educação, a História do ensino de Geografia, mas principalmente a História dos Intelectuais.

1.5 Problema e objetivos da pesquisa

Ao longo dos textos escritos até aqui, elenquei uma série de questões que me fizeram querer realizar essa pesquisa, porém, como forma de facilitar a leitura e a organização desse trabalho, considereei que seria importante listá-los aqui de forma breve e organizada.

Muitos fatores e caminhos são necessários para a compreensão de um intelectual e de sua história de vida e profissional. Para a construção dessa linha do tempo, são necessários elementos que vão além de grandes feitos, os registros de elementos cotidianos como data e local de nascimento, laços familiares, local onde estudou, atuações profissionais e outros.

Depois de muitas orientações, leituras e discussões delineou-se a questão norteadora da seguinte forma: Que perspectivas epistêmico-didáticas a Geografia assume na obra “Geographia Secundaria” de Carlos Augusto Valente de Novaes no período de 1852 a 1923?

Dessa definição, tomou-se como objetivo geral de investigação: analisar o pensamento do Dr. Carlos Augusto Valente de Novaes sobre o ensino de Geografia na obra “Geographia Secundaria” 4ª edição de 1923.

Como objetivos específicos elencou-se: a) traçar a vida pessoal e profissional desse intelectual; b) analisar a influência do positivismo na construção da obra Geographia Secundaria; c) identificar os saberes geográficos e as bases teóricas veiculados na obra.

Por fim, organizei o texto em 6 seções.

Na primeira, “**Introdução**”, apresento como se deu o encontro com o sujeito dessa pesquisa e quais motivos me levaram a construir essa narrativa. Abordo a construção da Geografia como Ciência e o seu desenvolvimento no Brasil e no estado do Pará. E onde trago o problema da pesquisa, o objetivo geral e específico e a organização do texto de dissertação.

Na segunda seção, “**Metodologia da pesquisa**”, apresento alguns trabalhos que já foram realizados sobre o sujeito histórico dessa pesquisa. A partir daí, é abordado o método e o tipo de pesquisa; descrição das vivências que tive na pesquisa, exponho as fontes da investigação e a análise dos dados.

Na terceira seção, “**Leal de animo, affavel de trato, bom e modesto de natureza**”: **Carlos Augusto Valente de Novaes, traços biográficos**”, tras-se os apontamentos biográficos do Dr. Carlos Augusto Valente de Novaes, onde e quando nasceu, sua formação, composição familiar, atividades profissionais, homenagens e discursos sobre a sua atuação profissional.

Na quarta seção, “**As nuances da filosofia positivista na obra de Carlos Augusto Valente de Novaes**”, versa sobre as influências da filosofia positivistas e da geografia positivista presente nos discursos do Dr. Carlos Augusto Valente de Novaes, destacando como ele mescla o discurso e as imagens e as suas referências base para construir essa Geografia positivista no seu livro.

Na quinta seção, “**Saberes geográficos na obra Geographia Secundaria de Carlos Augusto Valente de Novaes**”, apresentou-se os intelectuais e os saberes geográficos presentes na obra Geographia Secundaria (4ª edição, 1923) do Dr. Carlos Augusto Valente de Novaes.

E finalmente, na sexta seção, “**Considerações Finais**”, focalizo os resultados da investigação e apresento algumas questões para pesquisas futuras.

2 METODOLOGIA DA PESQUISA

2.1 Vivenciando a pesquisa

Pesquisadores têm apontado que realizar pesquisas históricas no âmbito brasileiro não é uma tarefa fácil. Nos relatos, os motivos são os mais diversos: falta de documentos, documentação danificada, rasurada ou ilegível, dificuldades na localização das fontes, quer seja no espaço físico ou digital, o mau armazenamento desses documentos e outros.

Para esse tipo de pesquisa as fontes são matérias-primas para a construção da história. São elas que quando interpretadas e situadas no tempo e no espaço, nos dão uma ideia de como os fatos aconteceram.

A pesquisa aqui desenvolvida foi marcada por momentos de incerteza e medo, nos anos de 2020 a 2022, decorrentes da pandemia do novo coronavírus (COVID-19). Segundo Marques, Silveira e Pimenta (2020) esse é um vírus infeccioso contagioso que teve seus primeiros casos registrados na cidade de Wuhan – China, no final do ano de 2019. No Brasil, as consequências dessa pandemia só se instalam em meados de fevereiro de 2020.

Com a chegada do vírus ao Brasil, segundo Oliveira et al. (2020) foram tomadas medidas sanitárias com a finalidade de conter a sua transmissão. Com isso, escolas e universidades, bibliotecas, museus, indústrias e comércios foram fechados, gerando desespero, fome e muitas mortes, mais de 620 mil, até o momento em que escrevo esse texto.

Além disso, ainda visando conter a proliferação do vírus, foi necessário que, durante cerca de 6 meses, o governo colocasse seus cidadãos em isolamento social, visando conter a proliferação do vírus. Tudo isso tornou a vida das pessoas mais difícil, porém era um movimento necessário de cuidado com a vida.

Embora a pandemia não seja o centro dessa pesquisa, falar sobre ela é necessário, considerando que negá-la é negar a história e as dificuldades que ainda estamos passando. O primeiro ano de pesquisa foi feito em casa, sozinho, trancado, sem o convívio com meus professores, colegas e com a minha orientadora, sem aulas, sem ver meus vizinhos e familiares.

Fazer a pesquisa nessas condições de isolamento foi um desafio, não só pelas questões sócio afetivas, mas também porque a busca por fontes sobre Carlos Augusto Valente de Novaes ficou um tanto limitada, sendo feita quase que

exclusivamente na internet, por meios dos sites da Biblioteca Nacional, da Biblioteca Arthur Vianna e do Repositório da Universidade Federal de Santa Catarina.

A princípio, pensei que nesses veículos de informações seriam encontrados arquivos dos livros e artigos publicados pelo sujeito da pesquisa, mas não foi o que se obteve, ao invés disso, eles foram mais úteis no direcionamento de busca por novas fontes e vestígios.

Embora esses sejam excelentes espaços de pesquisa, aqui no Brasil, grande parte dos documentos, que contam a história desta terra e de seus cidadãos, não se encontra no formato digital, um dificultador para esse tipo de pesquisa no período mencionado, bem como em outros períodos.

Entretanto, salienta-se que fazer essa pesquisa só foi possível graças a um movimento crescente entre os arquivos e bibliotecas de digitalizar seus documentos, livros, relatórios, almanaque, jornais, revistas, etc. Processo iniciado em 2001, com a Biblioteca Nacional (BN), por meio do projeto Biblioteca Nacional Digital - BNDigital, disponibilizado ao público em 2006, porém, muito ainda precisa ser feito.

O repositório da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), iniciou o seu projeto de digitalização em 2006, e conta com um acervo continuamente atualizado. Mais recentemente, no Estado do Pará, a Biblioteca Arthur Vianna – Fundação Cultural do Pará, com um projeto digital chamado "Obras raras", que iniciou suas atividades em 2012 e em meados de 2020 passou por uma reformulação para melhorar a qualidade de acesso e atualização do seu acervo. Esses Projetos contribuem para que as pesquisas históricas continuem a serem feitas mesmo em tempos obscuros e incertos.

O caminho até encontrar e analisar todas as fontes desses arquivos foi muito longo, mas preciso ser justo e dizer que mesmo em tempos tão difíceis, a pesquisa pode proporcionar muitos sentimentos, emoções e sensações positivas.

Durval Albuquerque Júnior (2019), dedica algumas linhas do seu ensaio "O tecelão dos tempos" a nos encorajar a revelar aos nossos leitores as sensações vivenciadas na pesquisa, a nos desvencilharmos das amarras da cultura cristã e da ciência acadêmica positiva, onde "não há lugar para o corpo e suas sensações, não há lugar para os afetos, não há lugar para as emoções, não há lugar para os momentos de fruição e prazer, só para os momentos de trabalho e sacrifício" (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2019, p. 60-61).

A cada vestígio encontrado, a cada nova fonte catalogada, a cada informação confirmada, o coração, o corpo e a mente do pesquisador se enchem de alegria e de euforia. Foi assim quando tomei o Dr. Carlos Augusto Valente de Novaes, como sujeito da pesquisa.

Me emocionei ao encontrar nesse caminho sua cidade natal, seus pais, irmão, esposas, filhos, sua data de nascimento e a tristeza presente nas homenagens que lhe foram prestadas por alunos, instituições e colegas de trabalho e da política, na data de sua morte.

Comemorei cada discurso encontrado, onde quer que eles estivessem eternizados. A alegria do dia em que consegui comprar dois dos muitos livros produzidos por ele, “Geographia Secundaria e Geographia Especial ou Chorographia do Brazil”, no site Estante Virtual, fontes da pesquisa que não tinha muita esperança de ter acesso, pois aqui no Pará não haviam exemplares e os que tomei conhecimento estavam sob a guarda de bibliotecas do Sul e do Sudeste do país.

Lembro do dia que recebi os livros em minha casa, da emoção de abrir os pacotes e do desejo insano de começar a lê-los de imediato, o cheiro de mofo e poeira, não muito agradável, mas que naquele momento inebria minha cabeça.

Recordo-me da frustração de viajar ao Rio de Janeiro para visitar a Biblioteca Nacional e ao chegar lá ela estar fechada, assim como todas as outras instituições que havia me programado para visitar, nos pouco dias que fiquei naquela cidade, por causa da pandemia. Embora eu entendesse que esse período exigia resguardo e cuidado, havia também um sentimento de cobrança, de produção. O tempo estava passando, eu precisava de materiais para trabalhar.

Lembro do assombro que foi visitar o cemitério em foi sepultado no rio de janeiro, não consegui encontrar seu túmulo, mas mesmo assim me senti mais próximo dele. Um tanto mórbida essa escrita, mas saber que ele foi enterrado ao lado de nomes como santos Dumond, Tom Jobim, etc. me fez crer que realmente era uma história que merecia ser contada. Estava ao lado de pessoas importantes da nossa cultura, sociedade e da ciência.

Por fim, me sobrava o sentimento de curiosidade e o desejo de saber mais. Acredito que é desse sentimento de busca, do desejo de saber mais, que o historiador se alimenta para fabricar a história, esse é o seu combustível, revelar o que ainda está escondido ou lançar um novo olhar sobre a história já contada. São

essas sensações, dentre muitas outras, que me tomaram enquanto fazia essa pesquisa.

Durante todo o ano de 2020 o Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade do Estado do Pará (PPGED – UEPA) ficou sem atividades presenciais e virtuais, acarretando mais um obstáculo para a pesquisa. Cabe destacar que as disciplinas, aulas e bibliografias, estudadas no primeiro ano de curso, são fundamentais na construção da base do projeto de pesquisa.

Não foi possível continuar com as atividades! Não estávamos preparados e não podíamos retornar de qualquer jeito! Precisávamos pensar em todos, cuidar uns dos outros, fazer tudo da melhor forma para que passássemos por esse processo com o mínimo de danos a nossa formação e na vida.

Foi assim até o retorno das aulas em janeiro de 2021, esse recomeço trouxe novos ares, esperança e desespero. Embora tudo tenha sido pensado e preparado para o retorno das aulas, era uma tentativa, não havia certeza de que as decisões que estavam sendo tomadas eram as melhores.

Aprendemos muito nesse processo e melhoramos como pessoas e pesquisadores. Vi o esforço dos meus professores para se adequar ao meio virtual, o meu esforço e de meus colegas em nos adaptarmos a esse novo formato de aula. Passamos por muita coisa, muitas foram as dificuldades, mas no final colheremos o resultado de toda essa metamorfose.

Todas essas emoções se tornaram muito mais intensas por causa do momento em que vivemos. A pesquisa foi uma grande fuga do caos e trouxe muitos momentos de alegria. Sinto que foi importante ter falado sobre elas, considero como fechar um pequeno ciclo dessa pesquisa e que finalmente posso dedicar as próximas linhas ao que já foi produzido sobre o meu objeto de estudo.

2.2 Pesquisa sobre o sujeito estudado

Para compor um quadro do que já foi produzido sobre o objeto de estudo realizei um levantamento em 2020 de dissertações e teses no banco de dados da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoas de Nível Superior (CAPES), nos sites dos Programas de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado do Pará (UEPA) e da Universidade Federal do Pará (UFPA).

Utilizei como filtros nas buscas as seguintes palavras-chave: “Dr. Carlos Novaes”, “Bibliografia didática de Geografia”; “Geographia Secundaria”; “Geographia e Chorographia do Brasil” e “Geographia Primaria”. Com esse filtro selecionei as dissertações e teses produzidas entre os anos de 2010 a 2020, que faziam referências, de forma direta ou indireta, às produções do autor.

Nos sites dos Programas da UEPA e da UFPA nada foi encontrado, na CAPES encontrei no período histórico aludido duas teses e três dissertações que serão apresentadas a seguir.

A tese de doutorado em Geografia, defendida na Universidade Estadual Paulista (UNESP), por Levon Boligian (2010), *“A cartografia nos livros didáticos e programas oficiais no período de 1824 a 2002: contribuições para a história da Geografia escolar no Brasil”*, busca compreender a disciplina Geografia a partir de sua vertente cartográfica, com o objetivo de identificar alternâncias, permanências e transformações curriculares desse saber no período investigado, tomando como fontes da pesquisa os programas curriculares oficiais, mas, sobretudo, os compêndios e os livros didáticos de Geografia dirigidos aos alunos do primeiro ano do ensino secundário brasileiro.

A investigação utiliza-se da obra “Geographia Secundaria” de Carlos Augusto Valente de Novaes, 1ª edição, 1908. Na biografia do autor é destacado sua função como professor concursado da cadeira de Geografia do “Gymnasio paraense”, sócio-correspondente da “Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro” e como um dos primeiros professores a ser convidado pelo livreiro Francisco Alves a produzir uma obra didática genuinamente nacional (BOLIGIAN, 2010).

Ao analisar a obra de Carlos Augusto Valente de Novaes, o autor aponta que o livro abarca todos os conteúdos propostos para o ensino secundário, mas que o intelectual vai além, apresentando temas como: “Tipos de projeções cartográficas” e o “Globo terrestre”, conteúdos que, segundo o autor, só se firmaram no currículo depois desse período.

Afirma ainda a percepção de muitos sobre os textos escolares de Geografia, “o livro reproduz a antiga “fórmula”, com textos em tópicos a serem decorados. [...] a “cultura escolar” da memorização prevalece na preparação do saber a ser ensinado em sala de aula” (BOLIGIAN, 2010).

Outro aspecto importante da obra de Carlos Augusto Valente de Novaes, destacado pelo autor, é o reforço didático dado às vulgatas textuais, proporcionado pelo grande número de imagens (BOLIGIAN, 2010).

A tese de doutoramento em Geografia da Universidade Federal de Uberlândia (UFU) de Jeane Medeiros Silva (2012), *“Bibliografia didática de Geografia: história e pensamento do ensino geográfico no Brasil (1814 – 1930...)”*, teve por objetivo compreender a bibliografia didática do ensino de Geografia, tal como a história e o pensamento desse ensino, por meio da trajetória constitutiva e da análise dos livros didáticos de Geografia e do discurso de seus autores.

Segundo a autora, o exame dessas bibliografias permitiu acompanhar a formação e o desenvolvimento da Geografia como disciplina escolar. Além disso, demonstrou como o seu conteúdo transgrediu a função de disciplina auxiliar que ocupava. Permitiu examinar questões como autoria, autoridade, legitimação da disciplina, a relação dos textos com o currículo proposto, a questão das fontes e das traduções, posicionamentos frente a tradição, a metodologia de ensino e a formação dos professores, a questão da nacionalidade, e outras.

Como resultado da pesquisa apresenta um catálogo das obras que foram produzidas no período de 1814 a 1930, contendo as datas das primeiras edições e das que foram reeditadas. Nesse universo figura as obras do Dr. Carlos Augusto Valente de Novaes, “Geographia Primaria”, “Geographia Secundaria”, “Geographia Especial ou Chorographia do Brazil” e “Curso de Geographia Geral”.

A dissertação de mestrado em Geografia pela Universidade Federal de Minas Gerais de Naiemer Ribeiro de Carvalho (2012), *“Geographia do Brazil: a construção da nação em livros didáticos de Geografia da primeira república”*, analisa a presença de uma ideologia nacional na obra didática do Dr. Carlos Novaes “Geographia Especial ou Chorographia do Brazil” e de outros autores, com o objetivo de compreender como se formou uma ideia e imagem do Brasil nos livros didáticos de Geografia do ensino secundário na Primeira República (1889-1930).

A autora apresenta Carlos Augusto Valente de Novaes como um sujeito agente do seu tempo e referência na produção de obras didáticas do Brasil ao lado de Delgado de Carvalho e Horácio Scrossopi.

Sobre a obra, afirma que possuiu uma estrutura conservadora, com um arranjo discursivo mnemônico. Há extensas listas nomenclaturais que contam com

poucas definições sobre os termos geográficos na obra do intelectual (CARVALHO, 2012).

A dissertação de mestrado em Geografia de Maria Deusia Lima Ângelo (2014), da Universidade Federal da Paraíba, *“Livro didático de Geografia e seus autores: uma análise contextualizada das décadas de 1870 a 1910, no Brasil”*, tem por objetivo contribuir com as pesquisas no âmbito da história da Geografia escolar, evidenciando elementos que permitam conhecer e refletir sobre o processo de constituição dessa disciplina no contexto escolar brasileiro.

Além disso, a autora apresenta diversos intelectuais e obras didáticas, dentre elas as de Carlos Augusto Valente de Novaes *“Geographia Secundaria”* e *“Geographia Especial ou Chorographia do Brazil”*, fazendo comparativos entre elas, mostrando principalmente abordagens e imagens similares em sua composição. Tendo por ideia central do trabalho traçar a trajetória contextualizada da Geografia a partir das obras didáticas.

Numa perspectiva diferente das demais produções, a dissertação de mestrado em Geografia pela Universidade Federal do Amazonas, de Wandnely Gusmão da Silva (2016), *“Lei 10.639/03: a representação da África e dos Afrodescendentes nos livros didáticos de Geografia no Brasil 2005-2014”*, faz uma revisão bibliográfica e documental na área de Geografia, com o objetivo de analisar a aplicabilidade da Lei 10.639/03 no conteúdo África dos livros didáticos de Geografia publicados no período de 2005 a 2014.

A pesquisa traz ao centro do debate as questões raciais e tem como objetivo investigar como conteúdos relacionados à raça aparecem nos livros didáticos. Para isso, ela retoma a obra do Dr. Carlos Augusto Valente de Novaes, tecendo críticas sobre elementos racistas presentes no seu discurso ao descrever as caracterizações físicas dos diferentes povos em seu livro *“Geographia Secundaria”*.

A presença do racismo nos LDG pôde ser constatada no início do século XX no livro de Carlos Novaes publicado em 1926, quando este autor comparou as características físicas do branco e descreveu que o branco tinha cabelos finos e macios, lábios delgados e róseos, dentes finos e nariz afilado, corpo bem proporcional e inteligência desenvolvida; o negro por outro lado tinha cabelos pretos encarapinhados, crânio alongado, fronte achatada, lábios grossos, nariz chato, pernas arqueadas e finas. Tais estereótipos acompanharão o negro e seus descendentes nos LDG do Brasil colônia até a aprovação da Lei 10.639/03 que proibiu o uso de conteúdos racistas nos materiais didáticos (SILVA, 2016, p. 16)

Todos esses trabalhos, cada um à sua maneira, trazem os livros do Dr. Carlos Augusto Valente de Novaes, como referências do ensino da geografia nas escolas brasileiras nos anos de 1890 a 1930.

Esses trabalhos contribuem para a minha investigação, mas ela se diferencia das demais por buscar reconstituir a história de vida e profissional do Dr. Carlos Augusto Valente de Novaes, destacando seu papel como geógrafo e educador, as influências teóricas sobre seu pensamento e os avanços de sua produção em relação ao tempo que viveu.

2.3 Método e o tipo da pesquisa

Nessa pesquisa, toma-se como referência o método Histórico Crítico que Marc Bloch apresenta no seu livro “Apologia da História ou ofício de Historiador”, publicado no Brasil em 2001. O autor destaca como o pesquisador deve se relacionar com os documentos, alertando-o para não tomar esses dados como verdades absolutas, mas também não as tratar como falsas logo de cara. É preciso ter cautela na análise.

A princípio, a ideia de Bloch é fazer com que o pesquisador desenvolva sensatez e perspicácia no trato com os documentos, desenvolvendo um senso crítico sobre as fontes. Esse senso crítico deve conscientizar o historiador a não fazer críticas baseadas unicamente no bom senso, que para Bloch (2001, p.90) seria “um composto de postulados disparatados e de experiências precipitadamente generalizadas”. Destaca o autor que a crítica não pode ser feita apenas pela crítica, alicerçada em “achismos” ou em investigações parciais dos vestígios.

Marc Bloch (2001) desejava, com a apresentação do método, evitar a manutenção de uma história descritiva de fatos e eventos sem que esses passassem por nenhum tipo de problematização ou questionamento. Claro que quando o autor apresenta a ideia de problematizar/questionar, de ceticismo com os documentos, ele não deseja causar uma esclerose irremediável na história – quando o pesquisador passa mais tempo duvidando do documento do que construindo a história – mas sim fazer uma história mais crítica com os documentos, os eventos, os fatos e os personagens.

Assim, o autor apresenta uma forma não passiva de fazer esse trabalho. Além disso, com o uso frequente desses testemunhos nos estudos historiográficos, a investigação precisa deixar de se limitar a extrair do documento só o que ele aparentemente fornece.

Bloch (2001) nos diz que, assim como as ciências cartesianas, a crítica ao testemunho histórico faz tábulas rasas da credulidade; assim como as ciências cartesianas a crítica procede a essa implacável inversão de todas as bases antigas apenas a fim de conseguir novas certezas, ou grandes probabilidades.

Um ponto fundamental do método histórico crítico, na minha visão, é assegurar que uma afirmação só pode ser feita se tiver condições de verificação e que cabe ao historiador, no caso de usar um documento, indicar sua proveniência, que equivale a uma regra universal de integridade do historiador.

Não é, é cada vez menos, esse juiz um pouco rabugento cuja imagem desabonadora, se não tomarmos cuidado, é facilmente imposta por certos manuais introdutórios. Não se tornou, certamente, crédulo. Sabe que suas testemunhas podem se enganar ou mentir. Mas, antes de tudo, preocupa-se em fazê-las falar, para compreendê-las. É uma das marcas mais belas do método crítico ter sido capaz, sem em nada modificar seus primeiros princípios, de continuar a guiar a pesquisa nessa ampliação (BLOCH, 2001, p. 95-96).

A partir do que foi exposto, sobre o método histórico crítico e como o historiador deve tratar o documento, nota-se que essa pesquisa é do tipo documental! Para Rodrigues e França (2010, p. 55), diferentemente da pesquisa bibliográfica que se utiliza fundamentalmente das contribuições dos diversos autores sobre determinado assunto, a pesquisa documental vai se dedicar à análise de documentos.

As autoras (2010, p. 55) afirmam que durante muito tempo só se considerava como documentos válidos para a compreensão da vida do ser humano e da história, aqueles que estavam sob a guarda dos arquivos públicos nacional, estadual e municipal, bem como em arquivos particulares, museus, bibliotecas e centros de memória, ou seja, só se considera válido quando o documento pertencia a uma entidade oficial, descartando as que são produzidas pelas pessoas “comuns”.

Enfatizam ainda que os documentos assumem atualmente variadas formas e podem ser encontrados nos mais diferentes lugares, fazendo do

documento uma categoria mais abrangente, que não se resume a documentos “oficiais”, passando a ser eles cartas, bilhetes, livros, e uma infinidade de fontes pelas quais se é possível escrever a história.

Para Samara e Tupy (2007, p. 68) essa mudança na concepção do documento se deu pela democratização do conhecimento que incentivou uma rica discussão sobre sua definição, permitindo afirmar que a pesquisa histórica não se restringe ao espaço especializado do arquivo textual, mas que perpassa o muro desse espaço, indo a infinitos lugares.

Assim, os documentos se multiplicaram e hoje eles correspondem a livros, revistas, correspondências, diários, noticiários de rádio, televisão, filmes, internet, produções iconográficas, testemunhos orais, entre tantos outros (SAMARA e TUPY, 2007, p. 68).

Le Goff (1990) compreende os documentos como uma produção social e cultural das sociedades, como um material da memória, podendo ser intencional ou não. São eles os rastros que ajudam na compreensão de como as sociedades se organizavam, o seu funcionamento e suas interferências e permanências no presente.

Quando se trabalha com documento deve-se identificar a sua materialidade:

Deve identificar a sua forma material, o seu conteúdo, os objetivos de quem o produziu, de quem o lê e interprete [...] conhecer a história do documento que se tem em mãos, buscando apreender sob que condições ele foi produzido, quem o escreveu e com que propósito (RODRIGUES e FRANÇA 2010, p. 60).

O historiador precisa lembrar que não existe documento neutro e por isso se faz necessário compreender o documento no contexto em que foi produzido, pois, como dito, quem produz esse documento, vivia em uma sociedade cercada por filosofias, ideologias, sentimentos e políticas que afetava a forma como foi produzido.

As palavras e as expressões contidas no documento são carregadas de significados que variam no tempo e no espaço. Nem sempre os seus significados se mostram claros ao pesquisador e podem se constituir em armadilhas ao seu trabalho [...] as palavras não podem ser interpretadas fora do contexto em que foram produzidas, pois as imprecisões do documento retratam os interesses de quem o

produziu. O pesquisador deve submeter o documento a uma análise rigorosa e contextualizada. Na pesquisa, é sempre bom ter uma boa dose de paciência para se evitar conclusões precipitadas (RODRIGUES e FRANÇA 2010, p. 61).

De acordo com Rodrigues e França (2010, p. 64-65) a pesquisa documental requer o conhecimento de alguns procedimentos, para que suas análises sejam válidas e eficazes.

A “decifração” da língua em busca da produção do significado será essencial na reconstrução das trajetórias dos atores sociais, da sua “localização” social. Os documentos exigem atenção especial às condições em que foram produzidos. Situações desvantajosas de coleta primária das informações podem distorcer essencialmente o discurso que será analisado pelo pesquisador. Utilizar relatórios de instrução processual é uma dessas situações na qual o pesquisador deve ser especialmente cuidadoso e ter sempre presente que a autoridade que preside a coleta de informações que constituem o corpus do documento tem objetivos processuais claros a atingir e isso acarreta um importante viés na constituição dessas informações (RODRIGUES e FRANÇA 2010, p. 64-65).

Para as autoras (2010, p. 65) “a compreensão do discurso deve superar a barreira da língua na qual o documento foi produzido”. Essa análise deve observar não só o que está escrito, mas como está escrito, os símbolos que carrega, as ideologias que apresenta. É por isso que a análise do discurso foi escolhida para interpretar as fontes dessa pesquisa que serão apresentadas a seguir.

2.4 Fontes de Pesquisa

Logo que iniciei no mestrado em educação e defini que Carlos Augusto Valente de Novaes seria o sujeito desta investigação, retornei as pesquisas, o único meio de saber mais sobre quem ele tinha sido e as atividades que havia desempenhado.

Nos levantamentos de dados feitos no site da Biblioteca Nacional utilizei as palavras-chave: “Carlos Augusto Valente de Novaes” e “Geographia Secundaria”. Todas as filtragens e pesquisas foram feitas entre os anos de 1851-1923, que correspondem respectivamente aos anos de nascimento do intelectual e de publicações da edição bases para os estudos realizados nessa pesquisa.

Na Biblioteca Nacional foram encontrados um total de 20.424 documentos correspondentes aos filtros mencionados anteriormente, desse total 330 estavam dentro do período histórico investigado e nos locais que surgiram nas fontes SP/RJ PA/SC, aptos nesse primeiro crivo a serem analisados.

É importante mencionar que os estados onde os filtros foram utilizados (PA, RJ, SP e SC), não se deu de forma aleatória, pois foi nesses estados que o Dr. Carlos Augusto Valente de Novaes teve algum tipo de participação na produção intelectual, política e social do lugar, seja como membro do Instituto Histórico e Geográfico, ou em Sociedades de Geografia, além dos estados mencionados suas produções chegaram até o estado do Amazonas.

Após a análise destes, chegamos a um quantitativo de 34 arquivos relevantes para a pesquisa por serem os que mencionaram o sujeito investigado. Desse total 20 publicados no Estado do Pará, 12 publicados no Estado do Rio de Janeiro (Distrito Federal) e 2 publicados no Estado de Santa Catarina.

Esses arquivos que foram selecionados tratam das funções desempenhadas como médico, de sua trajetória política e educacional, suas produções com estudiosos da Geografia, as funções desempenhadas em instituições de ensino no Pará e no Rio de Janeiro e traços da sua árvore genealógica.

Foi possível também detectar algumas das obras produzidas, o ano de suas publicações e as reedições principalmente da obra “Geographia Secundaria” (1908), publicada pela editora Francisco Alves, no Rio de Janeiro, fonte da pesquisa.

Na tabela 1, que segue o texto, apresenta-se as obras didáticas e o ano de sua primeira edição. Infelizmente, houveram três obras das quais só se encontraram o nome, sem a data de publicação, pelas pesquisas feitas pode-se ter uma ideia, mas como essa análise não chegou em uma resposta concreta optou-se por não colocar na formatação. São elas:

Tabela 1: Obras de Carlos Novaes, publicadas entre 1892 e 1912

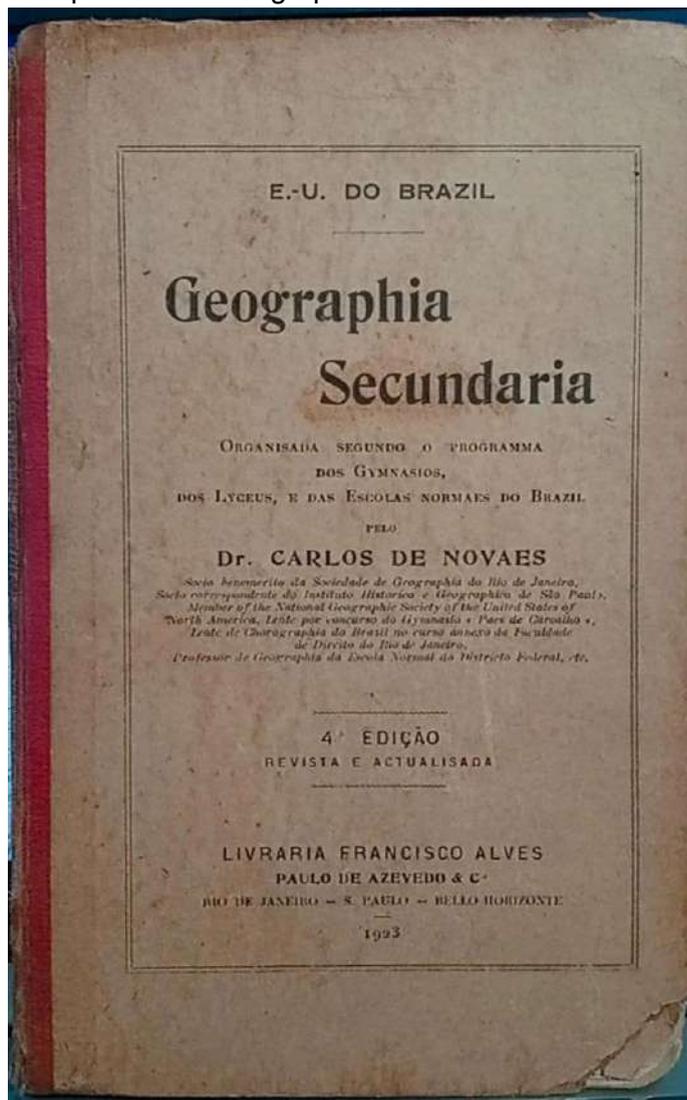
TÍTULO DA OBRA	ANO DE PUBLICAÇÃO	EDIÇÃO
Geographia Primaria	1892	1º edição
Geographia secundaria	1908	1º edição
Geographia Especial ou Chorographia do Brazil	1912	1º edição

Geographia Elementar do Estado do Pará	_____	_____
História natural	1910/1912	1º edição
Noções de physica	_____	_____
Noções de Chimica	_____	_____

Fonte: Elaborado pelo autor com base em NOVAES, 1923, n.p e SILVA, 2012, p. 89, 92-94 e 99.

A escolha da obra didática “Geographia Secundaria” para análise se deu por ser destinada à educação de jovens da escola secundária dos estados do Amazonas, Pará e Rio de Janeiro, tendo sido referência desse nível de ensino até 1930.

Figura 1 - Capa do livro Geographia Secundaria do Dr. Carlos Novaes



Fonte: Arquivo da pesquisa

A 4ª edição publicada em 1923, é a que será utilizada neste estudo. Constitui-se de capa dura com uma cor amarelada e lombada vermelha; contra capa e índice completamente soltos da encadernação, danificada pelo tempo, mas com texto, imagens e mapas que compõem a obra, em perfeito estado para leitura e interpretação. As folhas estão amareladas, algumas soltas e rasgadas, e muito frágeis ao manuseio, rasgando com muita facilidade.

Composta por 541 páginas e 126 imagens entre fotografias, esquemas, mapas e ilustrações, é uma obra densa e que pode ser analisada sob diversas vertentes e temas. O seu sumário, anexo 1, permite observar a diversidade de conteúdos trabalhados, entretanto, para esse estudo selecionei os seguintes capítulos da obra apresentados na tabela 2 a seguir:

Tabela 2: Capítulos que serão analisados nesta pesquisa

I.ª PARTE – NOÇÕES GERAES		
Capítulo I	Geographia e suas divisões	1
Capítulo II	A Terra: Forma, posição, dimensões e movimento – Estrellas, planetas, satélites e cometas	4
Capítulo III	Circulos da esphera terrestre	13
Capítulo IV	Atmosphera – Meteóros	18
Capítulo V	Pontos Cardeaes – Orientação	26
Capítulo VI	Desigualdade dos dias e das noites – Estações	29
Capítulo VII	Zonas – Climas	33
Capítulo VIII	Latitude e longitude – Medidas intinerarias e de superficie	36
Capítulo IX	Carta Geographica – Escala	42
III.ª PARTE – GEOGRAPHIA POLITICA		
Capítulo I	Formas Sociaes – Estados – Formas de Governo	177
Capítulo II	Os Grupos Ethnicos – Linguas e Religião	181
Capítulo II	Definições da Geographia econômica	185

Fonte: Elaborado pelo autor com base em NOVAES, 1923, n.p.

Na capa do livro contém ainda uma breve biografia do autor e para que instituições a obra foi destinada. Na contracapa há informações sobre outras obras e outros autores que foram publicados pela editora Francisco Alves.

2.5 Técnica de análise das fontes

Essa pesquisa fará uso da técnica da análise do discurso que para Orlandi (2020, p. 13), surge como uma nova proposta de se estudar a linguagem, sem, porém, tratar da língua ou da gramática, embora não as deixe de lado, mas a sua preocupação maior está em “compreender a língua fazendo sentido, enquanto trabalho simbólico, parte do trabalho social geral, constitutivo do ser humano e sua história”.

Por ser parte de um trabalho simbólico, a autora afirma que, a palavra discurso, etimologicamente, tem em si a ideia de curso, de percurso, de movimento. Sendo assim é: a palavra em movimento, a prática de linguagem, permitindo com o seu estudo do discurso, observar o ser humano falando, se comunicando.

O que se conclui é que o discurso é uma dispersão de textos e o texto é uma dispersão do sujeito. O sujeito se subjetiva de maneiras diferentes ao longo de um texto. Há pontos de subjetividade ao longo de toda a textualidade (ORLANDI, 2020, p.).

Assim, podemos dizer que a análise do discurso não trabalha com a língua enquanto um sistema abstrato, mas com a língua no mundo, com maneiras de significar, com o ser humano falando, considerando a produção de sentido enquanto parte de suas vidas, seja enquanto sujeito, seja enquanto membro de uma determinada formação social.

Por esse motivo é que esse tipo de análise nos leva

A conhecer melhor aquilo que faz do ser humano um ser especial com sua capacidade de significar e significar-se. A análise do discurso concebe a linguagem como mediação necessária entre o ser humano e a realidade natural e social. Essa mediação, que é o discurso, torna possível tanto a permanência e a continuidade quanto o deslocamento e a transformação do ser humano e a realidade em que ele vive. O trabalho simbólico do discurso está na base da produção da existência humana (ORLANDI, 2020, p. 13).

Nesse contexto, a análise do discurso leva em consideração o ser humano e sua história, fazendo com que essa análise se relacione com a sua exterioridade, visando “pensar o sentido dimensionado no tempo e no espaço das práticas do ser humano, descentrando a noção de sujeito e relativizando a autonomia do objeto da linguística” (ORLANDI, 2020, p. 14).

Assim, a Análise do Discurso:

interroga a Linguística pela historicidade que ela deixa de lado, questiona o Materialismo perguntando pelo simbólico e se demarca a Psicanálise pelo modo como, considerando a historicidade, trabalha a ideologia como materialmente relacionada ao inconsciente sem ser absorvida por ele” (ORLANDI, 2013, p.20).

Em seu livro, Orlandi (2020, p. 15-16), diferencia a “Análise do Conteúdo” da “Análise do Discurso”, afirmando que essas duas metodologias de análise fazem perguntas diferentes aos documentos que investigam. Para ela, a primeira abordagem se pergunta: O que esse texto diz? Enquanto a segunda se questiona: Como esse texto significa? Nessa perspectiva, para a Análise do Discurso o texto não é transparente, bem como não busca atravessar o texto para encontrar uma verdade do outro lado.

De outro modo, Orlandi (2020, p. 19) coloca que a noção elementar de discurso, não é a mesma do qual se vale a análise de discurso. Na noção elementar, o esquema segue uma linha:

O emissor transmite uma mensagem (informação) ao receptor, mensagem essa formulada em um código referindo a algum elemento da realidade (o referente). Para a “Análise do Discurso”, não se trata apenas de transmissão de informação, nem há essa linearidade na disposição dos elementos da comunicação, como se a mensagem resultasse de um processo assim serializado (ORLANDI, 2020, p. 19).

O que a autora quer dizer é que esse processo é fluido onde emissor e receptor atuam em conjunto num sistema de emissão e decodificação, realizando juntos o processo de significação.

Dito o que vem a ser a Análise do Discurso e como ela se diferencia de outras análises linguísticas, faz-se necessário saber como organizar, como fazer a análise e quais são os seus procedimentos para a construção dessa interpretação.

A Análise do Discurso, embora tenha regras básicas para ser realizada não segue um modelo rígido, pelo contrário, conta com a criatividade do pesquisador na implementação do método. Para Orlandi:

[...] a proposta metodológica é uma construção do analista que possui como princípio norteador colocar questões e a

problematização no confronto com os dados, o que leva a considerar a possibilidade de abstração metodológica como resultado analítico. Em face dessa problematização surge a “entrada” do analista na “descoberta” e na “construção” da metodologia. Nesse sentido, a AD rompe com análises estruturais e deixa ao analista a sua capacidade de lidar com os dados e a habilidade teórica (ORLANDI, 2013, p. 67).

Uma das principais características desse dispositivo de interpretação é:

colocar o dito em relação ao não dito, o que o sujeito diz em um lugar com o que é dito em outro lugar, o que é dito de um modo com o que é dito de outro, procurando ouvir, naquilo que o sujeito diz, aquilo que ele não diz, mas que constitui igualmente os sentidos de suas palavras (ORLANDI, 2020, p. 57)

Embora a Análise do Discurso seja um método de análise bem estruturado, cabe ao pesquisador criar suas estratégias de análises. É ele quem questiona o seu material, quais questões busca responder e quais caminhos trazem essas respostas. É a partir desses dispositivos de análise que ele obtém seus resultados.

[...] ele constrói finalmente seu dispositivo de analítico, que ele particulariza, a partir da questão que ele coloca face aos materiais de análise que constroem seu *corpus* e que ele visa compreender, em função do domínio científico a que ele vincula seu trabalho. Com esse dispositivo, ele está em medida de praticar sua análise, e é a partir do dispositivo que ele interpreta os resultados a que ele chega pela análise do discurso que ele empreendeu. Para isso é preciso só que ele compreenda como o discurso se textualiza (ORLANDI, 2020, p. 60).

No processo analítico do discurso, o objetivo não é a exaustividade em extensão, nem a completude, ou exaustividade em relação ao objeto empírico, pois esse é inesgotável. “Todo discurso se estabelece com um discurso anterior e aponta para outro. Não há discurso fechado em si mesmo, mas um processo discursivo do qual se podem recortar e analisar estudos diferentes” (ORLANDI, 2020, p. 60).

Ou seja, um mesmo discurso pode ter sentidos diferentes para diferentes sujeitos, pois nessa análise são consideradas diversas características, tanto do discurso analisado quanto do analista, pois se o discurso não é neutro, tão pouco o é seu analista.

Nesse contexto, para Orlandi (2020, p.62) não se pode dizer que a análise feita pelo analista é objetiva, mas, uma coisa que é própria desse tipo de

trabalho, é que ele deve ser feito da forma menos subjetiva possível, explicitando o modo da produção de sentido do objeto em observação.

Tendo em vista que toda a pesquisa se constrói por meio dos materiais que serão utilizados, “um dos primeiros pontos a considerar, se pensamos na análise, é a constituição do corpus” (ORLANDI, 1998). Assim como o dispositivo de análise é particular do pesquisador, o corpus que ele constrói também é particular não seguindo critérios empíricos, mas teóricos, porém “devemos dizer que a análise de discurso se interessa por práticas discursivas de diferentes naturezas: imagem, som, letras, etc.” (ORLANDI, 2020, p. 60).

A dificuldade de se montar esse corpus está no fato de não haver um contato inaugural com o discurso (os discursos), com o material que é nosso objeto de análise. Isso porque ele não se dá como algo já discernido e posto. Em grande medida resulta de uma construção do próprio analista (ORLANDI, 2020, p. 61).

Dessa maneira o material a ser utilizado não é definido pela sua extensão: ele pode ter desde uma só letra até muitas frases, enunciados, páginas, etc. [...] pode ser, também, todo um livro, que faz sentido na situação literária [...] portanto, não é a extensão que delimita o que é um texto. Como dissemos, é o fato de, ao ser referido à discursividade, constituir uma unidade em relação à situação (ORLANDI, 2020, p. 67).

Depois de lançar mão do *corpus*, o analista deve fazer uma análise superficial dos discursos selecionados. Essa análise servirá para averiguar alguns pontos que são fundamentais para as análises mais profundas. É preciso saber: “como diz o discurso, quem diz o discurso, em que circunstâncias etc.” (ORLANDI, 2020, p. 63).

Na análise do discurso, não se toma o texto como ponto de partida absoluto, nem de chegada. Um texto é só uma peça de linguagem de um processo discursivo bem mais abrangente e é assim que deve ser considerado. Ele é um exemplar do discurso (ORLANDI, 2020).

3. “LEAL DE ANIMO, AFFAVEL DE TRATO, BOM E MODESTO DE NATUREZA”: CARLOS AUGUSTO VALENTE DE NOVAES, TRAÇOS BIOGRÁFICOS

A construção dessa sessão passa pela dificuldade que muitos historiadores relatam ao tentar reconstruir a história de uma pessoa que viveu em tempos distantes. Resgatar os traços da história acadêmica e profissional de Carlos Augusto Valente de Novaes não foi uma tarefa fácil, pois as fontes estavam muito dispersas, devido ao fato de este ter vivido em cidades diferentes. Desse modo, trabalharei com as que foi possível localizar durante o período de investigação.

Essas fontes foram de norte para a produção dessa biografia. A organização de eventos e acontecimentos ligados à família, vida estudantil, o trabalho como professor, político, entre outros, compõem o enredo aqui apresentado.

Entender o processo histórico-espacial no qual o sujeito desenvolveu suas ideias, nos permite entender sua formação intelectual, as ideias que defendia e as pessoas com quem estabeleceu relações.

Tendo esses pontos em mente, é chegada a hora de apresentar o intelectual que inspirou essa pesquisa, Carlos Augusto Valente de Novaes, para isso, acredito que o primeiro passo a ser dado é revelar a sua face, para que se possa tirá-lo do âmbito imaginativo e se possa desenhar efetivamente suas características físicas.

Figura 2 - Busto do Dr. Carlos Novaes



Fonte: Jornal “Rua do Ouvidor”, nº 57, 17 de junho de 1899, p. 01.

A figura 2, apresentada acima, retrata o busto de um homem de meia idade que foi utilizado em uma homenagem feita a Carlos Augusto Valente de Novaes em uma manchete de jornal que fala sobre a sua vida e algumas das posições que ocupou na sociedade paraense e brasileira, que serão apontadas mais à frente.

Seu Bigode Imponente representa uma cultura comum entre os homens da época em que viveu. Seu uso demonstrava firmeza e seriedade. Um símbolo de masculinidade, muitas vezes associado ao visual de maturidade. Da mesma forma, em uma pesquisa rápida na internet sobre tipos de bigodes, poderemos entender que o estilo que ele utiliza é o “*Handlebar*”, esse é um estilo que demonstra cuidado com a aparência e com a higiene, já que exige um pouco mais de cuidado para mantê-lo nesse formato (TONIN, 2020).

Nascido em 4 de junho de 1851, conforme apontou Theodoro Braga em seu livro “Noções de Chorographica do estado do Pará (1919). Esse foi um ano conturbado para o império brasileiro comandado por D. Pedro II, marcado por conflitos políticos e sociais. As causas da instabilidade foram as muitas revoltas pelas quais passava o país após o final do período regencial e a tentativa de consolidação do segundo reinado brasileiro de Dom Pedro II (1840-1850). Como exemplo dessas revoltas pode-se citar a Revolução Praieira (Pernambuco, 1848) e a revolta dos marimbondos (1850).

Iniciada a partir da “Lei n. 586 de 6 de setembro de 1850” que autorizava os gastos necessários para elaborar o censo geral do império e registros regulares de nascimento e óbitos”, a Revolta dos Marimbondos aconteceu pelo medo que as pessoas livres, porém pobres, tiveram de serem escravizadas junto com seus filhos, por causa de dois decretos (nº 797 e 798 de 1851) que foram promulgados. O primeiro pedia a contagem das pessoas que viviam no Brasil e, o segundo, pedia que a partir de janeiro de 1852 fossem contados todos os nascimentos e óbitos do império (LUCENA, 2018).

O período posterior à década de 1850 do século XIX foi marcado por transformações econômicas no Brasil, isso porque a economia agroexportadora do Nordeste açucareiro entrou em decadência, por causa da produção holandesa na América Central. Assim, a base econômica do Brasil passava a ser o centro sul

cafeeiro em ascensão, tornando-se esse o principal produto de exportação, produto que alavancou as finanças do País (FRANCA, 1997).

No mesmo período, segundo a autora, a economia do estado do Pará estava diretamente voltada ao extrativismo e comercialização do látex extraído das seringueiras, matéria-prima que durante alguns anos foi o principal produto paraense de exportação e que trouxe modernizações para o estado, principalmente para sua capital, Belém.

Carlos Novaes nasceu em Cametá, elevado à categoria de cidade em 1848. Este município fica distante 235 km da cidade de Belém, capital do estado do Pará e é banhada pelas águas do rio Tocantins que teve papel fundamental na construção do território, tendo em vista que foi por esse rio que os Freis Cristóvão de São José, Manuel da Piedade e Cosme de São Damião chegaram ao aldeamento dos Camutá, que viviam na região (IBGE, 2020).

O município, que tem uma grande tradição histórica, sendo considerado, desde o dia 16 de setembro de 1986, Patrimônio Histórico Nacional (IBGE, 1957). Isso se deve também ao título que foi dado ao município, “Cametá – terra dos notáveis”, devido à projeção de mulheres e homens dessa localidade, na educação, na cultura, na política, na Literatura, etc., no estado, na região e no país.

Ele era filho do Tenente-coronel do exército João Baptista de Novaes, fruto de seu casamento com a dona Rosa Lima Valente de Novaes. As informações a respeito de seus pais não são muitas, o que se foi possível saber foi a profissão do pai, já mencionada, e o ano de falecimento de sua mãe, 1867, quando Carlos Novaes tinha 16 anos, além de seu parentesco com o Sr. Domingos Rodrigues de Novaes, seu irmão e político paraense.

Carlos Novaes viveu parte de sua vida em seu município natal. Entretanto realizou os seus estudos na cidade de Belém e, posteriormente, estudou medicina no Rio de Janeiro. Em Belém, realizou seus estudos em uma escola que ficava anexa ao Seminário Episcopal destinado ao ensino secundário, sob a diligência de Dom. Antônio de Macedo Costa, que havia sido nomeado Bispo do Pará. (COSTA, 2019).

Dom Antônio Macedo Costa, observando as deficiências das instituições de ensino existentes em Belém na época, decidiu organizar o Seminário Episcopal e o Seminário Menor para formação de novos padres e leigos.

É de se considerar que nesse período havia a presença efetiva da igreja em todas as instâncias do império brasileiro, principalmente no campo educacional. Essa presença marcante se deve a Constituição de 1824, promulgada ainda no primeiro reinado de Dom. Pedro I, que estabelecia o catolicismo como a religião oficial do Brasil, o que lhe confere grandes poderes e prestígio social. Esse fato fez com que a Igreja tomasse conta e fundasse diversas instituições educativas pelo Brasil, difundindo cada vez mais a sua doutrina (FAUSTO, 1995).

Em 1866, quando Carlos Novaes já era aluno da instituição mencionada, esta estava instalada no Palácio Episcopal, pois o Colégio de Santo Alexandre estava em reforma. Essa mesma estrutura conteve o Pequeno Seminário de Santo Antônio, que também pode ser chamado de Seminário Menor (COSTA, 2019).

Nessas instituições, Carlos Novaes obteve um bom desenvolvimento intelectual. Essa afirmação tem por base os recortes de jornais que foram publicados com os resultados dos exames das instituições educativas (tabela 3).

O *Jornal Estrela do Norte (1866)* e o *Jornal do Pará (1867, 1868)*, relatam que o ensino secundário cursado neste seminário foi terreno fértil para o seu desenvolvimento intelectual, pois, em uma espécie de ranking publicado nesses meios de comunicação, o desempenho dos melhores alunos é revelado. Nele, Carlos Augusto Valente de Novaes, figura sempre entre os primeiros colocados em algumas disciplinas.

No primeiro semestre do ano de 1866, foram feitos os exames de suficiência dos alunos do Seminário Episcopal do Pará. Esses exames eram aplicados para verificar se o aluno tinha condições para avançar para as próximas séries.

Na aplicação desses exames, Carlos Novaes estava no primeiro ano dos estudos secundários com 15 anos. Os resultados, apresentados no *Jornal “A Estrela do Norte”*, revelaram que as disciplinas nas quais mais teve destaque foram Geografia e Gramática Francesa, sendo aprovado plenamente e com louvor.

Em outubro de 1867, os resultados dos exames mostraram, mais uma vez, o seu êxito nos estudos, nessa ocasião ganhou o 2º prêmio na disciplina Geografia; o 1º prêmio em Latim e 3º prêmio em instrução religiosa. Além disso, recebeu o prêmio de excelência (2º prêmio); em História Natural e História Antiga (2º prêmio) e Geografia (1º prêmio), conforme o *Jornal do Pará* de outubro de 1867.

Em 1868 não foi diferente, nos exames de suficiência do Pequeno Seminário de Santo Antônio, mais uma vez foram mostrados a excelência acadêmica do Carlos Novaes, obtendo o 1° prêmio da 3° divisão da instrução religiosa; o 2° prêmio em Latim; Aprovado Plenamente em Grego; 2° prêmio em História; 1° prêmio em Geografia e o 2° prêmio em Francês, conforme o Jornal do Pará de maio de 1868.

Na tabela a seguir pode ser observado o bom êxito de Novaes nos exames escolares. A elaboração da tabela foi a melhor forma que se encontrou de expressar esse desempenho.

Tabela 3: Exames de suficiência do ensino secundário do Dr. Carlos Novaes

Exames escolares de 1866	
Seminário Episcopal do Pará	
Geografia	Aprov. Plenamente
Gramatica Francesa	Aprov. plenamente
Exames escolares de 1867	
Pequeno Seminário de Santo Antônio	
Geografia (2° ano)	2° Prêmio
Latim	1° Prêmio
Instrução Religiosa	3° Prêmio
História Natural	2° Prêmio
História Antiga	2° Prêmio
Geografia (excelência)	1° Prêmio
Exames escolares de 1868	
Pequeno Seminário de Santo Antônio	
Geografia	1° Prêmio
Latim	2° Prêmio
Instrução Religiosa (3ª divisão)	1° Prêmio
História	2° Prêmio
Francês	2° Prêmio
Grego	Aprov. plenamente

Fonte: Elaborado pelo autor. Jornal A Estrela do Norte e Jornal do Pará (1866, 1867 e 1868).

Esse bom desempenho escolar, de acordo com o jornal *Rua do Ouvidor* (17 de junho de 1899, p. 1), foi quando ele “revelou dotes intellectuaes que o recommendaram ao bom conceito dos mestres e ao applauso dos condiscípulos”. Não se sabe onde ele realizou os exames preparatórios para o ingresso na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Realizar estudos de nível superior era privilégio para poucos.

Em 1876, Carlos Novaes ingressou na Faculdade de Medicina e mudou-se para o Rio de Janeiro para estudar. Um ano antes do seu ingresso (1875), a faculdade encontrava-se em condições precárias, inexistindo laboratórios e

instrumentos básicos para formar adequadamente os que nela ingressavam. Além do fato de muitos professores estarem ligados a funções administrativas e políticas do Império (CABRAL, 2016).

Segundo Cabral (2016), em 1876 com o propósito de elaborar novos estatutos para a Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, reivindicando um modelo de ensino prático-experimental, a especialização acadêmica e a liberdade de ensino, alguns professores reuniram-se em assembleia. Essas propostas encontravam-se na Memória Histórica de 1874, de autoria de Carlos Arthur Moncorvo de Figueiredo.

Dessa reunião e com o apoio do ministro do império, Carlos Leôncio de Carvalho, em 1878, foi designada uma comissão de professores da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro que elaboraria um novo anteprojeto de reforma do ensino médico. Dessa comissão participaram os Sr. Vicente Cândido Figueira de Sabóia, Domingos José Freire Júnior e Cláudio Velho da Motta Maia (CABRAL, 2016).

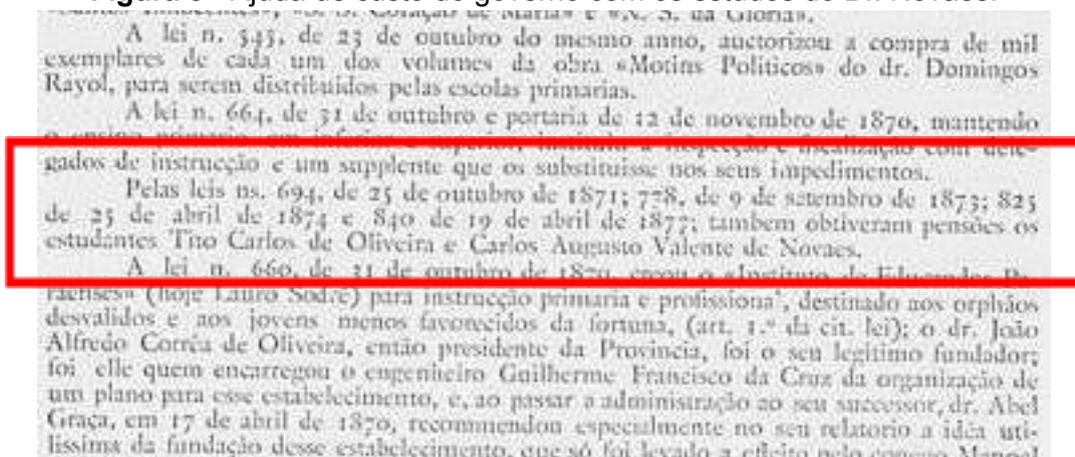
Dentre as mudanças conquistadas, por essa comissão, está o decreto n. 7.247, de 19 de abril de 1879, segundo Cabral (2016) ele aprovou o novo ensino da Faculdade e recebeu o nome de “Reforma Leôncio Carvalho”.

Inspirada nas universidades alemãs, a reforma instituiu a frequência livre às aulas; a supressão das sabatinas e determinava a obrigatoriedade das provas práticas; aboliu-se o juramento católico por ocasião da colação de grau, podendo cada doutorando jurar conforme o seu credo religioso (CABRAL, 2016).

Entre seus artigos propugnava-se, pela primeira vez, a permissão da diplomação de mulheres nos diversos cursos das faculdades e a concessão de autorização para que estas requeressem exame de verificação para obtenção do diploma de dentista (CABRAL, 2016).

Como já foi mencionado, o Dr. Carlos Novaes era filho de um Tenente-coronel e de uma dona de casa, o que não lhe conferia grande prestígio social, mas o seu esforço e honrarias nos exames de suficiência levaram o governo provincial do Pará a lhe conceder um benefício estudantil para que seus estudos, na faculdade de medicina, fossem custeados na capital do país, Rio de Janeiro, com o valor de 1:200\$00 reis (Rua do Ouvidor, 1899, p. 1).

Figura 3 - Ajuda de custo do governo com os estudos do Dr. Novaes.



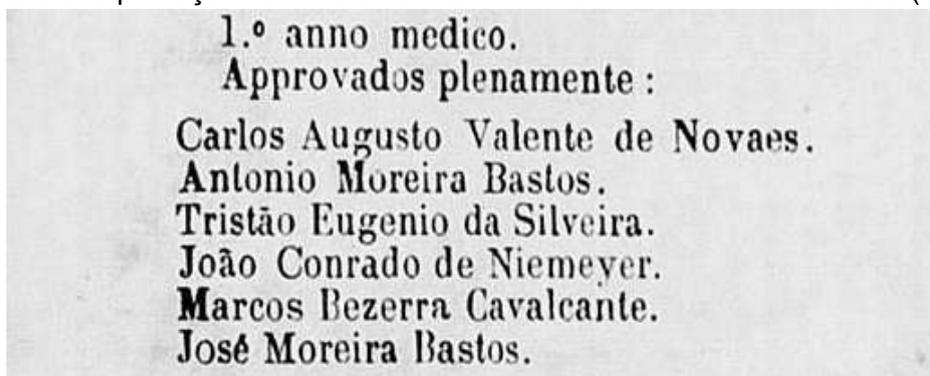
“Pelos leis ns. 694, de 25 de outubro de 1871; 778, de 9 de setembro de 1873; 825 de 25 de abril de 1874 e 840 de 19 de abril de 1877; também obtiveram pensões os estudantes Tito Carlos de Oliveira e Carlo Augusto Valente de Novaes”.

Fonte: Anuario de Belém: Commemoração do seu Tricentenário 1616-1916, p. 134.

A Figura 3 é a resolução do governo da sua ajuda de custo com estudos do autor e o compromisso firmado em colaborar com o desenvolvimento dos jovens acima mencionados. Da mesma forma, a figura acima presta contas sobre os gastos do governo perante a sociedade.

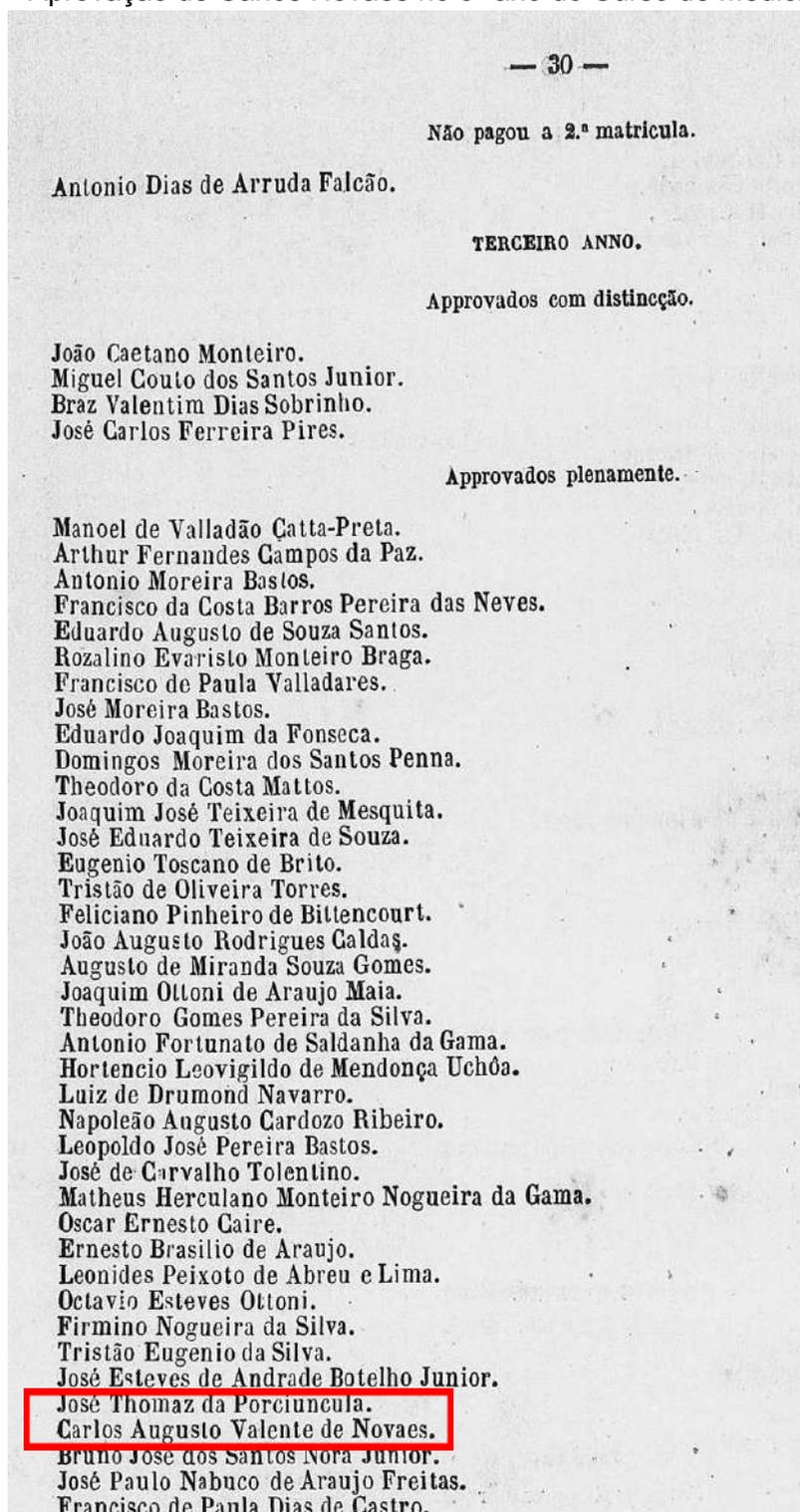
É importante mencionar que, de acordo com as fontes analisadas, durante o período de estudo na faculdade de medicina (1873-1878), Dr. Novaes manteve o seu bom desempenho estudantil, tendo êxito nos exames de aprovação. As figuras que seguem (4, 5, 6 e 7) são representações do desempenho do Dr. Novaes na faculdade de medicina.

Figura 4 - Aprovação com êxito de Carlos Novaes no curso de medicina (1873)



Fonte: A Instrução Publica, 1873, p. 478.

Figura 5 - Aprovação de Carlos Novaes no 3º ano do Curso de Medicina (1876)



Fonte: Relatório da repartição dos negócios do império, 1876, p. 30

Figura 6 e 7 - Relação dos alunos que fizeram doutoramento no ano de 1878.

— 35 —

Relação dos alumnos que se doutoraram durante o anno lectivo de 1878, dos que prestaram juramento de pharmaceutico, dos dentistas approvados e dos medicos e pharmaceuticos estrangeiros que se habilitaram para o exercicio de suas profissões no Imperio.

ALUMNOS DOUTORADOS.

Thomaz de Carvalho Borges.
Pedro José da Silva.
Salathiel de Andrade Braga.
Manoel Antonio Furtado.
José de Carvalho Tolentino.
Tristão de Oliveira Torres.
José Baptista da Costa Azevedo.
Francisco de Paula Dias de Castro.
José Eduardo Teixeira de Souza.
Fernando Abbott.
João Guilherme da Costa Aguiar.
Horacio de Mello Corrêa.
Antonio de Cerqueira Lima.
Leonides Peixoto de Abreu Lima.
Leopoldo José Pereira Bastos.
Marcos Rodrigues Madeira.
José Ferreira de Bastos Coelho.
Francisco da Costa Barros Pereira das Neves.
João Caetano Moreira.
Theodoro da Costa Mattos.
Bruno José dos Santos Nora Junior.
Braz Valentim Dias.
Hilario da Silva Figueira Junior.
Feliciano Pinheiro de Bitencourt.
Joaquim Teixeira de Mesquita.
Napoleão Augusto Ribeiro.
Francisco Ignacio de Carvalho Sampaio.
Antonio Moreira Bastos.
Oscar Ernesto Cairo.
Guilherme Alves da Silva.
Domingos Moreira dos Santos Penna.
Arthur Fernandes Campos da Paz.
José Moreira Bastos.
José Paulo Nabuco de Araujo Freitas.
Marcos Bezerra Cavalcante.
Alfredo Freitas de Sá.
Francisco de Paula Valladares.
Ernesto Brazillio de Araujo.
Benedicto Alipio Meira.
Miguel Couto dos Santos Junior.
Firmino Nogueira da Silva.

— 36 —

Tristão Eugenio da Silveira.
José Thomaz da Porciuncula.
Eduardo Augusto de Souza Santos.
Manoel de Valladão Catta Preta.
José Pereira da Silva Vianna.
Eduardo Joaquim da Fonseca.
Joaquim de Araujo Maia.
Antonio de Siqueira Carneiro da Cunha.
Innocencio Affonso Cavalcante de Albuquerque.
João Conrado de Nyemeier.
Geraldo Corrêa Barbosa Lima.
Antonio Antunes de Campos.
Antonio de Azevedo Beltrão de Araujo Pereira.
Hortencio Leovigildo de Mendonça Pereira.
José Moreira da Silva.
Carlos Augusto Valente de Novaes.
Viriato Gonçalves Vianna.
João Augusto Rodrigues Caldas.
Augusto de Miranda Souza Gomes.
João Baptista Barbosa Guimarães.
Benjamin Francklin de Almeida Lima.
José Carlos Ferreira Pires.
Octavio Esteves Ottoni.
Pedro Celidonio Gomes dos Reis.
Jacintho Alvares Ferreira da Silva.
Francisco de Paula Moreira Mourão.

Fonte: Relatório da repartição dos negócios do império, 1876, p. 35 e 36.

O período em que Carlos Augusto Valente de Novaes estudou medicina no Rio de Janeiro, foi também a época do advento das ideias positivistas, muito difundidas na década de 50 do século XIX, no Brasil. Trataremos desse período de forma breve, pois a sessão seguinte será dedicada ao estudo dessa corrente filosófica e sua influência no pensamento de Carlos Novaes.

O desenvolvimento econômico e intelectual pelo qual o Brasil vinha passando, nos últimos anos do segundo reinado, deu origem a um espaço de fomentação das ideias abolicionistas e republicanas, que foram defendidas pela inteligência nacional que estava, cada vez mais, suscetível ao pensamento europeu que se encontrava, à época, voltado principalmente para a filosofia positiva. Comte, Herbert Spencer, Darwin, entre outros. Foram os grandes mestres inspiradores dos homens e mulheres que viveram a luta contra o regime monárquico e as instituições políticas que lhe davam sustentabilidade (FRANÇA, 2004).

Os homens e mulheres dessa época, 1870 e 1880 do século XIX, acreditavam que poderiam trazer ao país uma nova luz, que poderiam ilustrar e iluminá-lo pela ciência e pela cultura, elevando-o ao nível do século e transformando-o numa grande nação, sem rupturas drásticas com a ordem (IDEM, 2004)

As ideias de liberdade e da construção da república tomam força após a abolição da escravidão no Brasil, em 13 de maio de 1888. Theodoro Braga (1916, p. 14), nos diz que, “com a idéia abolicionista, a ideia republicana apareceu no Pará, achando terreno fértil e adeptos fervorosos” e em conjunto com o desenvolvimento econômico (borracha), trouxe para Belém modificações na sua infraestrutura e arquitetura, período que ficou historicamente conhecido como “Belle Époque”.

O sentimento e o desejo de transformação que marcou esse período fizeram surgir uma geração de intelectuais que trouxeram em suas ideias uma tendência eminentemente crítica frente à realidade brasileira. Direcionados principalmente à forma de governo, ao regime de escravidão, ao pouco desenvolvimento do país, dentre outros.

Em 1878, Carlos Augusto Valente de Novaes formou-se no curso de Medicina e, um tempo depois (1881), retornou ao seu estado natal para exercer sua profissão de médico, fazendo atendimento em farmácias e consultórios. Chegou a ocupar, no governo provincial de Manuel Pinto de Sousa, a função de médico da

câmara, e inspetor de vigilância sanitária, principalmente do mercado de carnes de Belém.

Sua especialidade, nas atividades médicas, era a de parteiro, mas atuava em outras áreas, uma de suas produções científicas no ramo foi uma pílula, comercializada por toda a cidade, que servia para curar doenças como febre e disenteria. Os anúncios do produto estavam espalhados por diversos jornais da época. A figura 8 mostra um desses anúncios com a eficácia e a ação dessa pílula, entretanto não foi possível averiguar de que ela era composta.

Figura 8 - Propaganda de uma pílula criada pelo Dr. Novaes.

Pilulas
Para sezões e inflamação do fígado
Dr. Carlos de Novaes

O grande consumo que, em tão curto tempo, têm tido as pilulas do Dr. Novaes, é a prova mais evidente do quanto estas maravilhosas pilulas se avantajam no tratamento das febres intermitentes ou sezões, combatendo-as de um modo eficaz.
São innumeros os attestados e as cartas de agradecimento que temos, pelos quaes se prova que as

Pilulas do Dr. Carlos de Novaes
são as unicas que combatem as febres intermitentes sem produzir mal algum. Com o uso d'estas pilulas o enfermo não sente enfartamento em seu estomago; o seu fígado não se inflama e o baço não se avoluma nem endurece.

O doente que lança mão das

Pilulas do Dr. Carlos de Novaes
TEM SEMPRE O VENTRE DESEMBARAÇADO

A opilação, que quasi sempre se nota depois de accessos repetidos de febres, não se manifesta ao ponto que faz uso das

Pilulas do Dr. Carlos de Novaes
Alma mais: estas pilulas são puramente vegetaes; em sua composição não entra preparado algum de ferro, arsenico e outros metaes que fazem parte das outras pilulas que por ali andam.
Assim, pois, se quizerdes ficar curado de vovos sezões ou febres intermitentes, lança mão das

PILULAS DO DR. CARLOS DE NOVAES
Se tendes receio que o vosso fígado se inflame com o uso de certas drogas, recorrei ás

Pilulas do Dr. Carlos de Novaes
que, sendo ligeiramente purgativas, impoem que a opilação se manifeste e livram da inflamação!

As pilulas do Dr. Carlos de Novaes
são as que melhores resultados têm dado, o que é affirmado por todos que d'ellas têm feito uso!

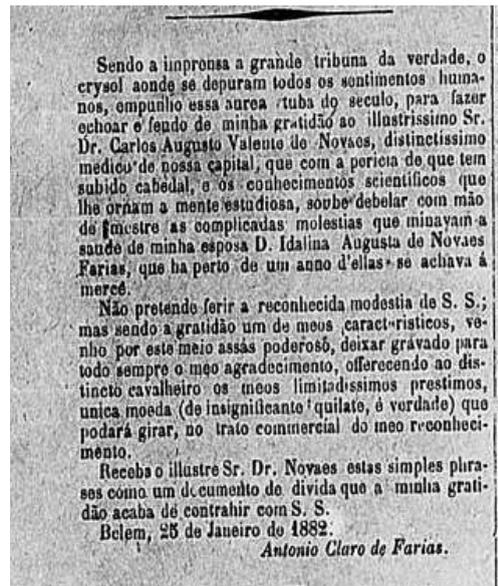
AVISO
As nossas pilulas verdadeiras e cujo effeito se garantem são aquellas que levam a assignatura de

DR. CARLOS DE NOVAES
escrita com tinta preta e encastada. Para garantia a assignatura e o modelo da caixa acham-se registralos o tribunal do Commercio.

Fonte: Jornal A República, 1893, p. 4

Outro fato que chama a atenção são os inúmeros agradecimentos ao Dr. Carlos Novaes e outros médicos pelos serviços prestados à comunidade. Nem sempre se tinha êxito no salvamento da vida, mas os agradecimentos se colocam pelo esforço deles na tentativa de fazê-lo.

Figura 9 - Agradecimento ao Dr. Novaes por seu trabalho como médico



Sendo a imprensa a grande tribuna da verdade o crysol aonde se depuram todos os sentimentos humanos e por eles essa aura toda do século para fazer ecoar a minha gratidão ao ilustríssimo Sr. Dr. Carlos Augusto Valente de Novaes distinctíssimo médico de nossa capital que com a perícia de que tem sabido cabedal e os conhecimentos científicos que lhe ornam a mente estudiosa, soube debelar com a mão de mestre as complicadas moléstias que minavam a saúde da minha esposa dona Idalina Augusta de Novaes Farias, que há perto de um ano, delas se achava a mercê.

Não pretendo ferir a reconhecida modéstia do senhor mais sendo a gratidão um dos meus característicos venham por este meio poderoso deixar gravado, para todo sempre, o meu agradecimento, oferecendo ao distinto cavalheiro os meus limitadíssimos préstimos, uma única moeda (de insignificante quilate, é verdade) que poderia girar no trato comercial do meu reconhecimento.

Receba illustre senhor doutor Novaes estas simples frases como um documento de dívida que a minha gratidão acaba de contrair com o senhor.

*Belém 25 de janeiro de 1882
Antônio Claro de Faria*

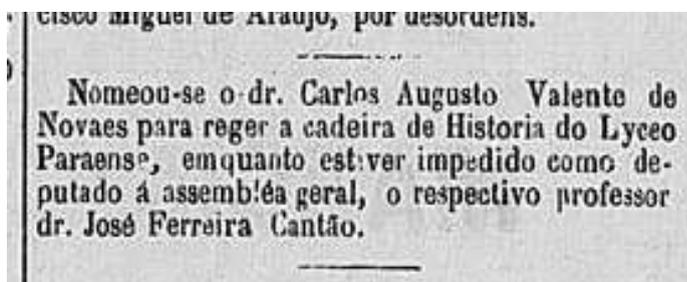
Fonte: Jornal Diário de Belém, 1882

O texto descrito acima, revela as capacidades médicas e o prestígio que tinha na função na cidade de Belém e, mesmo com uma sólida carreira na medicina, aos poucos, as atividades do magistério foram ganhando espaço na sua vida.

O início de sua carreira como professor foi na cadeira de História do Lyceu Paraense, em março de 1886, na ocasião, como substituto do Dr. José Ferreira Cantão, que havia sido eleito deputado, conforme revelou o Jornal “O

Liberal”. A figura 10, apresentada logo abaixo, apresenta o recorte de jornal com a nomeação do Dr. Carlos Novaes para reger a referida cadeira da instituição.

Figura 10 - Nomeação do Dr. Novaes para a cadeira de História do Lyceu Paraense



Nomeou-se o dr. Carlos Augusto Valente de Novaes para reger a cadeira de História do Lyceu Paraense, enquanto estiver impedido como deputado à assembleia geral, o respectivo professor dr. José Ferreira Cantão.

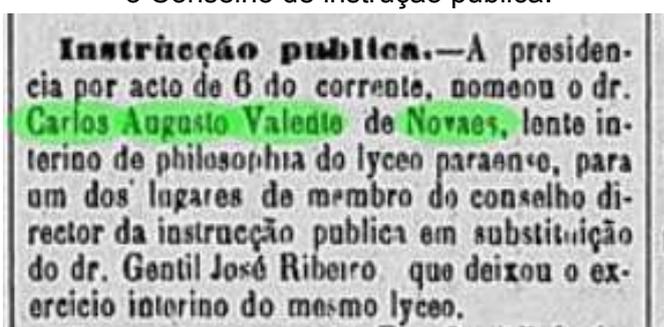
Fonte: Jornal O Liberal do Pará, 1986.

Ainda no mesmo ano, foi contratado para ocupar a cadeira de Geografia e História da Escola Normal, para substituir o professor da disciplina que tirou licença, o nome do professor que substituiu não foi identificado.

Outras possibilidades surgiram a partir de suas vivências como professor dessas instituições. Em 1886, com a exoneração de Américo Marques de Santa Rosa, Carlos Novaes passou a ocupar a função de Delegado Geral de Instrução Primária e Secundária do município da Corte, conforme o jornal "Diário do Grão-Pará" de agosto do mesmo ano.

No ano de 1888 foi nomeado para a cadeira de Filosofia do Lyceu Paraense e, na oportunidade, também foi convidado para fazer parte do Conselho Diretor de Instrução Pública em decorrência da saída do Dr. Gentil José Ribeiro de suas funções, conforme o Jornal "Diário de Notícias" (1888).

Figura 11 - Nomeação do Dr. Novaes para professor de Filosofia do Lyceu Paraense e para o Conselho de instrução pública.

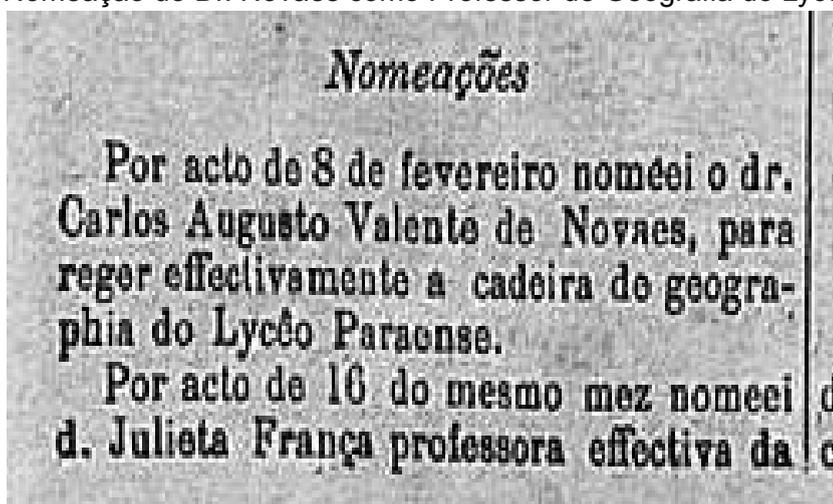


Instrução pública - A presidência por acto de 6 do corrente, nomeou o dr. Carlos Augusto Valente de Novaes, lente interino de philosophia do lyceo paraense, para um dos lugares de membro do conselho director da instruncção pública em substituição do Dr. Gentil José Ribeiro, que deixou o exercicio interino do mesmo lyceo.

Fonte: Diario de Belém: Folha Politica, noticiosa e commercial, 1888.

Em fevereiro de 1889, devido ao falecimento do Professor de Geografia Santa Helena Magno, foi convidado para ocupar a cadeira dessa disciplina no Lyceu Paraense. No mesmo ano, com a abertura do concurso para preencher a vaga, Dr. Carlos Novaes foi aprovado e nomeado professor efetivo da cadeira na instituição.

Figura 12 - Nomeação do Dr. Novaes como Professor de Geografia do Lyceu Paraense.



Por acto de 8 de fevereiro nomeei o dr. Carlos Augusto Valente de Novaes, para reger effectivamente a cadeira de geographia do Lyceo Paraense.

Fonte: Jornal "O Liberal do Pará" (1889)

Acredito que ter ocupado essas cadeiras disciplinares durante seu período de trabalho no magistério foi fundamental para o aprimoramento de seu pensamento e para ampliar a sua visão sobre a educação, a ciência geográfica e sobre as demais ciências que produziu material didático.

Além disso, penso que foi a partir dessas experiências e vendo as necessidades dessas disciplinas que o conteúdo dos seus livros foi preparado e organizado para compor obras didáticas, publicadas a partir de 1892, em consonância com o que era pedido pelos programas de ensino das instituições (Lyceu e Escola Normal).

Figura 13 - Nomeação do Dr. Novaes para o cargo de Delegado de Instrução Pública.



Telegrammas

SERVIÇO PARTICULAR DO < DIARIO DO GRAM-PARÁ

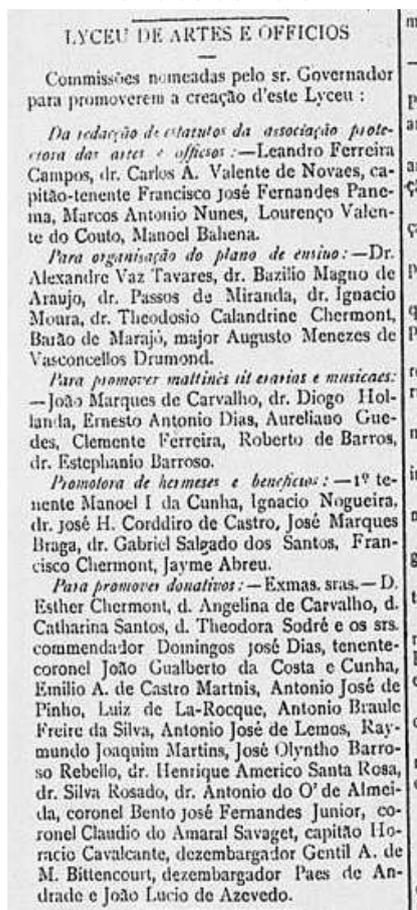
Rio de Janeiro, 9 de agosto de 1886 - 1 h. 20m.t.

Foi exonerado o dr. Americo Marques de Santa Rosa do cargo de delegado da directoria geral da instrucção primaria e secundaria do municipio da côrte, e nomerado o der. Carlos Augusto Valente de Novaes.

Fonte: Jornal diário do Gram-pará, 1886

Podemos citar ainda que dentre as atividades desempenhadas estão também a de membro do Conselho de Protetor e do Colégio do Amparo (1891); da “Comissão de fundação do Lyceu de Artes e ofícios; da Comissão de Redação do estatuto da associação protetora das artes e ofícios” (1891) e do “Conselho de Instrução Pública do Pará”, onde foi responsável por avaliar e relatar as condições da educação e das instituições formais paraenses.

Figura 14 - Nomeação do Dr. Novaes para a comissão de criação do Lyceu de Artes e Ofícios do Pará



Lyceu de Artes e Officios

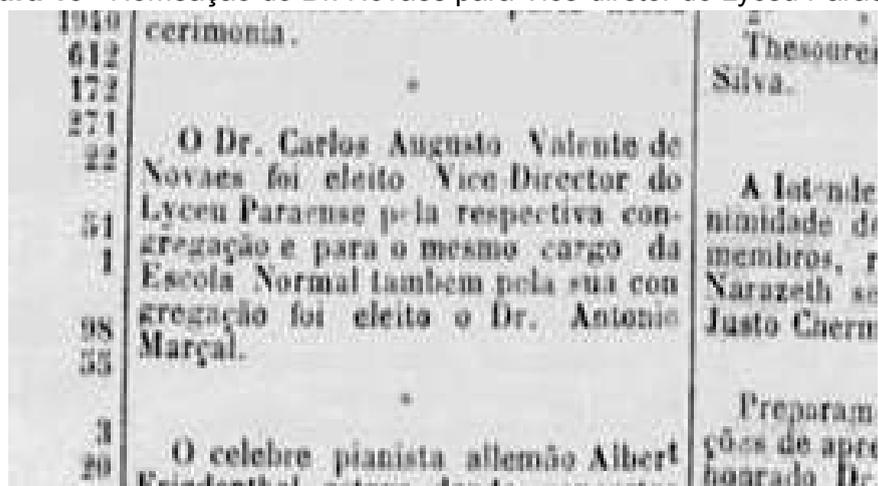
Comissões nomeadas pelo Sr. Governador para promover a criação d'este lyceu: Da redação de estatutos da associação protectora das artes e officios: - Leandro Ferreira Campos, dr. Carlos A. Valente de Novaes, Capitão-tenente Francisco José Fernandes Panema. Marcos Antônio Nunes, Lourenço Valente de Couto, Manoel Bahena.

Para a organização do plano de ensino: - Dr. Alexandre Vaz, Tavares, Dr. Bazílio Magno de Araujo. O Dr. Passos de Miranda, dr. Ignácio Moura, Dr. Theodosio Calandrine Chermont, Barão de Marajó, major Augusto Menezes de vasconcellos Drumond...

Fonte: Jornal "O Liberal do Pará" (1891).

Ainda em 1891, Carlos Novaes foi nomeado para o cargo de vice-diretor do Liceu paraense. A figura abaixo mostra um recorte de jornal com os informes da eleição do mesmo para o cargo.

Figura 15 - Nomeação do Dr. Novaes para Vice-diretor do Lyceu Paraense

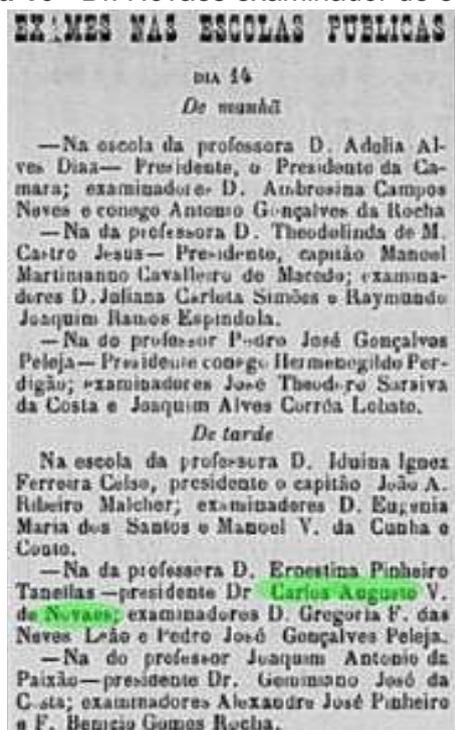


O Dr. Carlos Augusto Valente de Novaes foi eleito Vice-Director do Lyceu Paraense pela respectiva congregação e para o mesmo cargo da Escola Normal também pela sua congregação foi eleito o Dr. Antonio Marçal.

Fonte: Jornal União Federal, 1891.

Além disso, são inúmeras as nomeações do Dr. Novaes para ser avaliador dos exames de diversas escolas de Belém e do Rio de Janeiro. Disciplinas como História, Geografia, Corografia do Pará e do Brasil foram as que mais participou como avaliador.

Figura 16 - Dr. Novaes examinador de escolas.



Fonte: Jornal Diario de Belém, 1888

Figura 17 - Dr. Novaes presidente do exame de Geografia especial do Brasil

Presidente—Dr. Imdebrádo Bar-
jona de Miranda.
Examinadores—Dr. Raymundo Mar-
tins Porto e dr. Euphrosino P. Fran-
cisco Nery.

Alleão
Presidente—Henrique La-Rocque.
Examinadores—Dona Anesia Schus-
aler e Albert Küssner.

Latim
Presidente—Conego Domiciano H.
P. Cardoso.
Examinadores—Conego Amancio B.
de Miranda e conego Antonio Gonçal-
ves da Rocha.

Historia
Presidente—Dr. Enéas Martins.
Examinadores—Dr. Antonio Passoa
de Miranda Filho e conego dr. José de
Andrade Pinheiro.

Geographia (especialmente do Brazil)
Presidente—Dr. Carlos Augusto Va-
lente de Novaes.
Examinadores—Dr. Manoel Leopoldo
Perelra Netto e dr. Euphrosino
P. Francisco Nery.

Arithmetica e Algebra
Presidente—Marcos Nunes.
Examinadores—Dr. Flavio B. Car-
doso e Arthur Octavio Nobre Vianna

Geometria e Trigonometria
Presidente—Sabino H. da Luz.
Examinadores—Dr. Henrique A.
Santa Rosa e dr. Raymundo Tavares

Fonte: Jornal O Pará, 1900

Figura 18 - Dr. Novaes examinador da cadeira de História

Por acto de hontem foram nomeados
para examinadores dos candidatos inscrip-
tos ao concurso dos lugares vagos de 2.^a
entrancia de empregos de fazenda:

Francês—Conego dr. Antonio de Ma-
cedo Costa Sobrinho.

Inglês—Guarda-mór Benjamin de Ma-
cedo Costa Sobrinho.

Geographia—Engenheiro Francisco
Schurtschitz.

Historia—Dr. Carlos Augusto Valente
de Novaes.

Arithmetica e Algebra—Engenheiro
Victor Maria da Silva.

Escreituração mercantil—Marcos C.
de Faria.

Pratica de serviço de fazenda—Cle-
mente Toscano de Vasconcellos

Foi marcado o dia 8 do vindouro mez
para começarem os exames referidos.

Fonte: Jornal O Liberal do Pará, 1888

Figura 19 - Dr. Novaes examinador da Faculdade livre de Direito



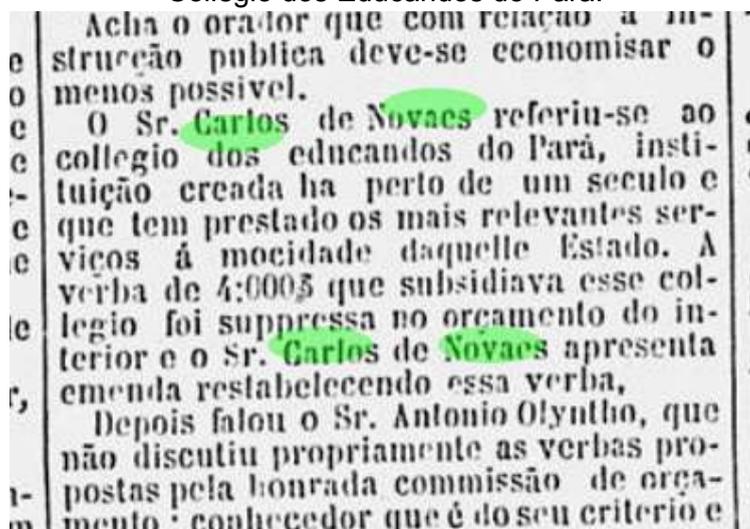
Fonte: Jornal Correio da manha, 1912.

Com o advento da república, que para França (2004, p. 50) “nada mais foi que uma rearticulação de poder, por meio da qual, se buscou adequar a ordem política a uma situação econômica”. Foi quando o Dr. Carlos Augusto Valente de Novaes impulsionado pelo desejo da mudança decidiu entrar para a política.

Candidatou-se pela primeira vez em 1893 e foi eleito Deputado da Câmara do Pará. Nesse cargo, conforme o jornal “Rua do Ouvidor” (1899), “mostrou aos seus eleitores um mandato com pureza de convicções, rectidão de proceder e sensatez de idéas”. Todas essas qualidades lhe proporcionaram muitos outros mandatos no Pará e no Rio de Janeiro, permanecendo na vida política até o ano de 1905.

Como político, foi ativo na busca por melhorias para o seu Estado e seu país. Em 19 de setembro de 1894, na câmara dos deputados, quando se discutia o orçamento do interior referente aos gastos com a instrução pública, Carlos Novaes vem defender Que seja mantida a verba destinada ao “Collegio dos Educandos do Pará”, tendo em vista o excelente trabalho que a instituição vem desempenhando. No trecho ele diz:

Figura 20 - Emenda do Dr. Novaes sobre a manutenção da verba destinada ao Collegio dos Educandos do Pará.



Acha o orador que com relação a instrução publica deve-se economisar o menos possível.

O Sr. Carlos de Novaes referiu-se ao collegio dos educandos do Pará, instituição creada ha perto de um seculo e que tem prestado os mais relevantes serviços á mocidade daquelle Estado. A verba de 4:000\$ que subsidiava esse collegio foi suppressa no orçamento do interior e o Sr. Carlos de Novaes apresenta emenda restabelecendo essa verba,

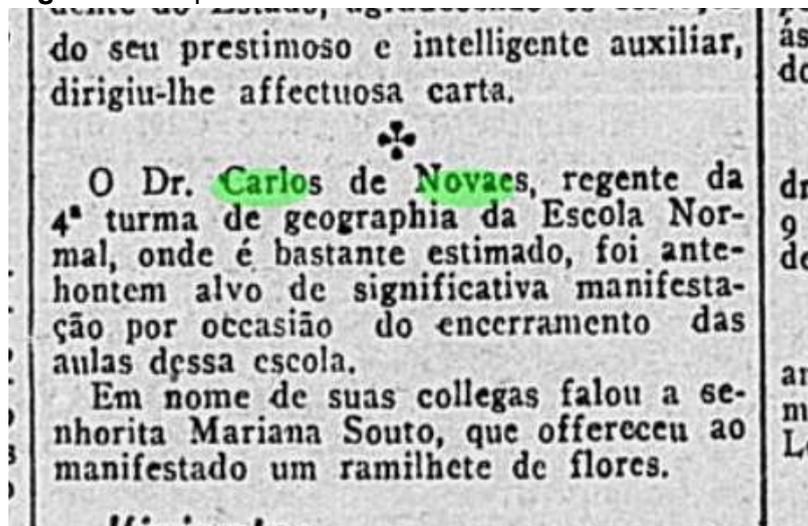
Depois falou o Sr. Antonio Olyntho, que não discutiu propriamente as verbas propostas pela honrada commissão de orçamento : conhecedor que é do seu criterio e

Fonte: Jornal O Paiz, 1984

Encontramos no Jornal “Gazeta de Noticias” de 1901 a votação de um projeto encabeçado pelo Dr. Novaes que visava melhorar a qualidade de abastecimento de água no município de Belém e que foi aprovado pelos seus colegas da Câmara.

Após 11 anos na vida política (1894-1905), Carlos Novaes decidiu deixá-la. Continuou residindo na cidade do Rio de Janeiro e lá passou a dar aula de Chorographia do Brazil no curso anexo da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro e retornou às aulas de Geografia e Corografia da Escola Normal desta cidade. Quando deixou as aulas dessas cadeiras foi homenageado por seus colegas.

Figura 21 – Aposentadoria do Dr. Novaes da carreira escolar



do seu prestimoso e intelligente auxiliar, dirigiu-lhe affectuosa carta.

✦

O Dr. Carlos de Novaes, regente da 4ª turma de geographia da Escola Normal, onde é bastante estimado, foi antehontem alvo de significativa manifestação por occasião do encerramento das aulas dessa escola.

Em nome de suas collegas falou a senhorita Mariana Souto, que offereceu ao manifestado um ramilhete de flores.

Fonte: Jornal O Paiz, 1914

Ligado ao mundo da ciência, Dr. Carlos Novaes fez parte de diferentes sociedades intelectuais nacionais e internacionais como a Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro; Instituto Histórico Geográfico de Santa Catarina e São Paulo; National Geographic Society (EUA) (NOVAES, 1923)

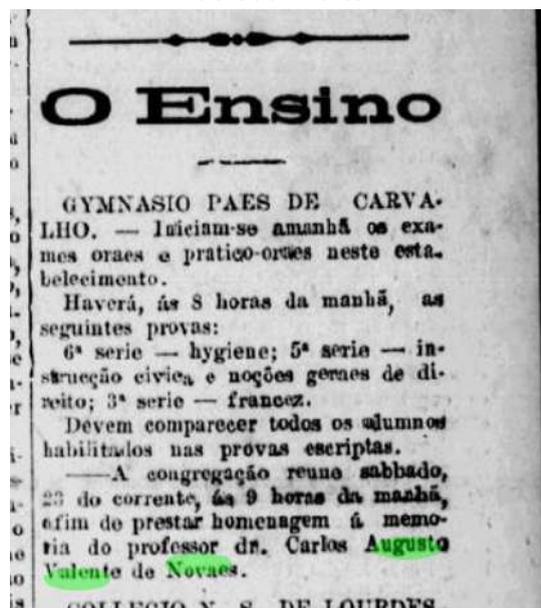
Na Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro, participou de diferentes conferências, dentre elas a proferida pelo renomado geógrafo francês *Élisée Reclus* (1830-1905), que teve grande influência sobre o pensamento geográfico brasileiro. Participou ainda como secretário da comissão organizadora do 1º Congresso Brasileiro de Geografia do Brasil, realizado na cidade do Rio de Janeiro em 1909.

Toda essa vida política e social não o impediu de construir uma família, mas as informações a respeito de suas esposas e filhos não são muitas. Carlos Augusto valente de Novaes teve como primeira esposa a senhora Maria da Glória Paiva de Novaes, falecida em 19 de fevereiro de 1884, ainda muito jovem, Antes do falecimento de sua esposa, se consternou com a morte de seu primeiro filho, Eurídice, vítima de atrepsia (DIARIO DE BELEM, 1881).

Alguns anos depois, em 1905 casou-se com a viúva Anna da Conceição Jansen de Lima Novaes. Não foi possível, por meio das fontes investigadas, identificar de qual casamento eram os filhos, mas as análises mostraram que ele teve quatro, um falecido em 1881, João Paiva de Novaes, trabalhou para o exército brasileiro; Sylvia Glória de Novaes, que fez faculdade para ser dentista; Carlos Maria de Novaes, formou-se médico como o pai; e Julieta Galathea de Novaes, musicista. Os dois primeiros pelos nomes “Paiva” e “Gloria”, acredito terem sido do primeiro casamento, mas isso é apenas uma suposição.

Carlos Novaes faleceu em 7 de novembro de 1915, as causas da morte não foram encontradas, entretanto, nas notícias sobre o seu falecimento e velório, encontram-se diversas homenagens que vinham de seus colegas políticos e principalmente das instituições em que trabalhou como professor, tendo como principal referência a Instituição Paes de Carvalho.

Figura 22 - Homenagem do Gymnasio Paes de Carvalho ao Dr. Novaes por ocasião de sua morte



Fonte: Jornal Estado do Pará, 1915

No discurso do Sr. Passos de Miranda, na Câmara do Senado, que anuncia a morte do Dr. Novaes aos companheiros políticos, podemos perceber que este foi um homem bem querido e reconhecido por suas contribuições com a sociedade, a educação e a Geografia Brasileira.

O Sr. Passos de Miranda, começa seu discurso observando que a tristeza se instalou no estado com a notícia de sua morte. Apontando que a forma sólida como o Dr. Novaes se preparou durante toda sua vida trouxe bons frutos para o desenvolvimento do seu estado natal e do país, o levando a ocupar tantas funções na educação, na medicina e na política: “O preparo sólido obtido, naturalmente, o levaria, como sucedeu a outros de seus colegas de estudo, a futuras posições de destaque” (ANNAES DA CÂMARA. 1915, p 442).

Da mesma forma, relata o bom desempenho que teve na faculdade de medicina e a humanidade como cuidava de seus clientes e conterrâneos. Não obstante, afirma que mesmo com o trabalho árduo de clínica médica, dedicou seu conhecimento e inteligência às atividades acadêmicas nos diversos cargos que ocupou na educação, mas principalmente no Lyceu paraense onde foi professor.

Quando moço, esteve nesta Capital o tempo preciso para se doutorar em medicina; voltando ao Estado, entregou-se ao nobre sacerdócio de sua profissão que exerceu competente e abnegadamente, adquirindo preitos de reconhecimento e admiração no cuidado dos

seus clientes e no convívio dos seus conterrâneos. [...] Nada obstante o arduo trabalho de clinica, outro campo de atividade mereceu a applicação de sua intelligencia, e foi assim que, mediante celebre concurso alcançou a cadeira de geographia do Lyceu Paraense, hoje Gymnasio Paes de Carvalho, no qual de par com outros talentos que então fulguraram, doutrinou com proveito á mocidade paráense (ANNAIS DA CÂMARA. 1915, p 443).

Uma das partes que mais me toca nesse discurso são os elogios tecidos ao Dr. Carlos Novaes. Na oportunidade o Sr. Passos de Miranda usa as seguintes palavras para defini-lo: “Leal de animo, affavel de trato, bom e modesto de natureza, elle soube captivar as sympathias, a amisade e a confiança de seus pares, que lhe deram, por eleições repetidas o cargo de 1º secretario” (ANNAIS DA CÂMARA. 1915, p 443). São esses elogios que utilizo para dar nome a essa sessão.

A docência foi a sua profissão até o fim de sua vida, dedicou boa parte dela a isso e deixou muitos frutos para a formação da mocidade daquela época e das seguintes:

Dissociado da politica, tornou ao professorado, ao qual deu lustro até os ultimos momentos da sua existencia. Neste mister compoz livros didacticos de incontestavel valor, para uso das escolas primarias e cursos secundarios. E sua competencia veiu sendo sempre comprovada a julgar pelos títulos e diplomas que lhe foram conferidos por diversas associações scientificas, dentro e fóra do Paiz (ANNAES DA CÂMARA. 1915, p. 443).

Passos de Miranda encerra seu discurso falando de sua amizade e proximidade com o Dr. Carlos Novaes, deixando claro que foi uma alegria conviver com ele desde a adolescência e que sempre houve cordialidade entre eles.

Amicissimo do illustre finado pela gentileza e reocupadoa que dispensou desde minha reocupadoa, posso daqui testemunhas ao meu Estado que na grata convicencia entre nós mantida, sempre o vi solícito e reocupado, como quem melhor o fosse, pelo desenvolvimento e prosperidade do seu torrão (terra) natal, ao qual devéras amava como <<Paréense da Gemma>>, consoante expressão muito sua, acompanhada de intima ufania. (ANNAES DA CÂMARA. 1915, p. 443).

Depois de tudo que foi exposto, ainda não me é possível afirmar que o Dr. Carlos Novaes foi um homem à frente do seu tempo, mas posso dizer que no seu tempo foi um homem que esteve sempre à frente.

Na construção da sua vida acadêmica sempre foi dedicado e premiado. Na educação, sempre esteve nas cúpulas das decisões, ajudou como pode para desenvolver a educação no estado e no país. Na política encontrou meios para melhor organizar o território e para reivindicar os direitos da população.

Na Geografia desenvolveu estudos, produziu livros, fez parte do 1º Congresso Brasileiro de Geografia, ajudou a organizá-lo e a dar mais visibilidade aos estudos dessa ciência. Na Medicina, desenvolveu medicamentos, cuidou de seus pacientes.

O que quero dizer com tudo isso é que Carlos Augusto Valente de Novaes fez diferença no tempo em que viveu, sempre empenhado em contribuir com o desenvolvimento do seu país e especialmente do seu estado. Essas características me impulsionaram a escrever essa sessão e essa pesquisa, para que todas as pessoas que venham a ler essa pesquisa saibam as contribuições deixadas por ele para o Brasil, para a Geografia e para a Educação brasileira.

4. AS NUANCES DA FILOSOFIA POSITIVISTA NA OBRA DE CARLOS AUGUSTO VALENTE DE NOVAES

A Geografia e o positivismo estiveram, durante o século XIX e XX, estritamente ligados, pois foi essa concepção filosófica que os Geógrafos utilizaram como base para construir sua ciência. Esse embasamento inicial é nomeado hoje de Geografia tradicional, pois carrega no seu seio os conceitos primários (MORAES, 2007).

O Positivismo, iniciado por Saint-simon (1760-1825), foi fortemente influenciado pelas ideias e teorias de Augusto Comte (1798-1857). O fato é que Comte, embora tenha aprendido sobre o positivismo com Saint-simon, por causa da sua função como seu secretário pessoal a partir de 1817, foi um grande propagador dessa proximidade dos pensadores e foi fundamental para o desenvolvimento do positivismo na Europa (COMTE, 1978).

Entretanto, mesmo Comte considerando Saint-Simon seu mestre, isso não o impediu de discordar de suas ideias, principalmente no que tange a relação entre ciência e reorganização da sociedade, essa polarização de ideias os colocou e os levou para caminhos diferentes (COMTE, 1978).

Saint-simon havia deixado de lado seus planos de reforma teórica do conhecimento para se dedicar a tarefas práticas, com a intenção de formar uma nova elite industrial e científica, que teria como alvo a reforma da ordem social (COMTE, 1978).

Comte, por outro lado, estava engajado com as questões de organização da sociedade e de seus pensamentos, ideias e teorias. Fez isso organizando e publicando o Plano de Trabalhos Científicos Necessários à Reorganização da Sociedade. Saint-Simon discordou desse projeto. A separação entre os dois ocorreu em 1824.

A partir dessa ruptura, Comte passou a ser autônomo na produção de suas ideias e no desenvolvimento da filosofia positivista. O resultado desse trabalho, a forma como encontrou de difundir o seu pensamento foi por meio do Curso Filosofia Positiva, que organizava e realizava em sua residência (COMTE, 1978).

Em seu curso de filosofia positiva, segundo Lencioni (2009, p. 80), Comte, “reafirmava a crença ilimitada na racionalidade do mundo e no poder do método científico, consagrando o positivismo como a forma de pensamento dominante nas

ciências”. Para esse intelectual o estágio científico se caracterizava por não buscar a causa central do fenômeno estudado, mas sim focar na busca do conhecimento dos fatos por meio da observação, o que permite chegar às leis gerais.

Dessa forma o positivismo não investiga outras coisas que não sejam as relações entre os fatos. “Pergunta como os fatos se dão e como se dá a relação entre eles, mas não se centra na discussão do porquê nem do para que se dão” (LENCIONI, 2009, p. 80).

De acordo com a afirmação lançada acima pela autora, Idem (2009), Comte exprime a existência de três referências fundamentais na construção do pensamento científico na perspectiva positivista. A primeira referência diz que o único fundamento do conhecimento é a observação escrita, nela deve-se observar os fatos, mas não se deve indagar acerca de sua origem ou fim, ou seja, o pesquisador não deve fazer qualquer juízo de valor sobre os fatos observados, bem como a interferência das faculdades humanas de sentir, intuir, imaginar, etc.

Refletindo sobre a primeira referência fundamental do positivismo para a construção do pensamento Geográfico, pode-se observar que ela visa retirar o objeto ou evento estudado da perspectiva do pesquisador, reforçando que a experiência não é sinônimo de conhecimento para o positivismo. Assim, “as qualidades subjetivas experimentadas, tal como o prazer ou o colorido, são tão somente experiência, não conhecimento” (CAPEL 1983, p. 370).

A segunda Referência é da afirmação radicalizada do empirismo; ou seja, os fatos observados na experiência devem passar por uma experimentação, esses deverão passar por um trabalho matemático que irá validá-lo (LENCIONI, 2009).

Foi essa referência que trouxe para Geografia suas características quantitativas de análise, pode-se citar como exemplo a Geografia matemática (Estatística), a Geografia Física e campos como Geografia da População na Geografia humana.

A terceira e última referência é a de que a explicação advém de deduções elaboradas a partir da observação e da experimentação em busca da construção de leis gerais. Em suma, a observação, a experimentação e a dedução formam o tripé do procedimento de análise positivista (LENCIONI, 2009).

A afirmação desse tripé positivista, na perspectiva da História, coloca o positivismo como uma filosofia anti-histórica, ao ponto que para os seguidores dessa lógica a ideia de processo, e seus sinônimos, não eram relevantes para a análise,

visto que, para historiadores positivistas o trabalho era somente iniciado com a coleta dos fatos e reduzem o trabalho histórico ao que lhes parece capaz de “servir à ação” (LE GOFF, 2001).

Como apresenta Bloch (2001, p. 54) “o objeto da história é por natureza os seres humanos”, e sendo eles seres políticos e partidários em todos os assuntos, ou pelo menos é assim que deveriam ser, seria caro ao positivismo manter uma perspectiva que traz a humanidade, suas experiências e vivências, para o centro do debate.

Em suma, o espírito positivo, segundo Comte, instaura as ciências como investigação do real, do certo e indubitável, do precisamente determinado e do útil. Nos domínios do social e do político, o estágio positivo do espírito humano marcaria a passagem do poder espiritual para as mãos dos sábios e cientistas e do poder material para o controle dos industriais (COMTE, 1978).

4.1 As nuances do Positivismo e da Geografia

Para o positivismo, os resultados de qualquer investigação devem ser expressos de forma clara, sendo eles significativos quando afirmam a ocorrência de fatos empíricos, devendo, ainda, buscar uma linguagem comum a todas as ciências.

Essa linguagem comum é considerada possível por meio da matemática, sendo a lógica a expressão máxima do rigor científico. Foi essa perspectiva que deu a Geografia, em meados do século XIX, a adjetivação de quantitativa e que fez com que a disciplina procurasse desenvolver técnicas estatísticas de análise geográfica (MORAES, 2007).

O problema da afirmativa do parágrafo anterior não está no fato da Geografia usar a Matemática em suas análises, mesmo porque fazem parte da formulação de gráficos e da cartografia, o problema está em se ter que desenvolver uma linguagem Matemática para falar de problemas de cunho geográfico, pois nem todos os elementos estudados pela Geografia podem ser analisados ou representados dessa forma, é o caso de muitas questões de cunho social.

Para Lencione (2009, p. 134) isso significa “que tudo o que é geográfico deve encontrar uma linguagem matemática; por assim dizer, uma expressão

matemática”, ou seja, ser explicado de forma matemática e não de forma geográfica, deixando de ser um estudo geográfico para ser matemático.

Acredita-se que a interdisciplinaridade é muito importante para a ciência, mas, nesse caso, quando os conhecimentos de uma ciência se sobrepõem a outra e a coloca em segundo plano, temos o oposto da interdisciplinaridade, que seria quando as duas disciplinas trabalham juntas na construção dos conhecimentos e dos resultados das análises.

Moraes (2007, p. 39), afirma que para o positivismo, os estudos devem restringir-se aos aspectos visíveis, mensuráveis e palpáveis do real. Como se os fenômenos se demonstrassem diretamente ao cientista, o qual seria mero observador.

Tal afirmação revela que o caráter empírico da Geografia deriva de sua relação com a filosofia positivista, fazendo com que a essência dessa ciência seja uma descrição, a enumeração e classificação de fatos e eventos referentes ao espaço, sem nunca questionar a relação ou interferência desses com a vida dos indivíduos que vivem, ocupam e constroem suas dinâmicas naquele espaço.

Quando falamos de livros didáticos essa realidade permanece, pois, considerando que esse é o guardião dos saberes de uma ciência e a base mais confiável para o professor recorrer na preparação e organização de suas aulas, bem como na estruturação do conhecimento a ser aprendido, esses, dificilmente, conseguiriam trilhar um caminho diferente dos que não o colocasse como uns compêndios enumerativos e exaustivos, de triste memória e memorização para os estudantes do secundário (MORAES, 2007).

Outro reflexo da relação do positivismo com a Geografia, segundo Moraes (2007, p. 40), “é a ideia da existência de um único método de interpretação, comum a todas as ciências, isto é, a não-aceitação da diferença de qualidade entre o domínio das ciências humanas e naturais”.

É nesse ponto, onde a Geografia é permeada pela dicotomia das ciências humanas *versus* física, essa afirmação acaba por, mais uma vez, limitar a ciência, impondo-a “o ser humano como um elemento a mais na paisagem, como um dado do lugar, como mais um fenômeno da superfície da Terra” (MORAES, 2007, p. 41), e não como um agente que interfere, modifica e é modificado pela paisagem.

Ou seja, a Geografia Tradicional Positivista, quando fala do ser humano, trata-o a partir do termo população e não por sociedade, pois estes se refere às

relações, conflitos e organizações existentes entre os seres humanos, enquanto isso, o primeiro termo é usado para referir-se aos seres humanos de forma numérica e em uma análise de contagem.

Em outros termos, o positivismo engendrou na Geografia a visão de uma ciência de síntese, que era responsável por relacionar e ordenar os conhecimentos produzidos por todas as outras ciências já conhecidas. Essa máxima legitimou, na construção dos estudos científicos da Geografia, o descumprimento de uma exigência central da filosofia, a definição precisa do seu objeto de estudo (MORAES, 2007).

Além dessa desregulação na ciência, as máximas e os princípios da filosofia positivistas, influenciaram também na construção da Geografia enquanto disciplina e durante muitos anos esses princípios geográficos foram tomados como inquestionáveis.

Segundo Moraes (2007) esses princípios eram formulados com base nas pesquisas feitas em campo e serviam com conhecimentos definitivos sobre o universo de análise que não podiam ser desconsiderados pelos geógrafos nas suas pesquisas. Ou seja, eram regras processuais a serem feitas na pesquisa que trazia unidade para a Geografia e os conhecimentos por ela produzidos. Assim os princípios mais expressivos da Geografia são:

Princípio da unidade terrestre, no qual a Terra só poderia ser observada com um todo e ser compreendida numa visão de conjunto;

Princípio da individualidade, que considera as características que são próprias e únicas de cada lugar afirmando que essas não se reproduzem de modo igual em outro;

Princípio da atividade, responsável por afirmar que nada na natureza está parado, tudo está em constante transformação;

Princípio da conexão, no qual todos os elementos presentes na superfície terrestres e todos os lugares que a compõem estão interrelacionados, há uma conexão entre eles;

Princípio da comparação, se relaciona com o princípio da Individualidade, pois a diversidade dos lugares só pode ser apreendida pela contraposição das individualidades;

Princípio da extensão, onde todos os fenômenos que se manifestam na superfície terrestre situam-se numa porção variável do planeta;

Princípio da localização, diz que a manifestação de todo fenômeno é passível de ser delimitado (MORAES, 2007).

Para Moraes (2007) as máximas e princípios positivistas, na Geografia, apresentavam um formato geral e vago dos conhecimentos da ciência, possibilitando os dualismos da Geografia Tradicional/Positivista – Geografia humana v.s. física; geral v.s. regional; sintética v.s. tópica; unitária v.s. especializada – que permanecem nela até os dias de hoje e afloram a não resolução do problema do objeto a nível teórico.

A crítica que o autor tece aos princípios e máximas positivistas, para além do trabalho de pesquisa, é a de que, apesar de todos esses anos de atividade científica, atribuiu-se a Geografia um temário geral que não serve para definir o que seria essa ciência, pois a forma genérica com a qual essas matérias são trabalhadas, serve muito mais para dizer o que a Geografia não é! (Idem, 2007).

Desaprova ainda que, nos termos que são apresentados no temário, essa disciplina discute fatos relacionados ao espaço que é concreto, finito e delimitável, nesse sentido só será geográfico o estudo que aborde de forma individual ou coletiva as categorias a seguir: a forma, a formação ou a dinâmica da Terra, a organização, ou a transformação do espaço terrestre.

Nesse contexto, para esse autor, a prerrogativa é de que os estudos geográficos vão além dessas amarras projetadas pelos cientistas positivos e de suas errôneas afirmações de que a Geografia tem de ser neutra. Não existe uma geografia neutra, ela não é possível de ser feita, pois esta depende diretamente da postura, do engajamento social, das inclinações políticas e religiosas da pessoa ou do grupo que a realiza. Portanto, existiram tantas Geografia, quantos forem os posicionamentos sociais existentes (MORAES, 2007).

São as críticas e afirmativas que são tecidas no decorrer desse texto que colaboram para a análise do livro do Dr. Novaes, é a partir dessas nuances que poderemos perceber a presença do positivismo e suas influências na construção do saber geográfico brasileiro, mas antes das análises, é importante entender como essa filosofia chegou até o Brasil.

4.2 Positivismo no Brasil

Como muitos sabem, o Brasil foi colonizado por muitos países europeus como Portugal, França, Espanha e Holanda, é, justamente, nesses centros de conhecimento que as primeiras ideias positivistas vão surgir. O Brasil viveu durante anos um constante intercâmbio com a Europa, seja pelas pessoas que saíam daqui para estudar lá, ou das pessoas que vinham de lá para explorar as riquezas daqui. Foi nessa relação constante de troca que essas teorias chegaram até as escolas, universidades e outros espaços de saberes brasileiros.

O primeiro livro a tratar do positivismo no Brasil foi escrito pelo intelectual João Cruz Costa, intitulado “Contribuição à história das ideias no Brasil: O desenvolvimento da filosofia no Brasil e a evolução histórica nacional”. A publicação do livro pôs termo ao período de formação da história da filosofia no Brasil, iniciado com Sílvio Romero em 1878, continuado por Leonel Franca (LEITE, 2014).

Figura 23 - Capa do Livro de Cruz Costa, 1ª Edição de 1956.



Fonte: Arquivo da pesquisa

Cruz Costa (1956) apontava que a filosofia não era uma mera especulação no vácuo ou simples jogo de conceitos abstratos. É trabalho sobre o real e que cumpre levar a cabo sem perder esse sentido do concreto.

No Brasil, a corrente europeia que mais obteve destaque no pensamento filosófico foi o positivismo, na segunda metade do século XIX e assolou o pensamento filosófico então reinante. Esse fenômeno, chamado por Cruz Costa (1956, p. 138) de “um bando de ideias novas”, teve seu aparecimento, datado pelo historiador a partir de meados da centúria oitocentista, que também é denominado por ele como o “momento de maior transformação da história brasileira”.

Conforme Lins (1964), o que conclui João Cruz Costa é que a herança de Comte, no Brasil, se manifestava sob variados aspectos e no pensamento de escrito e de outros diversos intelectuais, conservando, porém, o mesmo fundo.

As ideias positivistas, mesmo tendo chegado ao Brasil em tempos outros, efetivamente, começaram a repercutir em 1850 na Escola Militar do Rio de Janeiro. de forma mais precisa, no dia 2 de março do mesmo ano, quando Miguel Joaquim Pereira de Sá defendeu, perante a congregação desta escola, uma tese positivista sobre os princípios da estática (LINS, 1964).

Contribuindo com esse processo de firmamento das ideias comtianas, em abril de 1851, Joaquim Manso Sayão sustentou a tese sobre os fundamentos da Hidrostática. Passados dois anos, em 1853, Manoel Maria Pinto Peixoto ingressou na congregação da Escola Militar do Rio de Janeiro com uma tese sobre o Cálculo Diferencial de inspiração positivista. Por fim, Augusto Dias Carneiro em 1855, defendeu uma tese sobre a Termologia (LINS, 1964).

Esses trabalhos têm seu lugar na história do positivismo no Brasil, entretanto foi a obra de Luís Pereira Barreto (1840-1923) “As Três Filosofias”, que apresentou a filosofia positivista como capaz de substituir de forma vantajosa a tutela intelectual exercida no país pela Igreja Católica. Nesse momento já se percebe as primeiras nuances da ideia positivista de laicização do país, principalmente no Estado e na ciência (COMTE, 1978).

Outros nomes importantes do positivismo no Brasil, segundo Comte (1978) foram Miguel Lemos (1854-1917) e Raimundo Teixeira Mendes (1855-1927), esses autores entraram em contato com o positivismo por meio da Escola Politécnica do Rio de Janeiro (1792), que serviu de base para o desenvolvimento da engenharia brasileira.

A maioria dos estudos que são realizados a respeito do positivismo estão pautados nas ações de Miguel Lemos, Pereira Barreto e Teixeira Mendes, que segundo se sabe, foram os fundadores e apóstolos da Igreja Positivista do Brasil,

mas houveram outros intelectuais que foram tão importantes quanto eles para o desenvolvimento das ideias positivistas no país.

A origem social de alguns filósofos positivistas brasileiros revela a sua proximidade com essas ideias graças à índole de suas profissões, militares, médicos e engenheiros. Por isso, Cruz Costa resgata as raízes desses intelectuais.

Miguel Lemos (1854-1917) era filho de um oficial de marinha; Teixeira Mendes (1855-1927) nascera num ambiente de família abastado; seu pai era engenheiro pela Escola Central de Paris. Luís Pereira Barreto (1840-1923) que estudou na Bélgica, era filho do Comendador Fabiano Barreto e pertencia a “uma das muitas ilustres famílias mineiras que emigraram para o Vale do Paraíba, no início da grande lavoura cafeeira” [...]. “O pai de Silva Jardim (1860-1891) era pequeno lavrador e “supria com uma escola primária as deficiências da agricultura” (CRUZ COSTA, 1956, p. 142-146).

A partir desses autores, segundo Lins (1964), tornaram-se, desde então, no Rio de Janeiro, cada dia mais comuns e mais numerosas as dissertações de bases positivistas apresentadas aos seus principais estabelecimentos de ensino: Colégio Pedro II, Escola Militar, Escola de Marinha, Escola de Medicina e Escola Politécnica, encontrando repercussão até fora dos meios de ensino.

Entretanto, o discípulo das ideias positivistas de maior influência no Brasil, só apareceu em 1857, ano da morte de Augusto Comte, seu nome era Benjamin Constant, fundador da república brasileira. “Benjamim Constant era filho de um português, Leopoldo Henrique Botelho de Magalhães, natural da Torre de Moncorvo, e que foi militar até 1843” (CRUZ COSTA, 1956, p. 146).

Eles viram na ciência fundada por Auguste Comte as bases de uma política racional e a consagração definitiva da ordem e do progresso. A partir das ideias progressistas dos republicanos e, posteriormente, com a proclamação da República no Brasil, foi implementada a nova bandeira brasileira.

Embora seja um exagero dizer que foram eles os proclamadores da república, pode-se afirmar que o positivismo foi um impulsionador desse evento tão importante na história do Brasil.

Em 1876 foi fundada a Sociedade Positivista do Brasil, com a ajuda de Benjamin Constant (1836-1891), e em 1888, a Sociedade Positivista do Rio de Janeiro, motivados pela criação do Apostolado Positivista do Brasil e da Igreja

Positivista do Brasil, cuja finalidade era formar crentes e modificar a opinião por meio de intervenções oportunas nos negócios públicos (COMTE, 1978).

O Rio de Janeiro, onde se localizava a corte, se apresentava como o grande centro político do Brasil. Era de lá que saíam todas as decisões que pouco a pouco se espalharam por todas as províncias. Ela também se apresentava como a detentora de numerosos centros de ensino o Ginásio padrão (Colégio Pedro II), a Escola Normal, o Colégio Militar, o Colégio São Bento, o Colégio Abílio, o Liceu de Artes e Ofícios, o Liceu Literário Português, as Escolas Municipais de Santa Rita, da Glória, de São José e de São Sebastião, os Institutos dos Cegos e dos Surdos-Mudos (LINS, 1964).

Era também o grande centro de cultura do Brasil com seus teatros e salões de conferências, além das inúmeras bibliotecas públicas, entre as quais se salientam a Nacional, a Municipal, a Fluminense, a da Marinha, a do Exército e a do Real Gabinete Português de Leitura, Faculdades de Medicina e Farmácia, e das Escola de Engenharia, Guerra, Marinha e Belas-Artes, abrigava ainda o Rio de Janeiro estabelecimentos e associações culturais e científicas tais como o Museu Nacional, o Jardim Botânico, o Instituto Histórico e Geográfico, a Academia de Medicina, o Instituto Politécnico Brasileiro, o Instituto de Música, a Sociedade Propagadora das Belas-artes o Instituto Farmacêutico, a Sociedade Amante da Instrução, os Institutos dos Bacharéis em Letras, dos Advogados, os Clubes de Engenharia, Naval e Militar, o Clube Ginástico Português e outros. São nesses locais onde a efervescência do positivismo tem mais força (LINS, 1964).

Por toda essa concentração político-educacional-cultural-intelectual é que no Rio de Janeiro os estudos sobre o Positivismo parecem ter sido mais aprofundados, e, conseqüentemente, tiveram uma maior difusão.

Além disso, como era o centro político, de lá surgiam com mais veemência as reivindicações. No ano de 1887 a retomada principalmente dos debates sobre a escravatura, desta vez, inteiramente favorável à abolição completa e sem indenização. Com o fim do regime de trabalho escravocrata, ocorrido em 1888 e a Proclamação da República (1889). No positivismo esses problemas encontraram gloriosas soluções (LINS, 1964).

Segundo Lins (1964) algo que também influenciou no desenvolvimento do positivismo no Brasil foi a frequência com que jornalistas, médicos, advogados,

engenheiros e outros estudiosos, viajavam para a França e para a Europa, e de lá traziam livros, ideias científicas e literárias e as difundiam no país.

Como resultado do grande fluxo de ideias que chegavam ao Brasil surgiram inúmeros periódicos que serviam para difundir, cada vez mais, as doutrinas positivistas e no Rio de Janeiro, a partir de 1870. As principais eram: "*A Idéia*"; "*O Rebate*"; "*A Crença*" e "*A Crônica do Império*". "*A Idéia*" era uma revista mensal, onde colaboraram Miguel Lemos e Teixeira de Souza; "*O Rebate*" e "*A Crença*" eram semanários e "*A Crônica do Império*" saía quinzenalmente (LINS, 1964).

Na educação brasileira o positivismo também exerceu grande influência. Seus principais reflexos se deram na busca por ensinar aos educandos e dar a eles uma concepção real do mundo e do ser humano, por meio de uma visão de conjunto da escala enciclopédica em todos os seus elementos (LINS, 1964).

Segundo Lins (1964) os progressos que se deram no ensino e nas pesquisas científicas a partir da década de 50 do século XIX, em grande parte, derivam da sistematização metodológica que foi estabelecida por Augusto Comte, a partir do positivismo. A disseminação do seu pensamento pelo mundo foi responsável por numerosas reformas universitárias, trazendo o espírito histórico e filosófico em vários ramos do ensino e orientou jovens vocações para novas sendas de investigação.

É importante mencionar que o ambiente educacional também foi fundamental para a propagação do positivismo, pois, tendo em vista, a ausência de divertimentos na década de 50 do século XIX na cidade do Rio de Janeiro, prestigiar as defesas de teses e os concursos acadêmicos se apresentavam como uma forma de passar o tempo e era nesses ambientes onde as ideias de Augusto Comte eram apresentadas para a população que possuíam um desenvolvimento cultural filosófico maior. (LINS, 1964).

No estado do Pará as nuances do positivismo também puderam ser observadas. Lins (1964) considera que as primeiras ideias positivistas chegaram a este estado a partir de 1874, um marco para a história dessa corrente filosófica, já que foi nesse período que José Veríssimo, intelectual paraense, se matriculou na Escola Central do Rio de Janeiro, posteriormente transformada em Escola Politécnica do Rio de Janeiro.

Foi aí que, em seu primeiro ano de curso, conheceu as ideias positivistas a partir de sua convivência com Coelho Barreto, pai de Paulo Barreto (João do Rio),

e de Pedro Barreto Galvão, segundo informações de seu amigo, Dr. Rodolfo Paula Lopes, catedrático de Biologia do Colégio D. Pedro II, falecido no Rio, em 1947, aos 87 anos (LINS, 1964). Entretanto, o período em que esteve em contato com essas ideias não foi muito longo, pois, por motivos de doença, em meados de 1876, retornou ao Pará.

Veríssimo figurou entre os intelectuais paraenses responsáveis pela disseminação dessa doutrina, principalmente, por sua participação na redação do "*Diário do Grão Pará*", onde trabalhou de 1880 a 1884. Foi ele também o responsável fundador, em 1883, da Sociedade Paraense Promotora da Instrução, bem como da Revista Amazônica, apoiado por Barbosa Rodrigues, Ferreira Pena e conselheiro Tito Franco de Almeida (LINS, 1964).

Outra de suas contribuições foi a publicação dos traços biográficos de Emílio Littré, filósofo positivista francês. Seu objetivo com essa publicação era a de que o pensamento do autor alcançasse a juventude da época. Esse projeto é um compêndio de artigos da "Gazeta de Notícias de Belém", que trata do pensamento do intelectual, sendo importante para a história das ideias modernas no Brasil (FARIAS apud LINS, 1964).

Lins (Idem) afirma que em todos os livros de José Veríssimo Dias de Matos é evidente a influência que, sobre o seu espírito, exerceu a obra de Comte, da qual diria nos *Estudos de Literatura Brasileira*:

A obra de Augusto Comte é dessas que se podem combater, mas que se não podem negar. O seu valor é, sem exagero, enorme, e a sua influência, principalmente a não confessada, considerável. Nenhum filósofo lançou jamais, em qualquer domínio da atividade humana, tantas e tão profundas ideias, como nenhum talvez viu tão argutamente nesse grande mistério que é a história (VERISSIMO, 1901, p. 69-70 apud LINS, 1964, p. 135).

Segundo Lins (196) em 1896, foi fundado o jornal "Ordem e Progresso", tendo como principal redator Raimundo C. da Silveira e seu gerente Manoel R. dos Santos. Em 1898 Leopoldo Penna Teixeira, Leônidas e Coriolano Martins, João Bernardo Lobato Filho, João Pedro Müller e José Pantaleão Valente Lôbo constituíram, em Belém, com o Coronel Augusto M. Vasconcelos Drumond e Otávio Barboza Carneiro, um núcleo positivista que, ao lado de publicações, promoveu a realização de conferências sobre Augusto Comte e sua obra.

Sem esses positivistas independentes (muitos dos quais ingressaram no magistério superior e secundário, militaram na imprensa, participaram do Governo Provisório, da Constituinte e das assembleias e governos estaduais, além de ocuparem importantes postos no Exército e na Marinha, no alto funcionalismo, na diplomacia e na magistratura) quase nula teria sido a influência política do Apostolado, frequentemente envolvido em problemas de ortodoxia e cerimônias litúrgicas, assim como se foi tornando imperceptível, em nosso cenário cívico, depois de escassearem entre nós os discípulos de Comte alheios ao grêmio de Miguel Lemos e Teixeira Mendes (LINS, 1964).

Nesse contraste histórico, podemos identificar a grande influência que o positivismo exerceu no pensamento brasileiro e como esse foi fecundo nas instituições educativas dessa nação. Por esse motivo, tendo o Carlos Novaes vivenciado essa corrente no estado do Pará e no Rio de Janeiro, onde estudou medicina e fez morada, essa filosofia aparece tão fortemente na produção de seu trabalho literário.

4.3 Tendências positivistas na obra *Geographia Secundaria* do Dr. Carlos Augusto Valente De Novaes

O texto escrito até agora apresentou as influências do positivismo em diversas esferas da ciência, da sociedade e da educação (filosofia central; na Geografia; no Brasil e no Pará), tudo isso pensado para que, a exposição que será feita agora, ganhe um sentido ainda mais eficaz na compreensão do pensamento do autor Dr. Carlos Augusto Valente de Novaes, e na análise da obra “*Geographia Secundaria*” (1908, 4ª edição 1923).

A obra produzida pelo intelectual está repleta de características e de influência do positivismo na Geografia, a primeira que podemos citar é a descrição, enumeração e classificação dos fatos referentes ao espaço” (MORAES, 2007, p. 40).

O autor, logo nas primeiras páginas, traz, como forma de explicar o que seria a Geografia, um conceito que diz: é “a sciencia que tem por objecto o conhecimento da Terra e de seus habitantes”, da mesma forma considera-a como

uma ciência “tão útil, tão instructiva e tão interessante” que “ninguém ha no mundo que não tenha necessidade de conhecer a Geographia” (NOVAES, 1923, p. 1).

A classificação dos ramos da Geografia está pautada na relação com outras ciências. O positivismo fez dessa ciência uma sintetizadora dos conhecimentos, a expressão disso na obra e na ciência de modo geral são as nomenclaturas que se associam ao nome Geografia para unir os conhecimentos, Exemplo disso é: Geografia Astronômica ou Geografia matemática, quando se trata das dimensões da Terra e o luar que ela ocupa no universo, assim como outros corpos celestes dispersos no espaço.

Esse formato, para o positivismo, associa os conhecimentos e informações que sintetizam o que seria particular de cada ciência e a relação dessas informações com o espaço geográfico. É o que acontece com a **Geographis physica**, o estudo das partes sólidas (serras, montanhas, etc) e líquidas (rios, lagos, mares, etc) do exterior da Terra. desse conceito mais geral, surgem os específicos que apresentam subseções de acordo com o que se estuda.

Se o estudo era da parte sólida, Estereografia, que também se ramifica em Orografia, para as descrições do relevo, Vulcanografia para o estudo dos vulcões e Nesografia para o estudo das ilhas. Se era da parte líquida, Hidrografia, que se subdivide em Oceanografia para o estudo dos oceanos, Potamografia para o estudo dos rios e Limnografia para os estudos dos lagos.

Geografia Política estuda o ser humano, entretanto no livro, conforme as características da Geografia Tradicional, não o analisa de acordo com as relações que constrói e desenvolve, mas sim como um elemento da paisagem, como um dado do lugar, mais um fenômeno da superfície da Terra buscando, conforme Moraes (2007) ser uma ciência natural dos fenômenos, de acordo com a afirmação a seguir:

Se expressa, por exemplo, na colocação de J. Brunhes de que, para a Geografia, a casa (como elemento fixo da paisagem) tem maior importância do que o morador. Ou, na afirmação de C. Vallaux, de que o homem importa, para a análise geográfica, por ser um agente de modelagem do relevo, por sua ação como forma de erosão. Tal perspectiva naturalizante aparece com clareza no fato de buscar esta disciplina compreensão do relacionamento entre o homem e a natureza, sem se preocupar com a relação entre os homens. Desta

forma, o especificamente humano, representado nas relações sociais, fica fora do seu âmbito de estudo (MORAES, 1985, p. 23)

Ou seja, não o toma enquanto um ser político-social e nem de acordo com as relações sócio-econômica-cultural, mas sim estudando-o quanto aos seus conjuntos, populações, nações, descrevendo os agrupamentos, as cidades, vilas.

Não veremos esse tema tratando os indivíduos a partir de suas classes e as lutas de classes nem como seres individuais e coletivos no processo de transformação do espaço. O que teremos, conforme Lins (1964, p. 14), é que “o ser humano como individualidade não existe, portanto, na sociedade científica (Positiva), senão como membro de outros grupos, desde o familiar - unidade básica por excelência - até o político”.

A Geografia Econômica se ocupa do estudo dos produtos dos diferentes países, da agricultura, comércio e indústria.

A Topografia é o estudo minucioso dos lugares e a Corografia seria o estudo minucioso de um país. E outros exemplos como: Biogeografia, Geomorfologia e outras.

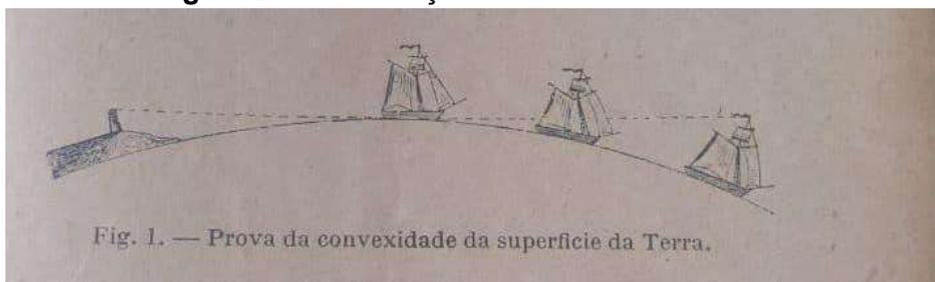
Quando o ser humano, finalmente, tem seu espaço nos estudos geográficos, denominado, Antropogeographia, esse aparece na sua relação com o natural e sendo completamente desconsiderada a sua relação social, mesmo o positivismo considerando o grupal em detrimento do individual. Para Moraes (2007, p. 41), tal perspectiva naturalista aparece com clareza no fato de buscar esta disciplina a compreensão do relacionamento entre o homem e a natureza, sem se preocupar com as relações entre os homens”.

O que podemos inferir ainda, com tudo que foi exposto a respeito das ramificações da Geografia, é que Yves Lacoste tinha razão! Ao abordar a existência de duas Geografias, Lacoste aponta que essa ideia se apresenta junto as nuances positivas, pois existia uma Geografia dos Professores, que é essa compendial e tradicional, enumerativas de fatos e eventos, que apresenta a geografia como uma ciência de síntese, mas havia também a Geografia dos Militares, aquela que como o título do seu trabalho afirma: serve, em primeiro lugar, para fazer a guerra e está mais preocupada com as análises espaciais, territoriais e políticas. Ela observa os recursos naturais, as relações de poder e dominação.

A matemática, é apresentada pelo positivismo, como a linguagem comum a todas as ciências, como a lógica e a expressão máxima do rigor científico e, por isso, foi adotada pela Geografia. Fica claro na escrita do livro, produzido no advento do positivismo no Brasil, que o Carlos Augusto Valente de Novaes busca trazer essa linguagem matemática para os conteúdos.

Quando o autor fala da forma esférica da Terra (Capítulo II, p. 5), ele a apresenta por meio de métodos positivistas, mostrando primeiro as informações que derivam da observação (Figura 24), trazendo o empirismo do positivismo e, em seguida, apresenta o método da experimentação, com os estudos do físico Belga Joseph Antoine Ferdinand Plateau (1801-1883), que, segundo Novaes (1923, p. 5) consiste em “um gota de glicerina suspensa em um líquido diferente, porém da mesma densidade, toma a forma esférica; mas se lhe imprimir-se um movimento de rotação, ela tomará a forma achatada, esferoidal”.

Figura 24 - Observação da esfericidade da Terra



Fonte: NOVAES, C. A. V. Geographia Secundária. 1923, p.5

A imagem, como dito, busca representar o empírico o que é possível de ser observado pelas pessoas a partir de um determinado ponto. Podemos considerar, ainda que, o uso de imagens como um método inovador do trabalho de Carlos Novaes, e acreditamos que por isso tenha ficado em circulação durante tantos anos. O seu trabalho apresenta um formato que não se via muito na época, muito por causa do trabalho gráfico no Brasil que caminhava a passos lentos.

O uso dessas fotografias, em uma época quando não se tinha televisão, internet, satélite e outras formas de comunicação, se apresentava como uma forma de fazer os alunos, literalmente, enxergar o que antes ficava apenas no espaço imaginativo, dando ao aluno a possibilidade de entender e ver as informações que eram discutidas nas aulas.

O mesmo processo empírico se pode observar quando o autor discorre sobre a posição da Terra no espaço celeste, além de apresentar os estudos de

observação dessa posição, o autor se preocupa em ilustrar como seria essa visão e mesmo que a imagem, esteja em preto e branco, é um agente facilitador desse processo de aprendizado. Na descrição da posição do planeta, Novaes (1923, p. 5-6) diz que:

Na observação do Céu, qualquer que seja a região escolhida pelo observador, afigura-se-nos sempre que estamos collocados no centro de uma esphera concava na superfície da qual estão prezas as estrellas; e como entre a superfície do nosso planeta e a superfície d'essa esphera existe o espaço infinito, onde gravitam todos os astros, concluimos que a Terra acha-se *isolada no espaço* (NOVAES, 1923, p. 5-6).

Figura 25 - Observação da Terra no espaço



Fonte: NOVAES, C. A. V. *Geographia Secundária*. 1923, p.5

Apresentada a forma de observação, o autor, seguindo o método positivista, trata de explorar porque se observa esse espaço onde os astros gravitam, e porque isso acontece, por meio de outra influência no pensamento do autor, o cientista Issac Newton (1643-1727).

Todos os astros estão em um dependencia mutua; eles actuam uns sobre outros segundo a lei natural formulada por Newton << na razão directa de suas massas e na razão inversa do quadrado das distancias. >> Ora sendo a Terra um astro, ella está sujeita a esta lei: a *Gravitação Universal* (NOVAES, 1923, p. 6).

Quando o autor se coloca a falar sobre o movimento da Terra, a estrutura metodológica positivista volta a se repetir, primeiro uma descrição do como se dá o fato ou o evento e em segundo lugar a apresentação da linguagem matemática para a explicação desse fenômeno. O autor afirma que:

Á primeira vista, a Terra nos parece imóvel no centro do Universo; ao redor d'ella nós vemos girar a aboboda celeste, arrastando em seu movimento o Sol e as estrellas. Dizemos então que o sol se levanta pela manhã. Que está no pino ao meio dia, e que se põe á tarde. A realidade é outra: é a Terra que gira sobre seu eixo (NOVAES, 1923, p. 8).

Seguindo os preceitos da Geografia Tradicional/Positivista, ele faz uma descrição minuciosa dos movimentos da Terra, e pode-se observar um esforço em aproximar ou em facilitar a aprendizagem dos alunos, trazendo o exemplo de como o mesmo fenômeno pode ser observado ao andar de trem. Isso não é só uma facilidade ao ensino, pode ser considerada também como uma forma de se fazer experimento desse movimento terrestre, por exemplo:

Dá-se ahi o mesmo phenomeno que notamos quando nos achamos em um wagon de estrada de ferro que caminha com toda a velocidade; então nos parece que as árvores e os demais objectos, que se acham à margem da via ferrea, caminham, quando justamente somos nós que andamos ficando os outros elementos parados (NOVAES, 1923, p. 8).

O exemplo do trem, se apresenta como uma forma inovadora de colocar os alunos no contexto do fenômeno, tendo em vista, que o carro ainda não era tão popular e que a maioria das viagens eram feitas em trens ou barcos. Colocar essa forma de análise possibilita ao aluno construir as suas próprias observações, ainda mais quando se fala do contexto paraense, que sofreu grande influência da estrada de ferro que ligava Belém a Bragança (1884).

Ao mesmo tempo que apresenta o fenômeno pela observação e pela descrição, o autor logo trata de confirmá-lo pela experimentação, por meio da experiência de outra influência no seu pensamento, o físico Jean Bernard Léon Foucault (1819-1868).

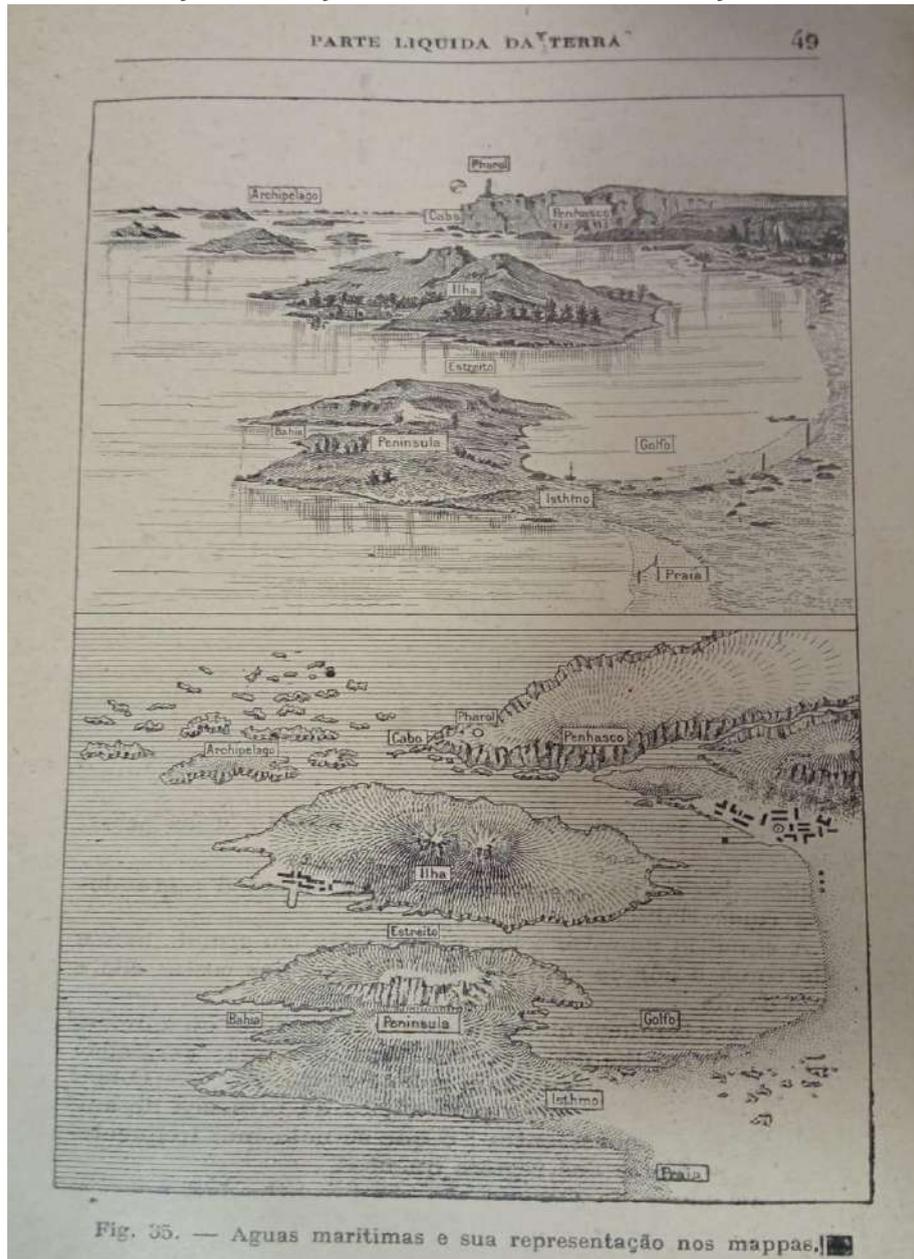
A experiência do celebre physico francez, Foucault, provou de um modo categórico o movimento de rotação da Terra. Da aboboda do Pantheon de Paris suspendeu-se um pendulo sob o qual estava traçada um circunferencia, cujo centro ficava na vertical do pendulo. Em torno da circunferencia dispuzeram-se montões de areia. Tirando o pendulo da posição de equilibrio e fazendo-o oscilar no plano do meridiano de paris, reconheceu-se que decorrido algum tempo parecia que o plano de oscilação se desviara de leste para oeste. Mas como o plano de oscilação dum pendulo é invariavel (experiencia de physica) concluiu-se que os diferentes meridianos iam sucessivamente passando de oeste para leste. Portanto, si o desvio no plano de oscilação do pendulo se dá de leste para oeste, é certo que a Terra gira do occidente para o oriente (NOVAES, 1923, p. 9-10).

Quando Carlos Augusto Valente de Novaes fala sobre cartografia, há um esforço em classificar, enumerar e descrever cada tipo de mapa. Ele aponta o planisfério; carta do globo; as Cartas gerais - para os 5 continentes; Cartas parciais - para divisões de uma parte do mundo; Cartas particulares - quando tratam de um país específico; Carta Corográfica - quando representa um país com os principais detalhes; Carta topográfica, quando descrevem um terreno de forma minuciosa; Carta hidrográfica, quando ocupam-se dos corpos d'água; Cartas orográficas, quando se ocupam, particularmente, de traçar as montanhas; Carta hipsométrica, quando se ocupa das alturas e curvas de nível dos espaço; Carta marítima, quando elas se ocupam especialmente das zonas costeiras e são destinadas a navegação (NOVAES, 1923, p. 43).

O mesmo acontece quando o autor descreve as partes costeiras. Após explicar cada uma delas, apresenta um desenho que enumera e ilustra cada uma dessas feições.

Portanto o pensamento de Lacoste, sobre a existência de duas Geografias, percebe-se que ao falar dos mapas o autor ensina a nomeá-los, mas não os instrui sobre como lê-los ou utilizá-los, isso faz parte da divisão da geografia do professor, a que é institucionalizada, posta para o cidadão e a que é feita pelo estado, crítica e interpretativa do espaço.

Figura 26 - Ilustração das feições costeiras, suas classificações e enumerações.



Fonte: NOVAES, 1923, p. 49

Todo esse sistema de classificar, descrever e enumerar deriva da Geografia Tradicional moldada no positivismo, que segundo Moraes (2007) conferiu a ela o título de disciplina enfadonha, de memorização, enciclopédia e muitos outros termos que são apresentados por diversos autores.

A terceira parte da obra é dedicada à Geografia política. Nela se nota algumas influências que derivam do pensamento de Immanuel Kant (1724-1804), que foi, segundo Cassab (2009) o primeiro professor de Geografia que se tem

conhecimento e que influenciou fortemente nas teorias geográficas principalmente no período de sua formação como ciência no início do século XIX.

Essas influências aparecem em algumas afirmações presentes no livro a respeito do ser humano e do seu comportamento com e sem educação, do seu processo civilizatório e do aperfeiçoamento de suas habilidades físicas e intelectuais. O autor diz:

O homem manifesta a sua inteligência pelo conhecimento e pela pratica das sciencias, das belas-artes, da indústriá, por meio das quaes elle se tem apossado de todas as cousas creadas e d'ellas se tem utilizado para o seu aperfeiçoamento moral, intellectual e physico (NOVAES, 1923, p. 177).

Trabalhando com o método comparativo que, de certa forma, deriva do positivismo, perceberemos que existe uma semelhança expressiva entre o que é dito por Carlos Novaes na citação acima e as ideias defendidas por Kant, apresentadas a seguir:

Portanto, a educação consiste: 1 – Na cultura escolástica ou mecânica, a qual diz respeito à habilidade é, portanto, a didática; 2 – Na formação pragmática, a qual se refere a prudência; 3 – A cultura mora, tendo em vista a moralidade”. [...] O homem precisa da formação escolástica, ou instrução, para estar habilitado a conseguir todos os seus fins. Essa formação lhe dá um valor em relação a si mesmo, como um indivíduo. A formação da prudência, porém, o prepara para tornar-se um cidadão, uma vez que lhe confere um valor público. Desse modo, ele aprende tanto a tirar partido da sociedade civil para os seus fins como a conformar-se à sociedade. Finalmente, a formação moral lhe dá um valor que diz respeito à inteira espécie humana (KANT, 1999, p. 35).

Em outra parte do texto, o Dr. Carlos Augusto Valente de Novaes aponta que o ser humano é “essencialmente social: precisa do concurso dos seus semelhantes para viver, para aperfeiçoar-se, para dominar a natureza e completar seus grandes trabalhos na ordem material e intelectual” (NOVAES, 1923, p. 177).

Nessa mesma perspectiva Kant (1999, p.18), afirma que “O homem é obrigado a tentar conseguir o seu fim; o que ele não pode fazer sem antes ter dele um conceito. O ser humano não pode cumprir por si só essa destinação”.

Nessas concepções a educação aparece como fundamental para o desenvolvimento das faculdades do homem, sejam elas físicas ou morais, pois para

Kant (1999, p. 15), “Um homem não pode se tornar um homem senão pela educação. Ele é aquilo que a educação dele faz”.

Carlos Augusto Valente de Novaes (1923, p.178), apresenta em seu livro uma classificação dos povos de acordo com o seu modo de viver, ele afirma que “segundo o modo de viver e os progressos que tem feito, dividem-se em três estados sociais: selvagens, bárbaros e civilizados”. Sendo o selvagem o ser humano primitivo e pouco social; o Bárbaro com um grau maior de sociabilidade, mas com o desempenho de atividades rústicas; e o civilizado como aquele que constitui nação, é inteligente.

Essa ideia de Civilizado e selvagem foi construída a partir dos conceitos europeus de costumes e hábitos sociais. Para essa nação, todos aqueles que se comportavam de forma diferente deles eram selvagens, foi assim com os indígenas, com os africanos e com outros povos das regiões invadidas por eles e que é perpetuada na obra de Carlos Novaes.

Dessa classificação o autor faz a descrição de como identificar cada uma delas, por diferentes aspectos, como instrução, organização social e atividades econômicas e religiosas. Ele descreve cada uma da seguinte forma:

O homem selvagem é um ser primitivo. Vive em família isolada; não conhece a arte da escripta, não tem industrias, a não ser a da pesca e a da caça; o culto religioso está cheio de vãs superstições; é por vezes nómada ou errante.

O homem no estado barbaro, tambem em certos casos errante, habita sob tendas, vive em tribos pouco numerosas, é pastor. Elle tira seus recursos dos rebanhos que apascenta; mas, como o selvagem, elle mui pouco edifica e apenas deixa sobre a terra traços de sua passagem.

O homem civilisado constitue nação, onde o trabalho é repartido entre os membros, segundo o seu gosto, suas aptidões e as circumstancias locais. Elle é essencialmente sedentario e torna-se agricultor, industrial, comerciante; eleva cidades, monumentos civis e religiosos.

Sua inteligencia produz não sómente a cousas indispensaveis á vida material, mas tambem elle cultiva as artes, as sciencias, a literatura, e deixa após si lembranças impereciveis, das quaes as gerações se aproveitam successivamente para o progresso da civilisação (NOVAES, 1923, p. 178).

Kant (1999), no discorrer do seu livro “Sobre a Pedagogia”, faz diversas reflexões sobre a selvageria do ser humano e de como ela se relaciona a arte de

educar, e a disciplina. Na visão desse autor, os selvagens e os bárbaros são seres humanos entregues à liberdade.

A selvageria consiste na independência de qualquer lei. A disciplina submete o homem as leis da humanidade e começa a fazê-lo sentir a força das próprias leis. Mas isso deve acontecer desde cedo. [...] O homem é tão naturalmente inclinado à liberdade que, depois que se acostuma a ela por longo tempo, a ela tudo sacrifica. Ora, esse é o motivo preciso, pelo qual é conveniente recorrer cedo a disciplina: pois, de outro modo, seria muito difícil mudar depois o homem. [...] Assim é preciso acostumá-lo logo a submeter-se aos preceitos da razão (KANT, 1999, p. 13-14).

Em outra de suas reflexões, Kant (1999) afirma que essa selvageria será natural, principalmente, quando estes se deixam seguir plenamente a sua vontade durante toda a juventude e não se lhe resistiu em nada, assim a selvageria lhe será própria para toda a vida.

Assim, percebe-se a comunhão de pensamento sobre a necessidade do desenvolvimento intelectual do ser humano, de como essas instruções torna o ser humano um ser humano e como o habilita a viver em sociedade e de forma organizada, obedecendo as leis que os são colocadas.

Quem não tem cultura de nenhuma espécie é um bruto; quem não tem disciplina ou educação é um selvagem. A falta de disciplina é um mal pior que a falta de cultura, pois esta pode ser remediada mais tarde, ao passo de que não se pode abolir o estado selvagem e corrigir um defeito de disciplina (KANT, 1999, p. 16).

è necessário retomarmos o debate para falarmos sobre o civilizado e o selvagem, essa era uma classificação que se faz desde o início dos tempos, mas que a muito já não é mais aceita, tendo em vista, que o parâmetro para definir que estava em cada grupo, era feita com base nos costumes de uma única nação que desenvolveu hábitos diferentes das demais. o uso dessas terminologias para falar sobre quem é mais inteligente, mais desenvolvido ou mais socialmente aceito, não pode mais estar presente nos nossos discursos. Existem hábitos diferentes e costumes diferentes, nem melhores, nem piores, apenas diferentes.

Uma nuance importante de se notar na construção da obra didática e da geografia brasileira é a concepção de economia. Quando o autor aborda o conteúdo da Geografia econômica, ele descreve a fauna e a flora e como são importantes

como matéria-prima, mas que é o trabalho do homem que os modelam para que sirva às suas necessidades.

Nessa perspectiva, tudo que é descrito é feito de uma forma não ideológica, empírica e que apenas se interessa em dizer como as atividades econômicas acontecem, sem adentrar nos módulos da relação econômica, os direcionamentos econômicos e similares.

Validando, mais uma vez, uma ideia que já foi proposta aqui, a respeito da existência de uma Geografia que tem de ser ensinada e de uma geografia que era utilizada pelos governantes, apresentada por Yves Lacoste. Pois a ausência de informação a respeito dessas relações econômicas, de muitas formas podem interferir no processo de construção da nação, no processo eleitoral e na construção das classes sociais.

Sobre as relações comerciais o autor afirma que: “O homem, vivendo em sociedade, precisa ainda que de outros pontos da terra lhe venham os productos que não existe em seu paiz; tem, pois, necessidade de trocal-os, enviar uns e receber outros: e o – commercio” (NOVAES, 1923, p. 185). Ou seja, o trabalho do Dr. Novaes descreve os fenômenos econômicos, mas sem falar, em momento algum, de valor de moeda, ou sistemas financeiros e do capitalismo.

Na 23ª sessão ordinária da câmara dos senadores, de 28 de novembro de 1891, Carlos Augusto Valente de Novaes profere um discurso que considero de grande importância para as análises aqui realizadas, mesmo essa não fazendo parte de seu livro. Esse é um processo comunicativo que ele exerce na qualidade de membro da comissão de instrução pública.

Fazendo parte da comissão da instrucção publica apresentou-se o ensejo para fazer reviver a minha idéa e felizmente os meus illustres collegas da comissão partilhando, commungando da mesma idéa, não tivemos a menos duvida em propor que o ensino primário em nosso Estado seja obrigatório (REVISTA DE EDUCAÇÃO E ENSINO, 1891, p. 166).

O processo discursivo do Dr. Novaes segue com a afirmação de que a grandeza de um país, de um estado não depende só de seu comércio ativo e crescente, de sua indústria, de sua agricultura, é preciso ainda que a sua população seja densa e instruída, é por todos estes motivos que a Alemanha é grande (REVISTA DE EDUCAÇÃO E ENSINO, 1891).

A ideia de associar o progresso à educação é uma reflexão presente nas ideias de Kant, no texto “Sobre Pedagogia”, bem como a ideia de obrigatoriedade do ensino. Embora as palavras não sejam as mesmas, os símbolos são. Disciplinar as crianças para a sociabilidade e para o entendimento de seus direitos e deveres na construção social.

Além disso, o autor associa que o bom desenvolvimento das atividades econômicas de um país só é possível se a sua população seguir o mesmo caminho “Como poderá haver verdadeira agricultura se o povo em sua maioria, é ignorante? Como poderá melhorar a indústria, se o povo, em sua maioria, é ignorante?” (REVISTA DE EDUCAÇÃO E ENSINO, 1891, p. 166).

Também precisamos aqui abrir um parêntese para falar sobre a multiplicidade de saberes e a forma como eles nos são apresentados. tratar a pessoa que não estuda como ignorante é outra classificação social que não cabe mais em nossa sociedade. Os saberes populares que derivam da experiência nos fizeram repensar esse conceito. Desse modo, existem formas diferentes de aprender e de ensinar e existem diferentes tipos de conhecimento presentes nos grupos dos saberes científicos, que derivam da ciências e os saberes populares, que derivam da experiência de vida.

Aproximando-se de Kant, o autor afirma que um povo sem instrução é um povo selvagem, não conhecendo este seus direitos e seus deveres. A Selvageria é um conceito que Kant, tantas vezes trabalhou em seus textos, colocando de forma veemente que quem não tem disciplina ou educação é um selvagem (KANT, 1999).

Nesse discursos ainda faz a construção do cenário do analfabetismo brasileiros e paraense, e para isso se faz valer da estatística como forma de reafirmar o seu posicionamento, fazendo uso da linguagem matemática para comprovar que é de fundamental importância para creditar a informação passada:

Se nós possuíssemos estatística, se ao menos se tivesse aproveitado o recenseamento, ainda que imperfeito, que foi mandado fazer pelo governo geral, veríamos que talvez a metade de nossa população é de ignorantes, de analfabetos (REVISTA DE EDUCAÇÃO E ENSINO, 1891, p. 166).

O Dr. Carlos Novaes apresenta que na ausência da obrigatoriedade do ensino primário é possível notar um grande número de meninos vadios, entregues ao vício, mendigando pelas ruas em vez de procurarem uma escola, onde com as

instrutivas lições dos mestres aprendam a ser bons filhos, para mais tarde serem bons cidadão. Com a obrigatoriedade do ensino, as escolas estariam repletas de meninos; mas, com a liberdade do ensino, vemos as escolas pouco frequentadas e as ruas repletas de meninos vadios viciosos.

Podemos analisar, ainda nos discursos do autor, a presença do eixo político patriótico, que se faz presente na crítica à forma como o currículo se apresentava, e que se pode considerar inovador para a época. No texto ele fala que:

No actual regulamento, ha uma cadeira de lingua portuguesa e de literatura nacional distribuída em dois annos, como a cadeira de lingua franceza. Prestando um pouco de attenção vê-se que a nossa lingua é preterida por uma lingua estrangeira que é ensinada em menos espaço de tempo porque o mesmo professor tem de reservar uma parte do tempo para o ensino de literatura patria (REVISTA DE EDUCAÇÃO E ENSINO, 1891, p. 168).

A crítica tecida pelo autor, tem suas raízes na Geografia, a construção do sentimento nacional deriva da construção de valores e símbolos patrióticos. Quando deixamos de lado a nossa cultura, a nossa língua, a nossa literatura, estamos falando diretamente com a construção de uma nação, que conhece e valoriza a sua história e o que é próprio de sua terra, para valorizar o que é estrangeiro. A crítica do autor era pertinente na época e é pertinente agora, pois essa é uma nuance que ainda pode ser observada nos dias de hoje.

Com a análise dos discursos presente no livro de Dr. Novaes e em textos complementares podemos perceber que o autor inovou no ensino da Geografia e das produções didáticas, mas também que não se deteve a isso, também criticou e mostrou formas de modificá-lo,

Quando o autor apresenta em seu livro uma infinidade de figuras que facilitam o processo de aprendizagem, numa época quando esse trabalho não era comum, ele se coloca um intelectual inovador.

Quando esse autor critica o regulamento de ensino, com o objetivo de fazer com que a língua mãe, a literatura pátria seja mais valorizada em detrimento das estrangeiras ele está buscando formas de melhorar e inovar na educação.

Quando tece críticas à forma como as escolas eram comandadas por seus diretores, quando fazia parte do Conselho de instrução pública, as fazia com o intuito de melhorar a educação, que foi uma das grandes preocupações de sua vida.

5. SABERES GEOGRÁFICOS NA OBRA GEOGRAPHIA SECUNDARIA DE CARLOS AUGUSTO VALENTE DE NOVAES

5.1 As bases bibliográficas do compêndio Geographia Secundaria

O Dr. Carlos Novaes ao produzir sua obra *Geographia Secundaria* buscou reunir o que havia de mais moderno sobre a Geografia no Brasil e em países da Europa como França, Alemanha e Portugal. A sua obra reflete suas convicções ideológicas, políticas, culturais e educacionais. Nela aponta o que deveria ser ensinado aos jovens no ensino secundário no País, constituindo-se em engrenagens de manutenção de determinadas visões de mundo.

Os discursos de Carlos Novaes na obra estão marcados pela presença de pensamentos, ideias e filosofias de intelectuais como: Peary, Newton, Nordenskiöld, Balbôa e outros. Esses autores assumem o caráter de validação dos conhecimentos geográficos tratados por Novaes em sua obra

Na 2ª parte do livro, o capítulo XII – Os cinco oceanos e seus principais mares - está arraigado de referências que colaboram com a construção do conhecimento geográfico, são elas: Robert Peary (1856-1920), contemporâneo de Carlos Augusto Valente de Novaes, um explorador norte-americano que conseguiu alcançar o polo norte (NOVAES, 1923). O seu trabalho buscava conhecer novas partes da Terra, principalmente as mais hostis como eram os pólos.

Outras referências como Adolf Erik Nordenskiöld (1832 – 1901); James Clark Ross (1800 – 1862); Roald Amundsen (1872 – 1928); Vasco Núñez de Balbôa (1475-1519); Fernão Magalhães (1480-1521), aparecem com a intenção de validar aquilo que está sendo dito, ou como forma de explicar, a partir das vivências e observações feitas nos relatos de viagens. Esses pesquisadores se preocuparam em explorar outras partes da Terra (NOVAES, 1923).

Percebe-se, que o discurso de Carlos Novaes é marcado por um esforço de trazer para o seu livro os conhecimentos em circulação em outros países, como o porquê ou a origem do nome das coisas, nesse caso dos espaços. Fernão Magalhães (1480-1521), português que, em 1520, descobriu a passagem ao sul da América do sul, atravessou todo o oceano de E. (leste) para O. (oeste), impelido por ventos e correntes favoráveis, deu uma nova denominação ao mar do sul, chamando-o de Oceano Pacífico, nome pelo qual é geralmente conhecido, por causa da calma de suas águas (NOVAES, 1923).

Quando ele menciona as afirmações de Jules Marcou (1824-1898) ele busca validar o seu discurso sobre o porquê deste continente ter recebido o nome América. Ele apresenta que:

A origem do nome << America>>, conforme a opinião de J. Marcou. - Este autor em duas sabias conferencias, afirmou que a palavra **America** era um termo indígena que designa em Nicaragua as altas terras que ficam entre Tegucigalpa e Libertad, quer dizer, a linha de separação entre as aguas que correm para o Atlantico e as que vão ter ao lago de Nicaragua. Christovão Colombo, na sua quarta viagem (1502 a 1503) foi ate a Costa Rica, na grande bahia de Chiriquy, onde viviam os indígenas Carcas e Ramas, os mais selvagens da America Central. É nesta região que se ergue a cadeia de montanhas chamada *America*. Estas montanhas possuem ouro, e Jules Marcou supõe que os primeiros navegadores hespanhoes, tendo perguntado aos indígenas de onde tiravam o ouro, estes respondiam: << da America >>, isto é, das altas terras do interior. [...] Elle demonstra com uma autoridade decisiva que o termo << America >> é de origem indígena e que tem o duplo sentido de – paiz rico em ouro – e de – paiz do vento. – (J. Marcou – Bulletin de la Societé de Géographie, 1875 e 1888) (NOVAES, 1923, p. 97).

O discurso trazido pelo autor, exposto acima, a respeito do nome América, refuta as afirmativas de que esse nome havia sido dado por causa de Américo Vespúcio, espanhol responsável pela exploração feroz da porção central da América. de muitas formas, essa reformulação no conhecimento nos faz pensar sobre como, na história, existem eventos que podem ter mais de uma versão.

O mesmo movimento é feito pelo autor quando busca explicar o porquê do nome Ásia, para fazer tal afirmação em seu discurso, busca base no geógrafo Carl Ritter (1779-1859), geógrafo prussiano referência nos estudos naturalistas da Geografia. Para esse intelectual:

O nome de Asia tem provavelmente por origem o dos asianos ou aseus, povos de quem falam Ptolomeu e Strabon e que habitava a leste do mar de Aza (Azof) nas regiões de Caucaso. O geographo Carl Ritter dá o nome de Asia o sentido de alta Região. [...] Para outros, o nome de Asia (<< Paiz de Léste >>) parece ter sido dado primitivamente a uma pequena região dos arredores de Smyrna. [...] Os Romanos chamavam Asia menos (Asia minor) a parte compreendida entre o mar Negro e o Mediterraneo, e Asia maior a Alta-Asia, isto é, o resto do Continente por elles conhecido (NOVAES, 1923, p. 142).

No seu livro, Carlos Augusto Valente de Novaes, se utiliza de Joseph Antoine Ferdinand Plateau (1801-1883) para explicar o formato da Terra, afirmando que essa não é uma esfera perfeita, mas sim um “Espheroide achatado” e explica que esse formato pode ser explicado a partir dos experimentos realizados pelo mesmo Intelectual. Ele diz:

A fórma achatada da Terra e dos outros planetas se explica pelo effeito da força centrífuga, desenvolvida pela rotação e actuando sobre as moleculas do astro ainda em seu estado fluido. Uma gotta de glycerina suspensa em um liquido differente, porém da mesma densidade, tóma a forma esférica; mas si lhe imprimir-se um movimento de rotação, ella tomará a forma achatada, espheroidal (NOVAES, 1923, p. 5).

É comum perceber influências europeias no livro, pois era de onde mais se trazia a maior parte do conhecimento que chegava ao Brasil, isso também por causa da estreita ligação entre eles, tanto pela colonização, quanto pelas relações sociais e comerciais. Quando as pessoas saíam de seu país para estudar, na maioria das vezes, iam para a Europa e de lá traziam suas tendências ideológicas e filosóficas.

Outro físico que embasa os estudos de Carlos Augusto Valente de Novaes é Isaac Newton (1643-1727). Ele o utiliza com o objetivo de explicar a ideia da posição e da gravidade da Terra. Novaes (1923) afirma que:

Todos os astros estão em uma dependencia mutua; elles actuan uns sobre outros segundo a lei natural formulada por Newton << na razão directa de suas massas e na razão inversa do quadrado das distancias. >> Ora, sendo a Terra um astro ella está sujeita a esta lei: a *Gravitação Universal* (NOVAES, 1923, p. 6)

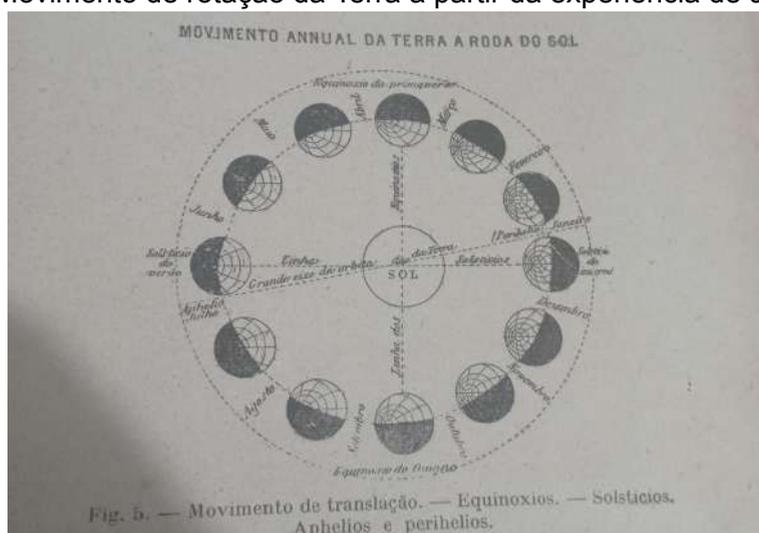
A fim de fundamentar as explicações acerca da rotação da Terra, Carlos Augusto Valente de Novaes se vale do físico francês Jean Bernard Léon Foucault (1819-1868). Em seu texto a experiência é apresentada da seguinte forma:

A experiencia do celebre physico francez, *Foucault*, provou de um modo categórico o movimento de rotação da Terra. Da abobada do Pantheon de Paris suspendeu-se um pendulo sob o qual estava traçada uma circumferencia, cujo centro ficava na vertical do pendulo. Em torno da circumferência dispuseram-se montões de areia. Tirado o pendulo da posição de equilibrio e fazendo-o oscilar no plano do meridiano de Paris, reconheceu-se que decorrido algum

tempo parecia que o plano de oscilação se desviara de leste para oeste. [...] Mas como o plano de oscilação dum pendulo é invariavel (experiencia de física) concluiu-se que os deferentes meridianos iam sucessivamente passando de oeste pra leste. Portanto, si o desvio no plano de oscilação do pendulo se dá de leste para oeste, e certo que a Terra gira do occidente para o oriente (NOVAES, 1923, p. 10).

É importante mencionar que, Carlos Augusto Valente de Novaes embora use desses autores para embasar o seu conhecimento e as informações contidas no compêndio, é ele também criador desse conhecimento, ou na elaboração de formas de aprendizagens desses conteúdos ao produzir a ilustração da Figura 26, que mostra de forma clara e objetiva a evolução do movimento de translação a cada mês. O uso dessa imagem facilita o processo imaginativo dos alunos para aprenderem o conteúdo.

Figura 27 - Movimento de rotação da Terra a partir da experiência de Jean Foucault



Fonte: Novaes, 1923, p. 10

Hugo Hildebrand Hildebrandsson (1838-1925) foi um físico sueco, com estudos voltados para o campo da meteorologia. É por esses trabalhos que Carlos Augusto Valente de Novaes o utiliza como referência, a fim de explicar a circulação geral da atmosfera.

Entre as diversas teorias que pretendem explicar a circulação geral da atmosfera, distingue-se a hipótese de *Hildebrandsson*, a qual nos seus traços gerais é admitida pela maioria dos meteorologistas. Resume-se no seguinte: Junto ao equador térmico (mínimo equatorial) as camadas atmosféricas sujeitas a um forte aquecimento expandem-se: então produzem-se correntes

ascensionaes e o ar acumulado a uma certa altura desloca-se para as faixas lateraes. Constitui-se assim duas correntes superiores que se dirigem do minimo equatorial pas as latitudes médias, onde se registram umas altas pressões, os máximos subtropicaes (NOVAES, 1923, p. 18-19).

Nos temas que se relacionam a cartografia Carlos Augusto Valente de Novaes toma por base dois autores: Karl Mollweid (1774-1825) matemático e astrônomo alemão e John Flamsteed (1646-1719) astrônomo inglês.

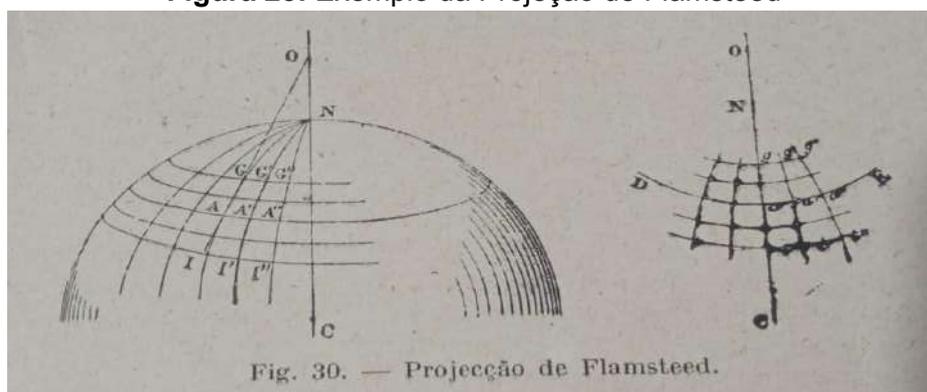
O primeiro apresenta uma projecção cartográfica da Terra. Em seu livro Carlos Augusto valente de Novaes apresenta essa projecção com 3 nomenclaturas – Projecção homologaphica; Projecção de Mollweid e Projecção de Babinet. O autor apresenta as características dessa projecção da seguinte forma: “Os parallels são representados por linhas parallelas e os meridianos por ellopses cortando o equador em pontos equidistantes. Este systema conserva melhor, em todas as partes da esphera terrestre, suas verdadeiras dimensões” (NOVAES, 1923, p. 44).

A segunda referência é John Flamsteed que modificar a projecção de Mollweid obteve uma nova forma de representação.

Assimilou uma porção da esphera a um tronco de cone que desenvolveu quasi simplesmente; os meridianos são linhas curvas na direcção dos pólos e os parallels arcos de circumferencia cujos centros se acham sobre o prolongamento do meridiano central, que é uma linha recta. Esta projecção é hoje geralmente adoptada em todos os Institutos geographicos para a representação dos mappas parciais (NOVAES, 1923, p. 44).

O autor demonstra essas características na figura 28, denominada de projecção de Flamsteed.

Figura 28: Exemplo da Projecção de Flamsteed



Fonte: NOVAES, 1923, p. 45

Quando trata dos temas relacionados à hidrografia, principalmente as características das águas oceânicas, ele faz referência a Matthew Fontaine Maury (1807 -1873). Maury foi um grande estudioso das águas oceânicas, enquanto trabalhava na marinha norte-americana. Ficou conhecido por entre os cientistas como "Descobridor dos Mares" e o "Pai da Oceanografia Moderna e da Meteorologia Naval".

Em seu livro, Carlos Augusto Valente de Novaes se utiliza de seus estudos para falar das características do mar.

Segundo Maury e outros sábios, os saes do mar são necessarios para impedir a putrefação das aguas e para facilitar a marcha dos navios; são ainda uma das principaes forças que determinam as correntes regulares dos oceanos. Com effeito, o calor e os ventos augmentam, pela evaporação, a salsugem e por conseguinte a densidade das camadas d'agua superiores que tendem a descer; de outro lado, as myriades de zoophytos, que trabalham sem cessar tirando da agua uma parte dos saes marinhos para a construção dos seus edificios, tornam menos densas estas camadas profundas que tendem a levantar-se. Esta dupla troca produz um movimento de circulação vertical, que tem um papel muito importante no systema geral da circulação oceânica (NOVAES, 1923, p. 51).

Maury, em outra referência, é mencionado no Capítulo XIII do livro que aborda os Mares e as correntes oceânicas, por suas contribuições com o mapeamento dos ventos e correntes oceânicas, incluindo faixas oceânicas para a passagem de navios no mar.

5.2 O Privilégio dos espaços e dos saberes

O discurso do Dr. Novaes e a forma como ele escreve o livro nos mostra o privilégios de alguns espaços em detrimento de outros, isso fica nítido na segunda parte do livro, que se dedica ao estudo dos continentes, é possível perceber que alguns continentes receberam maior atenção que outros.

Ao destacar, no capítulo I – Geographia physica da America – o autor começa falando a respeito do continente americano, abordando suas divisões, norte, sul e central. Em seguida traz informações estatísticas de dimensão, superfície, posição astronômica e os seus limites físicos.

O discurso de valorização aparece quando ele fala sobre as terras desse continente, afirmando que uma de suas características principais são os solos úmidos e de uma “extrema fecundidade” e quando afirma que a natureza nessa região “Oferece traços magestosos” (NOVAES, 1923, p.120). Ao trazer essa ideia de fecundidade, beleza e exuberância, o discurso busca fazer o encantamento de quem lê e o orgulho para quem pertence à nação.

A quantidade de páginas que são dedicadas ao estudo e descrição do continente Americano, bem como, a quantidade de mapas e imagens que ilustram esse capítulo, e exemplifica os temas tratados no livro, mostra que esse é um conteúdo privilegiado. Claro que essa valorização está pautada também no fato de o autor viver no continente.

No total são 25 páginas, 2 mapas, um que mostra a porção sul do continente e outro que foca a porção norte das terras, 4 fotos para representar o continente, tratando principalmente das paisagens como montanhas, lagos e florestas.

O capítulo II – *Geographia physica da Europa* - trata da descrição do continente Europeu e apresenta informações bem parecidas com as fornecidas sobre a América. É possível notar que neste capítulo há mais imagens explicativas dos locais que estão sendo abordados.

É interessante notar como o autor usa da Matemática, principalmente figuras geométricas para tratar das formas geográficas dos continentes e de outras formações, por exemplo: a Europa tem o formato de um triângulo retângulo e tem sua hipotenusa voltada para o atlântico. Isso deriva de sua vertente positivista.

Embora tenha menos páginas, 21 no total, a quantidade de imagens, 6 no total, é que nos faz perceber que esse foi um conteúdo privilegiado. Podemos justificar isso também pelo histórico da relação Brasil-Europa, do fato de nossa educação e da ciência geográfica terem sido baseadas nos modelos europeus.

As imagens presentes nessa parte do texto também focam nas paisagens naturais, entretanto 2 delas apresentam construções um porto e a ponte de Londres.

O capítulo III – *Geographia physica da Asia* - dedica-se a descrever a paisagem asiática. Enumerando seus limites, suas montanhas, seus mares, seus rios e lagos. Além de possuir um número ainda menor de páginas, 17 no total, o número de imagens, 2 no total, que trazem paisagens naturais, revela que esse era um conteúdo menos privilegiado.

Os dois últimos capítulos – Geographia physica da Africa e da Oceania - dedicam-se ao estudo da África e da Oceania, conteúdos menos privilegiados, o conteúdo apresentado, embora siga o mesmo formato não tem a mesma profundidade dos outros. Essa falta de profundidade pode se relacionar a muitos fatores, como por exemplo a ausência de estudos sobre os dois países na época de escrita do livro. De fato a Oceania foi o último continente a ser encontrado e pode ser que daí derive a dificuldade da escrita sobre esse espaço, bem como o fato de não se ter imagens deles. A, Oceania que faz parte do “Novíssimo mundo”.

Outro fato que nos faz pensar sobre o privilégio de alguns conteúdos em detrimento de outros é o tamanho dos mapas. Os mapas apresentados no estudo dos continentes estão em tamanhos diferentes, com uma valorização do continente Europeu. Isso também pode ser observado quando o autor afirma que a Ásia é maior que a África e a Europa juntos, mas no mapa isso não fica tão claro. Não estamos falando de erros dimensionais, mas sim da intencionalidade de colocar a Europa como centro do planeta.

Essa intencionalidade de supervalorização da Europa já é apontada nos estudos geográficos a muito anos, principalmente no referente aos mapas, fazendo com que se crie a ideia de que a Europa era maior do que a realidade e países e povos considerados inferiores, como é o caso da África, que apareciam menores que a realidade na projeção.

5.3 O Patriotismo e a Religiosidade temas permanentes no discurso

Uma observação recorrente é o sentimento cristão - patriótico que se articula no discurso de nação do Dr. Carlos Novaes, que é fundamental para a consolidação da República brasileira, tendo em vista que o compêndio foi publicado pela primeira vez três anos após a proclamação da república do Brasil.

É evidente o amor pela pátria a partir da valorização da terra, do lugar enquanto espaço físico, pensamento que surge a partir da corrente de pensamento do progressismo, que dominou o século XIX. Nesse pensamento de base social, econômica e filosófica estavam os preceitos de progresso, nele entendido como o avanço tecnológico, o avanço científico, o crescimento econômico e o desenvolvimento social, elementos necessários à evolução da humanidade.

É a partir da Geografia que conceitos fundamentais como: país, pátria, território, lugar e outros são veiculados para fomentar no leitor o entendimento e o sentimento de pertencimento à nação. É por esse motivo que na consolidação da França e da Alemanha ela foi fundamental.

Os professores dessa disciplina estavam incumbidos de difundir nas escolas saberes que estivesse voltada para ordem e civilização dos povos, ao tratar desse tema, a Geografia passava a estabelecer saberes definitivos que facilitasse o aluno na memorização dos termos científicos que são cobrados em formato de questionários.

Bittencourt (2004, p. 71) nos lembra que a metodologia de memorização, também chamada de mnemônico, era uma parte integrante do currículo escolar brasileiro desde o século XIX até o início do século XX, pois se considerava esse um método eficaz de aprendizagem, ou seja, naquela época, aprender era sinônimo de memorizar.

O que se esperava da escola e do professor era que esses encaminhassem o povo para um estado de civilidade fazendo com que, aos poucos, esses homens e mulheres, pudessem assimilar os preceitos de uma sociedade ordenada (CASTANHA, 2006).

Sendo assim, o saber propagado na obra se preocupa em estimular nos jovens a ideia de progresso como se fosse sinônimo de desenvolvimento moral. A intenção era igualar nosso país aos europeus.

Nota-se também a criação do sentimento de pertencimento e de posse daquilo que é do nosso continente. é possível notar na escrita do autor, em diferentes pontos as expressões “Nosso Hemisfério”; “Nosso Clima”; além de várias partes do texto que trazem o Brasil ao centro do debate. Da mesma forma percebe-se um regionalismo no Trabalho do Dr. Novaes, pois usa, em seus exemplos, cidades como Belém e Cameté – A cidade onde nasceu e a capital do seu Estado e em outras partes privilegiando os estados da região norte em seus exemplos.

Observa-se que os saberes mais abordados nos livros giram em torno da religião, da moral e da educação, visto que, ao tratar de todos os países traz grau de civilidade, sempre comparado ao modelo Europeu, as religiões que dominam, sempre dando preferências às definições e apresentação das religiões cristãs e a educação, mostrando o grau de instrução e a quantidade de escolas presentes naquela país.

Visentine (1994) afirma que o discurso da Geografia, que também está presente no do Dr. Novaes, tem importante papel na difusão do imaginário nacional de cada estado ou nação.

O mesmo acontece com os povos, anteriormente, as raças eram separadas por suas localidades, povos das planícies, povos das montanhas, isso por que os geógrafos acreditavam que o lugar formava o caráter humano, páginas antes mencionei, a partir de Moraes (2007), que os geógrafos consideram as pessoas das montanhas mais calmas e as das planícies mais hostis.

Carlos Novaes ao apresentar as raças o faz sob outra perspectiva a do nível de desenvolvimento, ele considera a raça, não só pelo lugar que habita ou pela cor da pele, mas faz isso pela linguagem, pela cultura e pela religião. Entretanto, esses fatores de desenvolvimento têm por parâmetro a Europa.

Esses temas estão contidos na terceira parte do livro que trata da Geografia política. É uma descrição minuciosa dos continentes com o objetivo de diferenciar as “raças” humanas em seu aspecto físico, moral, religioso e político. Para ele existem 5 tipos de raça, são elas: a Caucasica ou Branca, a Mongolica, a Malaia, a Americana e a Ethope. Essas diferenças também são apresentadas pelas questões climáticas, as condições físicas, sociais, econômicas e políticas.

No decorrer da leitura, observam-se alguns discursos que de forma implícita apresenta um teor preconceituoso em relação a alguns povos e aos lugares que pertencem, como vimos anteriormente, quando o autor diferencia os povos de acordo com suas características físicas.

Em seu discurso ele usa adjetivos que caracteriza as pessoas brancas de forma sensível e delicada, afirmando que os seus cabelos são “finos e macios”, “labios delgados e roseos”, “dentes finos e implantados verticalmente”, “nariz fino e saliente”, “corpo bem proporcional” e “Inteligencia Bastante desenvolvida”.

Entretanto, quando trata das pessoas de pele negra, o autor usa palavras como: “cabelos emcarapinhados”, “labios grossos”, “nariz chato”. O discurso do autor perde o seu teor delicado e sensível, e se mostra de forma mais seca e objetiva.

Os seres humanos também podem ser qualificados como “Selvagens”, “Bárbaros ou Civilizados”. Os selvagens são seres primitivos. Vivem em famílias isoladas; não conhecem a arte da escrita, não têm indústrias a não ser a da pesca e

da caça; o culto religioso está cheio de vãs superstições; são por vezes nômade ou errantes.

Os bárbaros, também às vezes errantes, habitam sob tendas, vivem em tribos pouco numerosas, são pastores. Eles tiram os seus recursos dos rebanhos que apascentam. Como os selvagens, eles pouco edificam, deixam apenas rastros na paisagem.

Os civilizados constituem nação, onde o trabalho é repartido entre cada membro, segundo o seu gosto, suas aptidões e as circunstâncias locais. Ele é essencialmente sedentário e torna-se agricultor, industrial, comerciante; eleva cidades, monumentos civis e religiosos. No decorrer do capítulo o autor se dedica a explicar as formas de governo como o Estado.

5.4 O compêndio e o programa de ensino escolar

O livro de Carlos Augusto Valente de Novaes foi pensado de acordo com o programa de ensino dos Ginásios e Liceus do Brasil, logo, pode-se perceber na estruturação do livro uma organização muito semelhante à das escolas da época. Para esta análise utilizaremos o termo da época programa de ensino do Liceu Paraense, tendo em vista a relação do autor com a instituição e por ser uma instituição relevante do seu estado de origem. Mesmo que naquela época não se faça referência ao programa como currículo, considero-o como se fosse.

Sempre que se fala em currículo uma dualidade se apresenta. A primeira é a necessidade que se tem de simplificar a definição do termo para que possam entendê-la. O currículo é aquilo que o aluno estuda! A segunda é quando se começa a desvendar as nuances dessa definição e se percebe que o currículo envolve dilemas e situações perante as quais somos obrigados a nos posicionar (SACRISTÁN, 2013).

A palavra currículo pode ter mais de uma definição. Para Sacristán (2013) o currículo pode se relacionar ao que fazemos como profissionais, nossa trajetória profissional, mas também pode se relacionar ao caminho que percorremos na nossa vida acadêmica, quais conteúdos serão aprendidos e quais terão mais privilégio nesse percurso e quais terão menos.

Ampliar as possibilidades e as referências vitais dos indivíduos, seja lá de onde vier. Ou seja, crescer e se abrir para mundos de referência mais amplos deve ser uma possibilidade para todos, ainda que isso se dê de maneira distinta em medidas desiguais. [...] Transformar as crianças/jovens/adultos em cidadãos solidários, colaboradores e responsáveis, fazendo com que tenham experiências adequadas e sejam reconhecidas como cidadãos enquanto são educadas. Fomentar nas crianças postura de tolerância durante o próprio estudo das matérias, o que implica a transformação desta. Consolidar no aluno o princípio de racionalidade na percepção do mundo, sem suas relações com os demais e em suas atuações. Torná-los conscientes da complexidade do mundo, das diversidades e da relatividade da própria cultura, sem renunciar à sua valorização também como “sua”, à valorização de cada grupo, cultura, país, estilo de vida, etc. Capacitá-lo para a tomada democrática de decisões (SACRISTÁN, 2013, p. 25).

No programa de ensino do Liceu Paraense em 1900 o ensino de Geografia se apresentava fundamentado no positivismo. Os saberes geográficos descritivos pautavam-se na memorização dos conteúdos.

No ensino da geographia o intuito fundamental seria a descrição methodica e racional da superficie da Terra, por meio de desenhos, na pedra e no papel, copiados mas nunca transfoliados, e de memoria, das cinco partes do mundo, dos países da America, especialmente do Brazil e dos da Europa, com a acentuada preocupação de se evitar minucias, nomenclaturas extensas, dados estatísticos exagerados e tudo quanto possa sobrecarregar a memoria do alumno ou não exercital-a com real proveito, quer no estudo da geographia physica, quer no estudo da geographia politica e do ramo economico (REGULAMENTO DO LYCEU PARAENSE, 1900).

Tabela 4: Saberes geográficos no programa de ensino do Liceu Paraense nas primeiras séries do curso no ano de 1913

1º SERIE	
1º - Geographia, sua definição. Divisões e subdivisões. Noções sobre as suas relações com as outras sciencias;	16º - America: mares,golfos, estreitos, ilhas, penínsulas, isthmo e cabos;
2º - Cartas geográficas e suas especies. Planispherio. Escala. Projecção;	17º - America: potamographia, vertentes e bacias;
3º - Globo terrestre, noções sobre suas formas, dimensão, posição e movimentos;	18º - Europa: Paizes, limites, posições geográficas e astronomica. Aspecto physico, climas e produções;
4º - círculos da esfera terrestre. Zodiaco. Esphera Amillar;	19º - Europa: mares, golfos, estreitos, ilhas, penínsulas, isthmo e cabos;
5º - Orientação. Rosa dos Ventos. Pontos Cardeaes e collateraes. Bussola;	20º - Europa: Orographia e systemas de montanhas, vulcões e geysers;
6º - Latitude Longitude, sua determinação. Meridiano inicial. Medidas intinerarias e de superficie;	21º - Europa: potamographia, vertentes e bacias;
7º - Estações. Zonas. Clima. Duração dos dias e das noites, sua causa e effeito;	22º - Asia: Paizes, posições geográficas e astronomicas, limites, dimensões, clima e produções;

<p>8° - Denominação dadas ás terras e ás aguas. Configuração horizontal e vertical da terra. Fontes;</p> <p>9° - Continentes e oceanos. Harmonias e contrastes continentais. Nivel do mar. Natureza, temperatura, coloração, velocidade, composição e phosphorescencia das aguas;</p> <p>10° - Correntes oceânicas, Mares;</p> <p>11° - Brazil: sua posição geographica e astronomica. Potamographia. Vertentes;</p> <p>12° - Brazil: ilhas, cabos, bahias, estreitos e canaes;</p> <p>13° - Brazil: prographia, planaltos, vales, lagos e lagoas;</p> <p>14° - America: Paizes, sua posição geographica e astronômica. Limites. Dimensões. Climas. Produções;</p> <p>15° - America: Orographia, vulcões e planícies;</p>	<p>23° - Asia – Mares, golfos, estreitos, ilhas, penínsulas, isthmo e cabos;</p> <p>24° - Asia: Orografia, systemas de montanhas, planícies e desertos;</p> <p>25° - Asia: Potamographia, bacias e vertentes;</p> <p>26° - Africa: paizes e regiões, limites, climas, mares, golfos, estreitos, cabos e produções;</p> <p>27° - Africa: Ilhas, orografias. Potamographia, vertentes e bacias;</p> <p>28° - Oceania: sua divisão, posição geographica e astronomica, limites, climas, mares, golfos, estreitos, penínsulas, isthmo e cabos. Produções;</p> <p>29° - Oceania: Ilhas e archipelogos. Orographia e potamographias;</p> <p>30° - Terras Arcticas. Terras Antarcticas. Noções sobre o descobrimento dos polos.</p>
2° SERIE	
<p>1° - Geographia politica. Formas de Governo. Estado. Noções sobre formas sociaes;</p> <p>2° - Geographia economica. Estatistica, indústria e commercio;</p> <p>3° - Noções sobre a historia da geographia. Descobertas.</p> <p>4° - ethnographia: raças humanas e seus caracteres]</p> <p>5° - Linguas e religião. Suas classificações</p> <p>6° - Flora e Fauna. Os tres reinos da natureza. Geographia botanica;</p> <p>7° - Brazil: limites, posições geográficas e astronomica, superfície, população, religião e língua. Noções sobre a sua flora e sua fauna;</p> <p>8° - Geographia Política do Brazil: governo, divisão, administração, commercio e indústria;</p> <p>9° - Idem Brazil: Vias de comunicação, cidades principaes, portos fluviais e maritimos;</p> <p>10° - Idem do dominio do Canadá;</p> <p>11° - Dos Estados Unidos da America do Norte;</p> <p>12° - Idem do Mexico;</p> <p>13° - Idem das Antilhas e America Central;</p> <p>14° - Idem da Venezuela e Guyanas;</p> <p>15° - Idem da Colombia e Equador;</p> <p>16° - Idem da Bolivia e Perú;</p> <p>17° - Idem do Chile;</p> <p>18° - Idem do Paraguay e Uruguay;</p> <p>19° - Idem da Republica Argentina;</p> <p>20° - Idem do Reino Unido da Gram Bretanha e Irlanda. Ligeiras noções historicas;</p> <p>21° - Idem da Suecia e Noruega;</p>	<p>22° - Idem da Russia;</p> <p>23° - Idem da Dinamarca e Luxemburgo;</p> <p>24° - Idem dos Paizes Baixos;</p> <p>25° - Idem da França. Noções historicas da Gallia Antiga;</p> <p>26° - Idem da Allemanha. Noções historicas da Germania antiga;</p> <p>27° - Idem da Suissa;</p> <p>28° - Idem da Austria-Hungria;</p> <p>29° - Idem de Portugal. Noções historicas;</p> <p>30° - Idem da Hespanha. Noções historicas;</p> <p>31° - Idem da Italia. Noções historicas e geográficas da Roma antiga;</p> <p>32° - Idem da Grecia. Noções historicas da Grecia antiga;</p> <p>33° - Idem da Peninsula dos Balkans: Turquia, Rumenia, Montenegro, Servia, Bulgaria e Albonia;</p> <p>34° - Idem da Persia e Arabia;</p> <p>35° - Idem do Industão e Indo-China;</p> <p>36° - Idem da China;</p> <p>37° - Idem do Imperio do Japão;</p> <p>38° - Idem da Corea e colônias estrangeiras da Asia;</p> <p>39° - Idem do Egypto, Abyssimia e Liberia;</p> <p>40° - Idem das Regiões da Africa: Africa ingleza, allemã, belga, franceza, italia, hespanholae portugueza;</p> <p>41° - Idem da Australia e possessões estrangeiras da Oceania;</p> <p>42° - Divisões da Oceania. Estudo das partes da Oceania, especialmente da Malasia.</p>
3° SERIE	
<p>1° - Chorographia: Estudo completo do estado do Amazonas;</p> <p>2° - Idem do Estado do Pará;</p> <p>3° - Idem do Estado do Maranhão;</p>	<p>26° - Estrutura geologica, mineralogia, flora e fauna;</p> <p>27° - População. Estado Comparativo da população do Brazil com os diversos paizes</p>

<p>4° - Idem do Estado do Piauí; 5° - Idem do Estado do Ceará; 6° - Idem do Estado do Rio Grande do Norte; 7° - Idem do Estado da Paraíba do Norte; 8° - Idem do Estado de Pernambuco; 9° - Idem do Estado de Alagoas 10° - Idem do Estado de Sergipe; 11° - Idem do Estado da Bahia; 12° - Idem do Estado do Espírito Santo; 13° - Idem do Estado do Rio de Janeiro; 14° - Idem do Estado do Distrito Federal; 15° - Idem do Estado de S. Paulo; 16° - Idem do Estado do Paraná; 17° - Idem do Estado de Santa Catarina; 18° - Idem do Estado do Rio Grande do Sul; 19° - Idem do Estado de Minas-Geraes; 20° - Idem do Estado de Goyas; 21° - Idem do Estado de Matto Grosso; 22° - Idem do Territorio do Acre; 23° - Costa, portos de primeira ordem, cabotagem, commercio com o exterior, importação e exportação, do Brazil; 24° - Costa, portos de segunda ordem, cabotagem, commercio interestadual. Companhias de navegação nacional e estrangeiras; 25° - Vertente, navegação fluvial, commercio interior, portos fluviaes;</p>	<p>e do Estado entre si. Superficie. Climatologia e Salubridade; 28° - Agricultura, Industria e Commercio. Principaes produções; 29° - Viação: Principaes estradas de ferro e de rodagem. Correios e telegraphos; 30° - Ethnographia e colonização do Brazil; 31° - Cosmographia, seu objeto. Noções sobre a formação da Terra; 32° - Esphera celeste e suas coordenadas; 33° - Estrellas. Contellações. Estrellas cadentes. Aerolitos; 34° - Systema Planetario. Satellites; 35° - Gravitação universal, suas leis; 36° - Terra, definição, forma, dimensões, posição e movimento; 37° - Athmosphera e meteoros. Principaes instrumentos metereologicos. Thermometro. Circulação athmospherica. Ventos; 38° - Da lua. Movimentos e phases. Paralaxe. Noções sobre sua constituição physica; 39° - Do sol e seus movimentos. Distancia e dimensões. Noções sobre sua constituição physica. Paralaxe. Ecliptica; 40° - Calendario, sua definição, éra, reforma gregoriana. Medida de Tempo; 41° - Cometas. Nebulosas; 42° - Eclipses.</p>
<p>Bibliographia: 1° e 2° SERIE Dr. Carlos Novaes – Geographia Secundária. Thomaz Pompeu – Geographia Geral. F.I.C. – Terra Illustrada.</p>	<p>3° SERIE Dr. Carlos Novaes – Chorographia do Brazil. Barão Homem de Mello – Atlas do Brazil. F.I.C. – Cosmographia.</p>

Fonte: TRINDADE JÚNIOR. E. E. (2019). Adaptação do programa de ensino do Gymnasio Paes de Carvalho (1913).

Listamos acima os conhecimentos geograficos que faziam parte do programa de ensino do Lyceu em 1913. Nesse programa a obra “Geographia secundaria” era apresentada como bibliografia obrigatória para os alunos da 1ª e da 2ª serie.

Naquela época, as obras de geografia adotadas no Liceu Paraense tinham que ser as mesmas adotadas pelo *Gymnasio Nacional*. Mas, caso os lentes da instituição publicassem obras a serem utilizadas no Liceu, deveriam ser aprovadas pelo Conselho Superior de Instrução Pública (Regulamentos do Liceu Paraense e Escola Normal: decretos n. 798 e 809 de 25 de janeiro de 1900).

Nesse período a Geografia não ocupava no programa de ensino grande destaque dentre as demais disciplinas escolares. A tabela a seguir mostra o tempo que era dedicado à disciplina Geografia em cada ano do curso secundário.

Percebe-se que ela aparece nos dois primeiros anos do curso com uma carga horária considerável, mas que esse quadro vai mudando com o avançar das séries.

Tabela 5: disciplinas e número de horas distribuídas por 6 anos de estudo.

1º ano	2º ano	3º ano	4º ano	5º ano	6º ano
Disc./ Hora	Disc./ Hora	Disc./ Hora	Disc./ Hora	Disc./ Hora	Disc./ Hora
*Arithmetica - 4 *Geographia - 3 *Portuguez - 3 *Francez - 4 *Desenho - 3	*Arithmetica/Algebra - 3 *Geographia - 3 *Portuguez - 3 *Francez - 3 *Inglez - 3 *Desenho - 3	*Algebra - 2 *Geometria/Arithmetica - 5 *Geographia - 1 *Portuguez - 2*Francez - 2 *Inglez - 3 *Allemao - 3 *Latim - 3 *Desenho - 2	*Algebra/Geometria/Trigonometria - 3 *Portuguez - 2 *Francez - 1 *Inglez - 2 *Allemao - 3 *Latim - 3 *Grego - 3 *Historia - 3 *Desenho - 2	*Mecanica/Astronomia - 3 *Physica/Chimica - 5 *Litteratura - 2 *Inglez - 1 *Allemao - 3 *Latim - 3 *Grego - 3 *Historia - 3 *Desenho - 1	*Mecanica - 2 *Physica/Chimica - 1 *Historia Natural - 5 *Geographia - 1 *Litteratura - 2 *Francez - 1 *Inglez - 1 *Allemao - 1 *Latim - 1 *Grago - 2 *Historia do Brazil - 3 *Logica - 3 *Desenho - 1
17horas	18horas	23horas	22horas	24horas	24horas

Fonte: TRINDADE JÚNIOR, E. E. 2019. Adaptação do Regulamento do Lyceu Paraense, 1900.

Conforme a tabela, as disciplinas passam a ser distribuídas em 6 anos de estudos e não mais em 7, com a ausência da Geografia agora no 4º e 5º ano, retornando no 6º ano e carga horária menor. Assim, estudava-se no 1º ano a Geografia física, priorizando os estudos sobre o Brasil; no 2º ano a Geografia política geral e particularmente a do Brasil; no 3º ano os estudos da Chorographia do Brasil especificamente, e para o 6º ano revisão do que foi trabalhado nos anos anteriores. (TRINDADE JUNIOR, 2018)

As análises feitas acima, mostram a importância do trabalho do Dr. Novaes na construção do pensamento geográfico brasileiro, bem como a importância de sua obra para o desenvolvimento da educação. Este autor, por meio de seu discurso e de sua obra, foi responsável pela educação da juventude de diversos estados durante um longo período, já que se acredita que sua obra tenha vigorado nas instituições até 1930.

Dessa forma a Análise do seu discurso nos mostra muito da sociedade e da produção do conhecimento da época e nos põe a refletir sobre quais os reflexos que perduram dessa época na educação e na Geografia nos dias de hoje.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os estudos sobre os intelectuais e suas ideias educacionais ainda são incipientes, mas, esse quadro vem mudando. Estudar os intelectuais, compreender seu pensamento é um caminho que vai clareando a cada passo que é dado e que o pesquisador muitas vezes não sabe o que lhe espera e onde vai conseguir chegar, dada a dispersão de fontes. Esse foi o sentimento que descobri ao longo dessa pesquisa.

Quando resolvi pesquisar o Dr. Carlos Augusto Valente de Novaes, imaginei todo o caminho que percorreria, onde encontrar as fontes, como analisá-las e etc. Ledo engano! O caminho que fiz até aqui, é completamente distinto do que imaginei que faria. As fontes encontradas, os textos analisados, os locais onde encontrei as fontes e o momento quando essa pesquisa foi desenvolvida, nem de longe se parecem com os que eu pensei que percorreria.

A biografia que construí com as referências que foram encontradas, com toda certeza, servirá de base para outros trabalhos que tomem o autor ou suas obras como objeto de pesquisa, tendo em vista que conhecer a história do autor é o primeiro passo para analisá-lo.

Conhecer o autor é a melhor forma de entender seu pensamento e o seu discurso, pois ambos são afetados pela maneira como esse se constrói enquanto sujeito. Saber seu local de origem, suas inclinações políticas, onde estudou, o que estudou e o tipo de educação que recebeu, nos ajudam a conhecer o autor. Claro que essa não é uma construção fechada e nem conclusiva.

Entender o pensamento geográfico, social, político e econômico do autor permite compreender as batalhas que ele travou ou as causas que defendeu. Saber que Carlos Augusto Valente de Novaes foi um intelectual da educação e da Geografia e que se dedicou a elas e ao seu desenvolvimento, nos faz compreender o porquê de, em seu discurso, querer torná-la obrigatória para as crianças, tendo em vista a pobreza e a miséria em que se encontrava e vendo na educação a única forma de melhor desenvolver essas crianças. Ele via o valor da educação.

Talvez por esse motivo tenha exercido tantos cargos na esfera educacional e política, pois nas práticas de seus exercícios sociais, seus objetivos ficaram muito claros, fazer da educação o meio pelo qual se daria melhores

condições ao povo; trazer um sentimento cívico que despertasse nos jovens o amor pela pátria; levar aos educandos o conhecimento sobre outras partes do globo e trazer de outros lugares conhecimentos que ainda não se tinha nessa terra.

É importante reforçar que no decorrer do livro, são apresentados, de forma detalhada todos os países, entretanto o Brasil não tem nenhum tipo de destaque, mesmo que o livro tenha sido escrito para escolas brasileiras,mas isso é proposital, já que para as análises e informações do Brasil o aluno deveria comprar outro livro produzido pelo mesmo autor, que dedicava suas páginas a falar de forma detalhada sobre cada região e estado, privilegiando algumas cidades.

Ter informações sobre sua formação educacional, colabora com o entendimento da construção de sua obra, quais conteúdos são abordados, como são abordados e o discurso presente em cada um deles. Nota-se uma valorização maior da Europa, em detrimento de outros continentes como a África e a Oceania, respectivamente o continente mais afetado pela fome, miséria e escravidão e o ultimo pais a ser explorado nas grande navegações.

O período em que a obra foi produzida (pós proclamação da república) se relaciona ao fato de o discurso cívico/patriota ser tão presente em sua obra. Aquele momento o objetivo da Geografia, de seus livros e professores era formar uma nação, era unir o seu povo em prol da república brasileira, por isso seu discurso é carregado de nossa terra, nossas florestas, nossas águas. Para forjar o sentimento de pertencimento.

Da mesma forma, essa análise se encarrega de mostrar as definições e construções das raças, como são caracterizadas e o que é levado em consideração para essa caracterização. O discurso apresentado por Novaes traz características da época, as separações raciais, a busca pela definição e diferenciação de cada raça. O pensamento racista presente no Brasil.

É fato que o compêndio analisado tem suas deficiências e potencialidades. Como já foi dito, é um livro inovador na quantidade de fotografias, figuras e ilustrações que visou melhorar as questões de ensino aprendizagem. Da mesma forma que apresenta o caráter massivo e enumerativo típico da Geografia da época. Porém, de forma alguma, isso serve para desmerecer o trabalho produzido pelo intelectual.

A parte final da quinta sessão é responsável por mostrar a relação da produção do conteúdo, como o programa de ensino utilizado na época, nesse caso o

do Lyceu Paraense, a instituição pública de educação secundária com maior visibilidade e equiparada ao ginásio nacional de Pedro II. Nota-se que a sequência e os conteúdos abordados seguem à risca o programa da instituição, o que fica claro também pelo sumário da obra apresentado no anexo 1.

A organização da obra em acordo com o programa era fundamental para que a juventude conseguisse dar continuidade aos seus estudos, tendo em vista que até hoje estes são sequenciados. Dessa forma, para sair do ensino secundário e ir adiante o aluno precisava ter um bom desempenho nos testes a partir do que era ensinado.

A sua obra carrega as ideias positivistas de civilidades. Quando o autor fala sobre educação, sobre a sociedade e a diferença entre os povos ele faz isso com base no grau de civilidade de cada um e os classifica de sociais e selvagens, esse mesmo discurso pode ser percebido nos textos de Comte, em Kant e em outros intelectuais.

Essa ideologia de civilizado e selvagem não é mais aceita hoje, tendo em vista que as sociedades se desenvolvem de forma diferente e constroem seus hábitos, culturas e costumes de acordo com as suas vivências, não havendo um padrão para isso.

Estudar o intelectual, não nos revela apenas sobre ele, mas também sobre a construção de toda uma sociedade. O seu discurso dissemina ideias que podem encaminhar decisões políticas, sociais, econômicas e outras. Entender o intelectual e a função que ele ocupa na sociedade é compreender os rumos que os povos tomaram.

Realizar essa pesquisa, nos permitiu desenvolver os estudos sobre história da educação, aprofundar os estudos sobre a história da Geografia enquanto disciplina escolar e ciência, a sua relação com a filosofia positivista, a construção de seu pensamento, dos seus conteúdos, os discursos que são veiculados neles e de seu objeto de investigação. Nos permitiu identificar qual a Geografia que era ensinada, como era ensinada e como os alunos eram avaliados.

Observamos também que, dadas as dificuldades do período de produção da pesquisa, ela foi produzida da melhor forma que o tempo nos permitiu. Como foi dito na Metodologia, foram tempos difíceis e a forma de fazer pesquisa, de estudar e de buscar fontes precisaram ser repensadas, com isso é impossível que não fique

em nossos corações o sentimento de que dava para ter realizado mais, investigado mais e buscado mais.

Acredito que esse é um sentimento que não muda, independente do período histórico vivido. Entretanto consideramos que para essa produção o contexto histórico foi determinante na forma com a pesquisa foi realizada e até quando ela pode ser aprofundada.

Todos os entendimentos apresentados até aqui foram fundamentais para a finalização desse estudo. Desse modo consideramos que os objetivos da pesquisa foram alcançados bem como as questões que foram levantadas a respeito do intelectual foram respondidas. Aqui fica o sentimento de dever cumprido.

FONTES

Biblioteca Nacional Digital do Brasil

Jornal Diario de Belém: Folha Política, Noticiosa e Commercial, Belém, 1868-1889. Disponível em: <http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>. Acesso em: 3 abr. 2020.

Jornal Diario de Belém, Belém, 1889. Disponível em: <http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>. Acesso em: 9 abr. 2020.

Jornal Diario de Belém, Belém, 1889. Disponível em: <http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>. Acesso em: 15 abr. 2020.

Jornal Folha do Norte, Belém, 1896. Disponível em: <http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>. Acesso em: 9 abr. 2020.

Jornal Rua do Ouvidor, anno II, n. 58, Rio de Janeiro, 17 de junho de 1899. Disponível em: <http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>. Acesso em: 3 abr. 2020.

Jornal A Noticia, Rio de Janeiro, 1900. Disponível em: <http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>. Acesso em: 15 abr. 2020.

Jornal Correio da manhã, Rio de Janeiro, 1910. Disponível em: <http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>. Acesso em: 3 abr. 2020.

Jornal Estado do Pará, anno III, n. 802, Belém, 22 de junho de 1913. Disponível em: <http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>. Acesso em: 3 abr. 2020.

Repositório da Universidade Federal de Santa Catarina.

Revista de Educação e Ensino. Belém: Typ. de Tavares Cardoso. n.9, v.1, nov. 1891. Disponível em: <http://www.repositorio.ufsc.br>. Acesso em 16 abr. 2020

Revista de Educação e Ensino. Belém: Typ. de Tavares Cardoso. n.10, v.1, dez. 1891. <http://www.repositorio.ufsc.br>. Acesso em 16 abr. 2020

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE JÚNIOR, D. M. de. **O tecelão dos tempos**: novos ensaios de teoria da História. São Paulo: intermeios, 2019.

ANGELO, M. D. L. **A Geografia escolar brasileira e os autores de livros didáticos: uma análise de obras publicadas no final do século XIX**. Monografia (graduação). João Pessoa: UFPB, 2011.

_____, **Livros didáticos de geografia e seus autores: uma análise contextualizada das décadas de 1870 a 1910, no Brasil**. 2014. 235 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2014.

ARAÚJO, I. H. T. F. de; ROCHA, G. O. R. da. De “nocivo a educação geral” à “templo do saber” as transformações no Gynmasio Paes de Carvalho na primeira República. **Revista HISTEDBR on-line**, Campinas SP, n. 69, p. 52-75, set. 2016. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/histedbr/article/view/8648236>, acesso em: abril de 2021

BARBOSA, R. Reforma do ensino primário e várias instituições complementares da instrução pública. In: BARBOSA, R. **Obras completas de Rui Barbosa**. Rio de Janeiro, Ministério de Educação e Saúde, 1946. v. X, tomo II.

BITTENCOURT, C. M. F. **Livro didático e conhecimento histórico: uma história do saber escolar**. Tese de doutorado. São Paulo: Faculdade de Educação da USP, 1993.

_____. **O saber histórico na sala de aula**. 12. Ed. 5 reimpressões. São Paulo: Contexto, 2020.

_____. **Ensino de História: fundamentos e métodos**. São Paulo: Cortez, 2004.

BLOCH, M. **Apologia da História ou o Ofício do Historiador**. Edição anotada por Étienne Bloch. Apresentação à edição brasileira: Lilia Moritz Schwarcz. Tradução André Telles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

BOBBIO, N. **Os intelectuais e o poder: dúvidas e opções dos homens de cultura na sociedade contemporânea**. São Paulo: UNESP, 1997.

BOLIGIAN, L. **A cartografia nos livros didáticos e programas oficiais no período de 1824 a 2002: contribuições para a história da geografia escolar no Brasil**. 2010. 222 f. Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade Estadual Paulista, Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Rio Claro, 2010.

BRAGA, T. **Noções de Corografia do Estado do Pará**. Belém. Imprensa Gráfica Amazônia. 1916.

BRASIL. Decreto nº 3.914, de 23 de janeiro de 1901. Rio de Janeiro, 26 de Janeiro de 1901. In: Diário Oficial da União – seção – 06/02/1901.

CABRAL, D. Escola Anatômica, Cirúrgica e Médica do Rio de Janeiro publicado em Mapa - Memória da Administração Pública brasileira a 10 de novembro de 2016. Disponível em: <http://mapa.an.gov.br/index.php/dicionario-periodo-colonial/171-escola-anatomica-cirurgica-e-medica-do-rio-de-janeiro>, Acesso em outubro de 2021.

CAPEL, H. **Filosofia y ciência em la Geografia contemporanea: uma introdução a la Geografia**. 2. Ed. Barcelona, Barcanova, 1983.

CARVALHO, N. R. de. **Geographia do Brazil: a construção da nação nos livros didáticos de geografia da primeira República**. 209 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Instituto de Geociências, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2012.

CASSAB, C. **Reflexões sobre o ensino de Geografia**. Geografia: Ensino & Pesquisa, Santa Maria, v. 13, n. 1, p. 43-50, 2009.

CASTANHA, André Paulo. Moralidade pública e Educação no século XIX. In: **IV CONGRESSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO**. Goiânia/GO, novembro de 2006.

COMTE, A. **Curso de Filosofia positiva**. São Paulo: Abril Cultural, 1978, 318 p.

_____, Biografia. in: **Coleção Os pensadores**. seleção de textos de José Arthur Giannotti; traduções de José Arthur Giannotti e Miguel Lemos. — São Paulo: Abril Cultural, 1978. p. 9-32.

CRUZ COSTA. **Augusto Comte e as Origens do Positivismo: Origens da filosofia e da política de Augusto Comte**. São Paulo: Cia Editora Nacional, 1956.

_____. **Contribuição à História das Ideias no Brasil: O desenvolvimento da filosofia no Brasil e a evolução histórica nacional**. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1956.

FAUSTO, B. **História do Brasil**. 2 ed., São Paulo. Editora da Universidade de São Paulo, 1995.

FEBVRE, Lucien. (2012) **Martinho Lutero, um destino**. São Paulo: Três Estrelas

FRANÇA, M. do P. S. G. de S. A. **José Veríssimo (1857-1916) e a Educação Brasileira Republicana: raízes da Renovação Escolar Conservadora**. Tese de Doutorado em Educação. Universidade Estadual de Campinas, 2004.

_____. **Raízes históricas do ensino secundário público na Província do Grão Pará: o Liceu Paraense (1840-1889)**. Dissertação (Mestrado em Filosofia e História da Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, 1997.

GYMNASIO PAES DE CARVALHO. Programmas de ensino. Belém: Imprensa Official do Estado do Pará, 1913. 156p.

GRAMSCI, A. (1982) **Os intelectuais e a Organização da Cultura**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

GUINZBURG, C. **O queijo e os Vermes: o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela inquisição**. Tradução Maria Betânia Amoroso; Tradução dos poemas José Paulo Paes; Revisão técnica Hilário Franco Júnior. 1 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

IBGE – Instituto Brasileiro De Geografia Estatística. **Dados Municipais**. Rio de Janeiro, 2020.

IBGE – Instituto Brasileiro De Geografia Estatística. **História dos municípios**. Rio de Janeiro, 1957.

KANT, I. **Sobre a Pedagogia**. Piracicaba: UNIMEP, 1999.

LACOSTE, Y. **A Geografia** – isso serve, em primeiro lugar, para fazer a guerra. Tradução de Maria Cecília França. 2. Ed. Campinas, SP, Papyrus, 1989.

LE GOFF, J. **História e memória**. Campinas: Editora da Unicamp, 1990.

_____, Prefacil. In: BLOCH, M. *Apologia da História ou o Ofício do Historiador*. Edição anotada por Étienne Bloch. Apresentação à edição brasileira: Lilia Moritz Schwarcz. Tradução André Telles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

LEITE, A. F. P. **História “histórica” da Filosofia no Brasil: João Cruz Costa**. 287 p. (Tese de Doutorado) UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS – UFMG. Belo Horizonte, 2014.

LENCIONE, S. **Região e Geografia**. São Paulo: EDUSP, 2009.

LINS, I. **História do positivismo no Brasil**. S. Paulo, Ed. Nacional (Brasiliana, 322), 1964.

LUCENA, R. G. de. **A revolução social dos maribondos e a igreja católica como protagonistas no processo de pacificação do conflito** (Pernambuco 1851-1852). Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Universidade Católica de Pernambuco. Recife-PE, 2018.

MARQUES, R. de C.; SILVEIRA, A. J. T.; PIMENTA, D. N. **A Pandemia de Covid-19: interseções e desafios para a História da saúde e do tempo presente**. Coleção História Do Tempo Presente: Volume III, 2020.

MORAES, A. C. R. **Ideologias geográficas: espaço, cultura e política no Brasil**. São Paulo: Hucitec, 1988.

_____. **Território e História no Brasil**. São Paulo: Annablume: 2005.

_____. **Geografia: pequena história crítica**. 21 ed. São Paulo: Annablume, 2007.

MOREIRA, R. **O discurso do avesso: para a crítica da geografia que se ensina**. São Paulo: Dois Pontos, 1987.

_____. **O pensamento geográfico brasileiro – as matrizes clássicas originárias**. São Paulo: Editora Contexto, 2008. Volume 1

NOVAES, C. A. V. de. **Geographia Secundaria**. Organizada segundo o programma dos Gymnasios, dos Lyceus e das Escolas Normaes do Brazil. 4 ed. Revista actualizada. Rio de Janeiro. Francisco Alves, 1923.

OLIVEIRA, W. K. de; *et al.* Como o Brasil pode deter o COVID-19. **Epidemiol.serv. saúde**, Brasília, 29(2), 2020.

ORLANDI, E. P. **Análise de Discurso** – princípios e procedimentos. 11. ed. São Paulo: Pontes Editores, 2020.

_____. **Discurso e leitura**. São Paulo: Cortez, 1998.

_____. **Análise de Discurso** – princípios e procedimentos. 11. ed. São Paulo: Pontes Editores, 2013.

PARÁ. Leis, decretos, etc. **Regulamentos do Lyceu Paraense e Escola Normal: decretos n. 798 e 809 de 25 de janeiro de 1900**. Pará: Imprensa Oficial, 1900.

PEREIRA, R. M. F. do A. **Da Geografia que se ensina à gênese da Geografia Moderna**. 3. ed. Florianópolis: Editora da Universidade Federal de Santa Catarina, 1999.

PERES, L. Disponível em <http://luisperescameta.blogspot.com/p/museu-de-fotos.html>. Acesso em julho de 2020.

ROCHA, G. O. R. **A trajetória da disciplina Geografia no currículo escolar brasileiro (1837-1942)**. 1996. 297 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulos. São Paulo, 1996.

_____, **Geografia Clássica: uma contribuição para história da ciência geográfica**. Revista De Educação, Cultura E Meio Ambiente. Dez. n.10, Vol. I, 1997.

RODRIGUES, D. S.; FRANÇA, M. do P. S. G. S. A. A Pesquisa Documental Sócio-Histórica. In: MARCONDES, M. I.; TEIXEIRA, E.; OLIVEIRA, I. A. de. **Metodologias e técnicas de pesquisa em educação**. Organizadoras: Belém: EDUEPA, 2010.

SACRISTÁN, José Gimeno. Saberes e incertezas sobre o currículo. Tradução Alexandre Salvaterra; revisão técnica: Miguel González Arroyo. Porto Alegre: Penso, 2013.

SAMARA, E. de M.; TUPY, I. S. S. **História, documentos e metodologia de pesquisa**. Belo Horizonte, Autêntica, 2007.

SILVA, J. M. **A bibliografia didática de Geografia: história e pensamento do ensino geográfico no Brasil (1814-1930...)**. Tese (Doutorado em Geografia) Universidade Federal de Uberlândia, MG, 2012.

SILVA, H. R. da. A História Intelectual em questão. In: LOPES, Marcos Antônio (Org). **Grandes nomes da história intelectual**. São Paulo: Contexto, 2003.

SILVA, W. G. da. **Lei 10.639/03**: a representação da África e dos afrodescendentes nos livros didáticos de Geografia no Brasil 2005-2014. Dissertação (Mestrado em Geografia). Universidade Federal do Amazonas, 2016.

SIRINELLI, Jean-François (2003). Os Intelectuais. In RÉMOND, René. **Por uma história política**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ/Editora FGV.

TONINI, I. M. **Geografia escolar**: uma história sobre seus discursos pedagógicos. Ijuí: Ed. Unijuí, 2020. 88p.

TRINDADE JÚNIOR, E. E. A história da disciplina Geografia e seu currículo no Colégio Estadual Paes de Carvalho (1889-1928). Monografia (Especialização no Ensino de Geografia). Universidade Federal do Pará, 2019.

VESENTINI, José William. Geografia crítica e ensino. In: OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino de. (Org.). **Para onde vai o ensino de Geografia?** São Paulo: Contexto, 1994, p. 30-38.

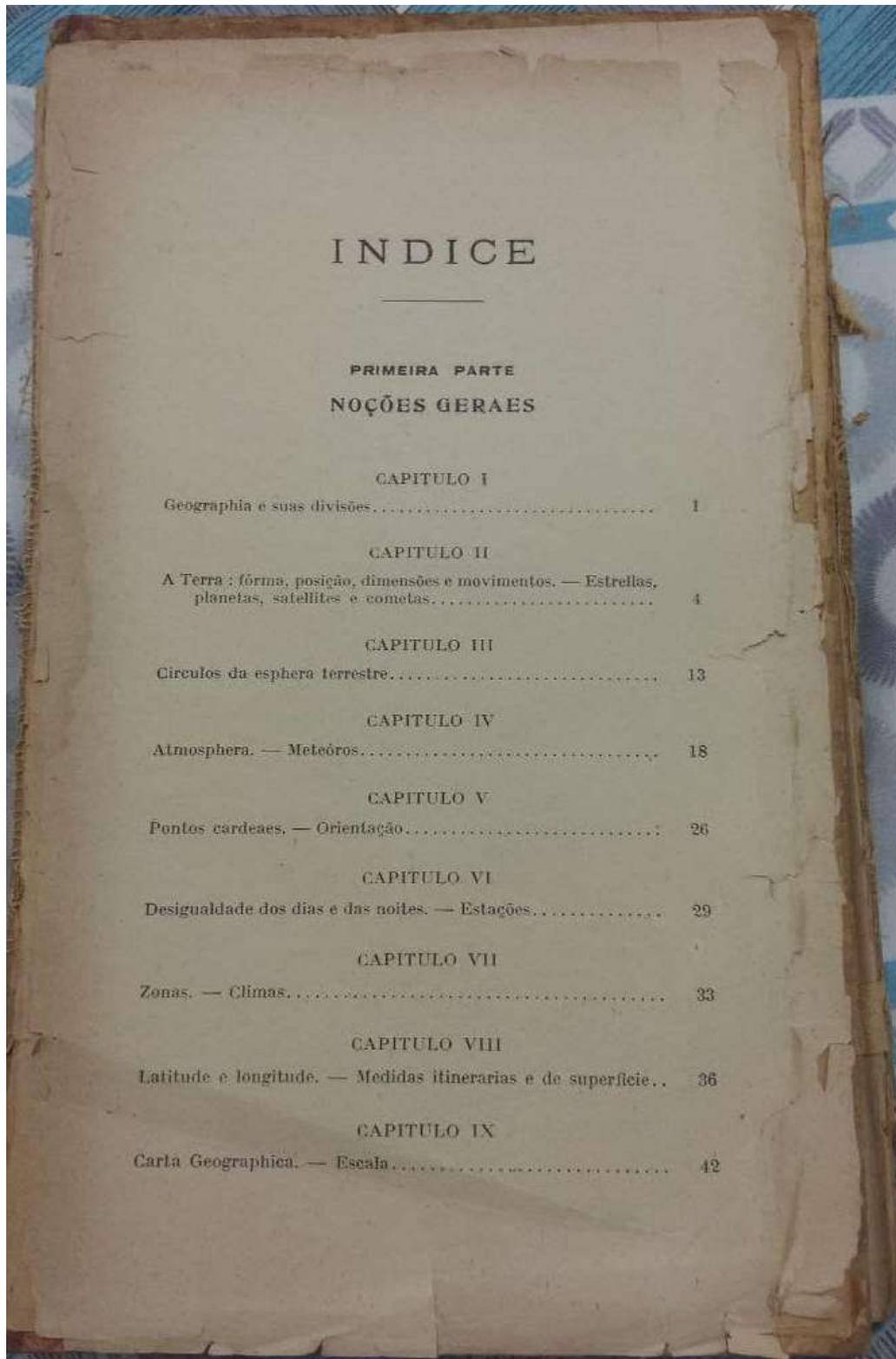
WASSERMAN, C. História intelectual: origem e abordagens. **Tempos Históricos**, Volume 19, 1º Semestre de 2015, p. 63-79, 1983-1463 (versão eletrônica).

Disponível em:

<https://erevista.unioeste.br/index.php/tempohistoricos/article/view/12762>, acesso julho de 2021.

ANEXO 1

Sumário da Obra didática do Dr. Carlos Augusto valente de Novaes.



INDICE	
PRIMEIRA PARTE	
NOÇÕES GERAES	
CAPITULO I	
Geographia e suas divisões.....	1
CAPITULO II	
A Terra : fórma, posição, dimensões e movimentos. — Estrellas, planetas, satellites e cometas.....	4
CAPITULO III	
Circulos da esphera terrestre.....	13
CAPITULO IV	
Atmosphera. — Meteóros.....	18
CAPITULO V	
Pontos cardeaes. — Orientação.....	26
CAPITULO VI	
Desigualdade dos dias e das noites. — Estações.....	29
CAPITULO VII	
Zonas. — Climas.....	33
CAPITULO VIII	
Latitude e longitude. — Medidas itinerarias e de superficie..	36
CAPITULO IX	
Carta Geographica. — Escala.....	42

CAPITULO X

§ I. Parte líquida da Terra. — Denominação de suas diversas formas.....	48
§ II. Parte sólida da Terra. — Denominação de suas diversas formas.....	59

CAPITULO XI

Os Continentes e as cinco partes do Mundo.....	70
--	----

CAPITULO XII

Os cinco oceanos e seus principaes mares.....	78
---	----

CAPITULO XIII

Marés. — Correntes oceanicas.....	85
-----------------------------------	----

II.ª PARTE

CAPITULO I. — AMERICA

Geographia physica da America.....	97
------------------------------------	----

CAPITULO II. — EUROPA

Geographia physica da Europa.....	122
-----------------------------------	-----

CAPITULO III. — ASIA

Geographia physica da Asia.....	142
---------------------------------	-----

CAPITULO IV. — AFRICA

Geographia physica da Africa.....	159
-----------------------------------	-----

CAPITULO V. — OCEANIA

Geographia physica da Oceania.....	171
------------------------------------	-----

III.ª PARTE

GEOGRAPHIA POLITICA

CAPITULO I

Fôrmas sociaes. — Estados. — Fôrmas de Governo..... 177

CAPITULO II

Os grupos ethnicos. — Línguas e religiões..... 181

CAPITULO III

Definições da Geographia economica..... 185

GEOGRAPHIA PARTICULAR

CAPITULO IV

AMERICA DO SUL

Brazil. (Veja a nossa <i>Chorographia do Brazil</i>).....	187
I. Argentina.....	191
II. Paraguay.....	192
III. Uruguay.....	196
IV. Chile.....	198
V. Bolivia.....	201
VI. Perú.....	205
VII. Equador.....	208
VIII. Colombia.....	212
IX. Venezuela.....	215
X. Guyanas.....	218
XI. Antilhas.....	

AMERICA CENTRAL

XII. Guatemala. — São Salvador. — Honduras. — Nicaragua. — Costa Rica. — Panamá. — Honduras britannica.....	226
---	-----

AMERICA DO NORTE

XIII. Mexico.....	233
XIV. Estados-Unidos do Norte.....	238
XV. Dominio do Canadá. — Terra Nova. — Bermudas. — São Pedro e Miquelon. — Terras arcticas. — Groenlandia.....	249

CAPITULO V

EUROPA

Geographia politica e economica da Europa.....	358
I. Inglaterra.....	363
II. Suecia e Noruega.....	375
III. Dinamarca.....	382
IV. Hollanda.....	388
V. Belgica.....	391
VI. Grão Ducado de Luxemburgo.....	396
VII. França.....	397
VIII. Monaco.....	310
IX. Andorra.....	310
X. Hespanha.....	311
XI. Portugal.....	320
XII. Alemanha. — Prússia. — Baviera. — Saxonia. — Wurtemberg. — Baden. — Hesse. — Ham- burgo. — Bremen. — Lubek.....	325
XIII. Danzig.....	338
XIV. Polonia.....	338
XV. Suissa.....	340
XVI. Italia.....	347
XVII. S. Marino. — Malta.....	361
XVIII. Fiume.....	361
XIX. Austria.....	362
XX. Liechtenstein.....	364
XXI. Tcheco-Slováquia.....	364
XXII. Hungria.....	367
XXIII. Russia (aspecto geral). — Finlandia. — Esthonia. — Lithuania. — Rússia. — Ucrania.....	369
XXIV. Península dos Balkans. — Turquia. — Zona dos Estreitos. — Grecia. — Yugo-Slavia. — Alba- nia. — Romania. — Bulgaria. — Bacia do Medi- terraneo.....	381

CAPITULO VI

ASIA

Geographia politica da Asia.....	403
I. Caucasia.....	407
II. Siberia.....	410
III. Turkestan Russo.....	419
IV. Asia Menor.....	425
V. Kurdistan e Mesopotamia.....	428
VI. Syria e Palestina.....	430
VII. Arabia.....	432
VIII. Persia.....	437
IX. Afghanistan.....	442
X. Belutchistan.....	446
XI. Indostão.....	448
XII. Indo-China.....	463

XIII. China.....	472
XIV. Coreia.....	482
XV. Japão.....	484

CAPITULO VII

AFRICA

I. Marrocos. — Argelia. — Tunisia. — Tripoli.....	493
II. Egypto.....	499
III. Sahara.....	505
IV. Sudão.....	508
V. Sudão occidental.....	508
VI. Região do Congo.....	513
VII. Zambézia e Africa Austral.....	517
VIII. Africa Oriental.....	523
IX. Ethiopia e Somalis.....	523
X. Archipelagos africanos.....	525

CAPITULO VIII

OCEANIA

Geographia politica da Oceania.....	529
I. Australasia.....	530
II. Insulindia.....	536
III. Melanésia, Polynésia e Micronésia.....	538
IV. Terras antarcticas.....	541



Universidade do Estado do Pará
Centro de Ciências Sociais e Educação
Programa de Pós-Graduação em Educação
Travessa Djalma Dutra, s/n – Telégrafo
66113-200 Belém-PA
<http://ccse.uepa.br/mestradoeducacao>